

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL –
PPGEA**

DARCI EMILIANO

**REVITALIZAÇÃO DOS SABERES E PRÁTICAS KAINGANG
SOBRE AS PLANTAS TRADICIONAIS COMO PROPOSTA
DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA TERRA INDÍGENA
LIGEIRO**

Rio Grande, junho 2015.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL –
PPGEA**

DARCI EMILIANO

**REVITALIZAÇÃO DOS SABERES E PRÁTICAS KAINGANG
SOBRE AS PLANTAS TRADICIONAIS COMO PROPOSTA
DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA TERRA INDÍGENA
LIGEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial exigido para a obtenção do Título de Mestre em Educação Ambiental.

Linha de Pesquisa: Educação Ambiental Não Formal. (EANF)

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini.

Rio Grande, junho2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin (orientador)
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Rogério Réus Gonçalves da Rosa
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Prof. Dr. Humberto Calloni
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos para Deus “TOPÊ”, por ter colocado pessoas tão especiais ao meu lado, sem as quais certamente não teria dado conta das minhas tarefas;

Aos meus pais (*in memóriam*), meu infinito agradecimento, pois sempre acreditaram em mim, na minha capacidade e que me fortaleceu nesta busca de poder fazer o melhor de mim;

A minha querida esposa, Ider por ter sido tão importante na minha vida, sempre ao meu lado, me pondo para cima e me fazendo acreditar que posso mais que imagino. Devido a seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio, alegria, amor e confiança, este trabalho pôde ser concretizado. Obrigado por ter feito meu sonho o nosso sonho;

Aos meus filhos que me apoiaram e me auxiliaram em todos os momentos;

Ao IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Sertão, a Direção Geral, Departamentos, Coordenadorias e colegas, professores e técnicos administrativos que me apoiaram a todo instante, desde o processo de inscrição a conclusão deste curso;

A Reitoria do IFRS – Bento Gonçalves, que permitiram e solucionaram e viabilizaram a remoção temporária ao IFRS – Campus Rio Grande, para que eu pudesse estudar e ao mesmo tempo trabalhar;

Ao IFRS - Campus Rio Grande, Direção, colegas e servidores que me acolheram tão bem.

É tão bom quando a gente sente que não está sozinho, neste sentido agradeço aos que estiveram tão próximos aos colegas Rodrigo Beatrici, Lenir Antônio Hannecker a amiga inseparável Roberta Cadaval, e não esquecendo jamais de meus entrevistados, curandeiras, benzedeadoras e kujà.

Aos colegas mestrandos e doutorandos, professores, secretárias do PPGEA - Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental;

A Universidade de Rio Grande, por proporcionar o ingresso, permanência e êxito do 1º indígena na Pós-Graduação - FURG e que não seja o último;

A Banca examinadora composta pelo professor Dr. Humberto Calloni e professor Dr. Rogério Réus Gonçalves da Rosa, os quais me conduziram, direcionaram para a conclusão de minha escrita;

Enfim que Deus abençoe e dê saúde ao meu Orientador professor Dr. Alfredo Guilherme Martim, que acreditou, incentivou, aconselhou nos momentos de alegria e de dificuldades, obrigado pelas palavras carinhosas e orientação e para terminar obrigado a todos que contribuíram, de forma direta ou indireta para a concretização desse ideal.

*Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza;
e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza.
Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma
diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.*

Boaventura de Souza Santos

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar a Revitalização dos Saberes e Práticas Kaingang Sobre as Plantas Tradicionais como Proposta de Educação Ambiental na comunidade Terra Indígena de Ligeiro no município de Charrua – RS. Trata-se de uma pesquisa de campo que busca melhor compreender o que provocou o abandono e esquecimento desses saberes, bem como possíveis alternativas teóricas e práticas para que a revitalização dos saberes culturais ancestrais seja realizada. Justifica-se pelo fato da utilização de plantas medicinais para o tratamento de enfermidades estar enraizada nas culturas indígenas e poder assim suprir, em parte, a deficiente atenção à saúde e as realidades da fome em muitas T.I. Foram realizadas visitas a campo para análise da situação atual e coleta de informações, com aplicação de entrevistas com vários indígenas, bem como com kujà e curandeiras; se implantou um horto medicinal com várias plantas, ervas e se distribuíram mudas de plantas frutíferas nativas. Para este projeto, dois alunos indígenas do IFRS – Campus Sertão atuaram na implantação deste Horto, assim como outros alunos indígenas da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio *Fág Mág (Pinheiro Grande)* trabalharam e apoiaram na execução dessa ação. Através da realização de fotos e vídeos, foram analisadas também as expressões atuais da cultura Kaingang na conjuntura, os elementos significativos que estão guardados ao longo das gerações e apontamos os desafios de permanecer na comunidade e revitalizar com sustentabilidade os saberes e práticas Kaingang, sempre com um olhar incondicional pela natureza. Foram sistematizadas as denominações específicas de cada planta, em correspondência com seu nome científico e com o seu nome tradicional da cosmologia dual Kaingang (kamẽ e kanhru). Conclui-se a partir dessa investigação que houve efetivamente o abandono e a falta de valorização de saberes e práticas relacionadas com a educação ambiental, pelas pressões da sociedade branca, o desejo de alguns indígenas de ser moderno e aceito na sociedade branca e pela ausência de trabalho de um educador ambiental. As iniciativas de revitalização são possíveis; o uso de plantas e alimentos tradicionais estão relacionadas com atividades que precisam ser vivenciadas primordialmente na escola, na relação com os kujà tradicionais e no desenvolvimento de projetos específicos e na motivação permanente para a responsabilidade ambiental, preservando a cultura e os costumes Kaingang que ainda são preciosos, especialmente na promoção da saúde da comunidade.

Palavras-chave: Terra Indígena Ligeiro; Povo Kaingang; Educação Ambiental; Revitalização; plantas tradicionais; kujà e saúde.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the Revitalization of Knowledge and Practices Kaingang About Traditional Plants like Proposal for Environmental Education in Indigenous community of Light in the municipality of Plough - RS. It is a field of research that seeks to better understand what caused the abandonment and neglect of this knowledge and possible theoretical and practical alternatives to the revitalization of ancestral cultural knowledge is performed. Is justified by the fact that the use of medicinal plants for the treatment of diseases be rooted in indigenous cultures and thus be able to meet, in part, poor health care and the realities of hunger in many IT were conducted field visits to review the situation Current and information gathering, applying for interviews with various indigenous as well as Kuja and healers; if you implemented a medicinal garden with various plants, herbs and distributed saplings of native fruit trees. For this project, two indigenous students IFRS - Campus Hinterland acted in the implementation of this Horto, as well as other indigenous students of the Indian State School of East Fág Mág Education (Pinheiro Grande) worked and supported the implementation of this action. By carrying out photos and videos, were also analyzed the current expressions of Kaingang culture in context, the significant elements that are stored over the generations and pointed out the challenges to remain in the community and revitalize with sustainability knowledge and practices Kaingang with ever an unconditional looking by nature. Systematized the specific names of each plant, in correspondence with its scientific name and the name of its traditional dual Kaingang cosmology (Kame and kanhru). It is concluded from this investigation that there was effectively abandoned and the lack of appreciation of knowledge and practices related to environmental education, the pressures of white society, the desire of some Indians to be modern and accepted in white society and the absence of Work an environmental educator. The revitalization initiatives are possible; the use of plants and traditional food are related to activities that need to be experienced primarily in school, compared with traditional Kuja and the development of specific projects and the permanent motivation to environmental responsibility, preserving the culture and customs that are still Kaingang precious, especially in promoting community health.

Keywords: Indigenous Light; Kaingang people; Environmental Education; revitalization; Traditional plants; Kuja and health.

Horto to vāme.

Vēnh rānrāj tag tóg tỹ ěg si ag kanhró to ke nĩ. Mỹr ěg vēnhkagta ti, kỹ ěg tóg hā to vēnh rānrāj fā han sór mũ, ěmā tỹ Ligeiro ki Charrua RS.Kỹ ěg tóg mén ũ han sór mũ, mỹr ěg tỹ to vēnh kanhrānrān ke vē, jāvo ěg tóg nén ũ e kājatun mũ há. Kófa ag mré vāmén ěg kujà ag kar kujà fag ke gé. Kỹ ěg tóg ga han sór mũ ěg tỹ vēnhkagta krānkrān jê kar kakanê mré hā nēn kāmĩ ke ěn ti. Ti munmur kỹ ěg tóg vinvin mũ vēnhkar mỹ ag tỹ krānkrān jê ke gé. Projeto tag han ag tógũ mũ regre ag IFRS Campus Sertão ki, ag tỹ horto han ge to vēsānsān vē. Arũnũ ta gag vỹ tỹ Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Fág Mág ki ke nỹtĩ.Kar ěg tóg kanhgág ag jykre ěn hā mũ sór mũ, ěg kófa ag kanhró vỹ vāfór ke tũ nĩ, ěg nén ũ há han sór vē ěg comunidade ag mré. Hā ra ěg tóg ver jagmré ěg kanhró tag tỹ rānrāj ke mũ.Ěg tỹ nén ũ han tũn kỹ ũ pi ěg jo han mũ. Kỹ ěg tỹ nén ũ han kỹ ěg tóg ki ĩr ke nỹtĩ, ti tỹ kar tũg ke tũ nĩ jé.Mỹr ěg pi ěg jykre tovānh ke nỹtĩ ěg tũ vē, ěg jo ke ag tỹ ěg jo togvānh ja ti.Kỹ ěg tóg hā mũ sór mũ, nén há vē ěg comunidade jo jykre há han ti, mỹr saúde to ke vē, kar ěg cultura ti ke gé kỹ ěg tóg iskóra ki ěg arũnũ ag mré vē sór ke nỹtĩ gé, ag tỹ to kanhrān jé gé, kājatun ge tũ ěg tóg nỹtĩ ěg vēnhkagta.

Vĩ tàr: Ěmā Ligeiro; Kanhgág pẽ ag vē; Nēn kāmĩ nén ũ to vēnhkanhrān ge; kujà, ěgòro; fe hà.

LISTA DE IMAGENS

Pg.	
	Imagem1 – Darci Emiliano25
	Imagem2 – Marcas de kamě e kanhru no artesanato27
	Imagem3 – Antigo cemitério na Terra Indígena Ligeiro30
	Imagem4 – Atual cemitério na Terra Indígena Ligeiro30
	Imagem5 – Preparo de chás32
	Imagem6 – Pinheiros na Terra Indígena Ligeiro34
	Imagem7 – Plantação de soja T.I.Ligeiro38
	Imagem8 – Artesanato indígena.....44
	Imagem9 – Artesanato indígena – taquara – Marina Ferreira45
	Imagem 10 – Artesanato indígena de cipó46
	Imagem 11 – Taquara matéria prima do artesanato47
	Imagem 12 – Comercialização de artesanato indígena49
	Imagem 13 - Venda de artesanato indígena na cidade50
	Imagem 14 – Administrado Representante da FUNAI – Lourinaldo Veloso53
	Imagem 15 – Guarana - prě54
	Imagem 16 – Panelão55
	Imagem 17 – Alunos indígenas atentos a uma explicação técnica do autor63
	Imagem 18 – Confecção do horto64
	Imagem 19 – Escola Estadual Indígena Fãg mág.....65
	Imagem 20 – Pinheiro Grande Fãg mág.....66
	Imagem 21 – Visita dos indígenas ao Instituto Educar – Pontão RS66
	Imagem 22 – Vista parcial da T.I. Ligeiro.....68
	Imagem 23 –.Posto de Saúde74
	Imagem 24 – Dança do kamě e kanhru.....76
	Imagem 25 – Modalidade cabo de guerra.....77
	Imagem 26 – Modalidade pesca.....78
	Imagem 27 – Modalidade corrida.....78
	Imagem 28 – Modalidade futebol de campo.....79

Imagem 29 – Distribuição de churrasco.....	80
Imagem 30 – Organização para retirada do churrasco.....	81
Imagem 31 – Casas indígenas incendiadas.....	82
Imagem 32 – Igreja Católica.....	86
Imagem 33 – Mata com plantas medicinais.....	92
Imagem 34 – Kujà Luiza Pedrozo.....	94
Imagem 35 – Kujà Augusto Opê da Silva.....	95
Imagem 36 – Apresentação de dança – Morro do Osso.....	97
Imagem 37 – Coleta dos alimentos tradicionais.....	98
Imagem 38 – V Encontro dos kujà – Morro do Osso.....	99
Imagem 39 – Kujà Jorge Garcia realizando atendimento com ervas naturais.....	100
Imagem 40 – Kujà Pedro Garcia e Kujà Jorge Garcia.....	119
Imagem 41 – Amora Silvestre.....	120
Imagem 42 – Araticum.....	120
Imagem 43 – Butia.....	120
Imagem 44 – Cereja.....	120
Imagem 45 – Coqueiro	120
Imagem 46 – Guabiju	120
Imagem 47 – Guamirim.....	121
Imagem 48 – Jabuticaba.....	121
Imagem 49 – Pinhão.....	121
Imagem 50 – Pitanga.....	121
Imagem 51 – Sete Capote.....	121
Imagem 52 – Vacuum.....	121
Imagem 53 – Uvaia.....	122
Imagem 54 – Goiaba Nativa.....	122
Imagem 55 – Abobora.....	123
Imagem 56 – Batata doce.....	123
Imagem 57 – Broto de abóbora e milho.....	123
Imagem 58 – Caraguatá do banhado.....	123
Imagem 59 – Caruru.....	123
Imagem 60 – Feijão.....	123

Imagem 61 – Mandioca.....	124
Imagem 62 – Mandioca braba – kumi.....	124
Imagem 63 – Mastruço/Mentruz.....	124
Imagem 64 – Moranga.....	124
Imagem 65 – Pepino.....	124
Imagem 66 – Serralha.....	124
Imagem 67 – Urtigão	125
Imagem 68 – Erva moura.....	125
Imagem 69 – Abobora.....	125
Imagem 70 – Alho	125
Imagem 71 – Angico	126
Imagem 72 – Aroeira.....	126
Imagem 73 – Arruda.....	126
Imagem 74 – Babosa	127
Imagem 75 – Boldo.....	127
Imagem 76 – Capim cidró.....	127
Imagem 77 – Carqueja.....	128
Imagem 78 – Cavalinha	128
Imagem 79 – Cipó-mil-homens.....	128
Imagem 80 – Confrei.....	129
Imagem 81 – Dente de leão.....	129
Imagem 82 – Erva-mate.....	129
Imagem 83 – Espinheira santa.....	130
Imagem 84 – Eucalipto.....	130
Imagem 85 – Erva moura.....	131
Imagem 86 – Funcho.....	131
Imagem 87 – Hortelã.....	131
Imagem 88 – Laranja.....	132
Imagem 89 – Língua de vaca.....	132
Imagem 90 – Marcela.....	132
Imagem 91 – Maracuja.....	133
Imagem 92 – Mastruço.....	133

Imagem 93 – Mil-em-ramas.....	133
Imagem 94 – Pata-de-vaca.....	134
Imagem 95 – Picão preto.....	134
Imagem 96 –Pitangueira.....	134
Imagem 97 – Quebra pedra.....	135
Imagem 98 – Romã.....	135
Imagem 99 – Salsa.....	135
Imagem 100 – Tansagem.....	136
Imagem 101 – Umbu.....	136
Imagem 102 – Urtiga.....	136
Imagem 103 – Visita a Sauri Manoel Antônio na T.I. Ventara – RS	144
Imagem 104 – Visita a Danilo Braga na T.I.Ligeiro – RS	144
Imagem 105 – Entrevista com Dona Olinda na T.I. Ligeiro – RS	145
Imagem 106 – Plantio de mudas com netos de kujà Jorge Garcia.....	145

LISTA DE MAPAS

	Pg.
Figura 01 – Mapa das Terras Indígenas Kaingang	69
Figura 02 – Mapa da T.I. Ligeiro	70
Figura 03 – Mapa daT.I. Ligeiro	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARPINSUL - Articulação dos Povos Indígenas

CTL – Coordenação Técnica Local

DST – Doença Sexualmente Transmissível

EAFS - Escola Agrotécnica Federal de Sertão

EANF – Educação Ambiental Não Formal

EMATER - Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

FUNASA - Fundação Nacional da Saúde

FURG - Universidade Federal de Rio Grande

IFES – Institutos Federais de Educação

IFRS - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul

LP – Luiza Pedrozo

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MG - Minas Gerais

OMS - Organização Mundial da Saúde

PAC- Programa de Aceleração do Crescimento

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão

RS - Rio Grande do Sul

SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

T.I - Terra Indígena

UPF - Universidade de Passo Fundo

UFLA - Universidade Federal de Lavras - MG

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – MINHA TRAJETÓRIA E ELEMENTOS BÁSICOS DA CULTURA KAINGANG	22
1.1 Minha Trajetória	23
1.2 Elementos Básicos da Cultura Kaingang: a Temporalidade Indígena.....	26
1.3 Aspectos míticos	31
1.4 Perspectivas de natureza	33
1.5 Importância da Terra	35
1.6 As Dificuldades de Economia	42
1.7 Artesanato	44
1.8 Organização Social das Aldeias, Liderança e Gestão	50
1.9 A Problemática da Pesquisa	58
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA	61
2.1 Implantação do Horto.....	62
CAPÍTULO 3 – TERRA INDÍGENA LIGEIRO	68
3.1 Dados Populacionais	72
3.2 Alfabetização	73
3.3 Dados Econômicos	73
3.4 Energia Elétrica	73
3.5 Domicílios Particulares Permanentes por Condição de Ocupação	73
3.6 Domicílios Particulares por Forma de Abastecimento de Água	73
3.7 Domicílios Particulares Permanentes por Existência de Banheiro	74
3.8 Domicílios Particulares Permanentes por Destino de Lixo	74
3.9 Posto de Saúde	74
3.10 Eventos e Comemorações.....	76

3.11	Conflitos internos.....	81	
3.12	Religião.....	86	
CAPÍTULO 4 – ALIMENTOS QUE CURAM E PLANTAS MEDICINAIS –			
SABERES TRADICIONAIS DA COSMOLOGIA KAINGANG.....			88
4.1	Os Kujà.....	95	
4.1.1	V Encontro dos Kujà	96	
4.2	A Saúde e as Curas Tradicionais dos Kujà.....	100	
CAPÍTULO 5 – RESULTADOS DA PESQUISA, DIFICULDADES ENCONTRADAS			
AVANÇOS E POSSIBILIDADES			110
5.1	Frutas Nativas da T.I. Ligeiroe suas dualidades.....	119	
5.2	Plantas Alimentícias da T.I. Ligeiroe suas dualidades.....	122	
5.3	Ervas e Alimentos que Curame suas dualidades.....	125	
CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS			137
REFERÊNCIAS			140
ANEXO 1.....			143
ANEXO 2.....			144
ANEXO 3.....			146

INTRODUÇÃO

No processo histórico de ocupação dos territórios tradicionais dos Kaingang, muitas comunidades indígenas foram submetidas a situações de extrema violência e pobreza. A política indigenista, entre outros objetivos, intencionava transformar os indígenas em trabalhadores rurais e urbanos, isto é, estes eram vistos como seres em transitoriedade, em síntese, o objetivo era civilizá-los. Houve profundas transformações nas condições de vida deste povo, contrariando as suas necessidades e os seus reais interesses. Entretanto, nada foi capaz de destruir completamente a cosmologia Kaingange, determinadas características de sua identidade, como por exemplo, a mobilidade no território. Sempre houve resistência e a organização sendo fortalecida. Atualmente, observa-se um movimento para revitalizar alguns saberes e práticas, no entanto sem negar o acesso aos direitos fundamentais conquistados pelo povo brasileiro. No bojo deste movimento nota-se uma redescoberta das plantas medicinais, fonte de alimento e presente nos rituais de cura das doenças físicas e espirituais. É nessa perspectiva que a presente pesquisa se insere e também por ela vinculam-se as discussões da educação ambiental. A partir disto, um dos desafios é pensar o novo a partir da história e cosmologia Kaingang.

Faz-se necessária essa investigação por se constituir um dos importantes campos de pesquisa, ainda um tanto desconhecido, uma vez que não basta que se criem oportunidades de acesso dos indígenas à formação, mas é preciso preservar alguns valores, crenças, costumes e práticas que são extremamente importantes na manutenção da sua estrutura de organização. Muitos movimentos se estabelecem e políticas de proteção ao índio, especialmente sobre as demarcações de terras indígenas e definição de cotas para oportunizar o acesso à educação e à vida profissional. Mas é necessário orientá-los para que não percam alguns valores, costumes, crenças e posturas que são fundamentais para a sua sobrevivência e melhoria das condições de vida.

Na Região Norte do Rio Grande do Sul ainda há muitas comunidades indígenas que recebem apoio dos Órgãos de proteção, mas que aos poucos apresentam tendências de perda de sua identidade, de sua cultura e de seus valores. Essa inquietação despertou a necessidade de se buscar uma investigação mais detalhada especialmente relacionada com a possibilidade de revitalização dos saberes e práticas relacionadas com o meio ambiente.

Na condição pessoal de descendente de indígenas dessa região do Estado, ex-aluno do IFRS Campus Sertão, como técnico em agropecuária e hoje servidor dessa instituição de ensino, parece muito próprio buscar essa investigação, não apenas para coleta de dados e opiniões sobre saberes e práticas indígenas, mas principalmente para aprofundar alguns estudos e viabilidades de preservação do meio ambiente.

Para fins de localização da pesquisa, a Terra Indígena de Ligeiro foi delimitada em 1911 pela comissão de Terras de Passo Fundo, demarcada em 1990 e homologada em março de 1991. Essa área faz limite com os municípios de Sananduva, Ibiaçá, Tapejara, distante da capital do estado 320 km.

O presente trabalho tem por objetivo geral pesquisar o uso das plantas medicinais tradicionalmente utilizadas pelos Kaingang da T.I Ligeiro, vinculando estes saberes às discussões da educação ambiental.

Nesse sentido, os objetivos específicos dizem respeito a investigar que valores e costumes ainda estão sendo cultivados na realidade indígena do Ligeiro; identificar que plantas ou ervas ainda são utilizadas como remédio; observar qual o conceito de doença está presente na cultura indígena hoje; orientar para a importância da preservação das plantas medicinais e do meio ambiente; identificar na coleta de informações o que pensam os indígenas acerca de saúde e que ações estão sendo desenvolvidas na comunidade; avaliar que condições cercam a comunidade no sentido de aprimorar as atividades de revitalização dos costumes indígenas; identificar que interesse os indígenas tem sobre resgate de saberes de seu povo e que perspectivas se desenham para a vida indígena e da comunidade.

Também pretendemos pesquisar para servir de banco de dados acerca de outras investigações ou investimentos que possam ser desenvolvidos na comunidade indígena.

A hipótese é a de que efetivamente os indígenas não estão dando continuidade ao trabalho e à prática de revitalização dos seus costumes e práticas Kaingang, ou por acomodação, ou por influência do não índio ou por interferência de princípios capitalistas que acabam por interferirem de forma negativa na comunidade, encaminhando para conflitos internos e até mesmo da extinção de alguns princípios importantes na vida do índio. Arrendamentos das T.I. pelas próprias lideranças Kaingang. São constatações aparentes e não oficiais que preocupam e comprometem a vida indígena.

Na investigação será realizado inicialmente um breve levantamento documental que possa apoiar a pesquisa com suporte de registros existentes, além de algumas leituras bibliográficas pontuais que orientem para o estudo e caracterize a realidade indígena dos Kaingang na região.

Para que a pesquisa retrate os resultados a que nos propomos será implementada uma metodologia de investigação caracterizada pela coleta de dados através de entrevistas com perguntas semiestruturadas. Trata-se de um estudo de caso da comunidade indígena de Ligeiro acerca de orientar para a revitalização de costumes e práticas Kaingang na comunidade e a preservação do meio ambiente. Por isso mesmo, tratamos como um estudo de caso. O estudo de caso será melhor especificado no capítulo específico sobre a metodologia do trabalho.

As entrevistas serão aplicadas aos indígenas, definidos especificamente aos kujà, às curandeiras, aos professores e aos alunos especialmente às que já possuem maior experiência de vida, buscando cumprir com os objetivos do trabalho.

A partir dessa coleta de dados, far-se-á a análise dos resultados com avaliação da situação em que se encontram hoje as comunidades indígenas no que se refere à revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre plantas tradicionais, visando à preservação ambiental. Os nomes científicos e populares das plantas e ervas medicinais em Kaingang estão colocados no texto.

Grande parte das falas dos kujà entrevistados foram realizadas no idioma Kaingang e traduzidas pelo autor.

Esse trabalho é constituído de uma introdução que identifica a investigação pretendida sobre a comunidade indígena do Ligeiro, seus objetivos e o contexto da

pesquisa. A seguir há uma caracterização e histórico da comunidade indígena, bem como a fundamentação teórica sob a orientação de alguns pensadores em educação e que conversam sobre o tema investigado. Trata-se a seguir com muito detalhe a verdadeira realidade da vida indígena. O capítulo a seguir focaliza a metodologia adotada para a realização da pesquisa e o quarto e último capítulo, apresenta a análise e a interpretação dos dados, buscando respostas às questões apresentadas, a partir da opinião da própria comunidade indígena.

Com esta pesquisa consegui sensibilizar grupos de jovens na comunidade com respeito a questões ambientais, exercitando assim o papel de Educador Ambiental na atividade Não Formal.

CAPÍTULO 1 – MINHA TRAJETÓRIA E ELEMENTOS BÁSICOS DA CULTURA KAINGANG

A Educação Ambiental emancipatória se conjuga a partir de uma matriz que compreende a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na criação de espaços coletivos de estabelecimento de regras no convívio social, na superação das formas de dominação capitalistas, na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade. (Loureiro, 2004, p. 15)

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar o uso das plantas medicinais tradicionalmente utilizadas pelos Kaingang da Terra Indígena (TI) Ligeiro, vinculando estes saberes ao aporte teórico da educação ambiental. Para tal finalidade é importante assinalar que apesar de atualmente a comunidade da TI Ligeiro não estar utilizando as plantas medicinais como outrora, não significa que os saberes sobre as plantas medicinais, para a cura física ou espiritual, não mais existem. Estes saberes ainda integram a visão de mundo Kaingang. Também, de imediato, é necessário apontar que a educação ambiental, como outras categorias, não é neutra do ponto de vista político e ideológico.

Tal objetivo exigiu-me muito academicamente, um desafio diário, porém repleto de novos aprendizados, digo, não só em relação aos novos conhecimentos que eu aprendi, mas das novas amizades que se formaram. Para mim, nunca houve razão sem sentimento, afinal não aprendemos sozinhos e tampouco sem amor.

Quanto à escolha da temática, não foi diferente. Talvez por isto, o educador Rogério Réus Gonçalves da Rosa, quando da qualificação do meu Projeto de Pesquisa, sugeriu-me que ao invés de na metodologia utilizar o conceito de observação participante eu utilizasse o de participação observante. Com certeza, este último, possibilita compreender o objeto de análise dessa pesquisa como parte da minha história de vida, que me permito brevemente contar, desde já estabelecendo os primeiros elos do ser Kaingang com a educação ambiental.

Nesse sentido, é importante registrar a minha trajetória na comunidade para que se possa fundamentar melhor o estudo.

1.1 Minha Trajetória

Nasci em 23 de janeiro de 1970 na Terra Indígena Cacique Doble, localizada no Estado do Rio Grande do Sul (RS). Sou filho biológico de Florindo da Silva e de Lurdes Emiliano. Devido a um problema de saúde de minha mãe fui criado desde que nasci pelos avós maternos, Timóteo Emiliano e Maria Ribeiro Emiliano, a quem sempre considerei como meus pais, pois na cultura Kaingang pai ou mãe é quem cria a criança.

Apesar das condições de vida desfavoráveis (pouca roupa e calçado, pouca comida, moradia precária), das situações adversas que nos exigiam pensar alternativas, das intempéries (frio, chuva, calor) eu ia diariamente cantando e assoviando nas estradas e atalhos para chegar à escola e poder estudar. Minha família, juntamente com os funcionários locais não índios¹, que trabalhavam naquela época na T.I., me incentivaram ao estudo. Eram 7 km para ir e mais 7 km para voltar, sendo que muitas vezes saía de casa sem me alimentar e no retorno não sendo diferente, mas persisti na busca de meus objetivos.

Também me recordo dos momentos de alegria, quando desfrutava de frutas nativas ou silvestres, tais como: guabiroba, pitangueira, araticum, sete-capotes, butiá, guaviju, ovaia, pinhão, cereja, amora do mato etc. Muitas vezes era a minha única refeição diária. Lembro-me, igualmente, dos chás que minha mãe preparava (cidreira, hortelã, marcela, carqueja, cipó mil home, folha de laranjeira entre outros). Estes ajudavam a curar não só as dores físicas, mas espirituais, pois preparar um chá para alguém é um gesto de afeição.

A minha primeira escola (1978) foi a escola indígena localizada na própria T.I. Nela cursei os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental². Nestas séries enfatizavam mais o estudo do idioma Kaingang onde aprendíamos a ler, escrever e falar o idioma, o que hoje percebo como um diferencial e como um vínculo indissolúvel com a minha cultura. Como somente era oferecido estudo até a quarta

¹ Na língua kaingang os não indígenas são chamados de *fóg*.

² A escola ainda existe e atualmente é denominada "Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Faustino Ferreira Doble".

série, a quinta série cursei na Escola Municipal Ricardo Zeni, localizada na comunidade de São Pedro, município de Cacique Doble – RS. A sexta, sétima e oitava séries estudei na Escola Estadual Silvio Dal Moro, localizada na própria cidade de Cacique Doble – RS, nos anos de 1984 a 1986.

No período de 1987 a 1989 estudei na Escola Agrotécnica Federal de Sertão³, em regime de internato, distante 90 km da T.I. Tornei-me Técnico em Agropecuária. Após concluir esta etapa de estudos, retornei a T.I. Onde trabalhei por dois anos junto com a minha comunidade.

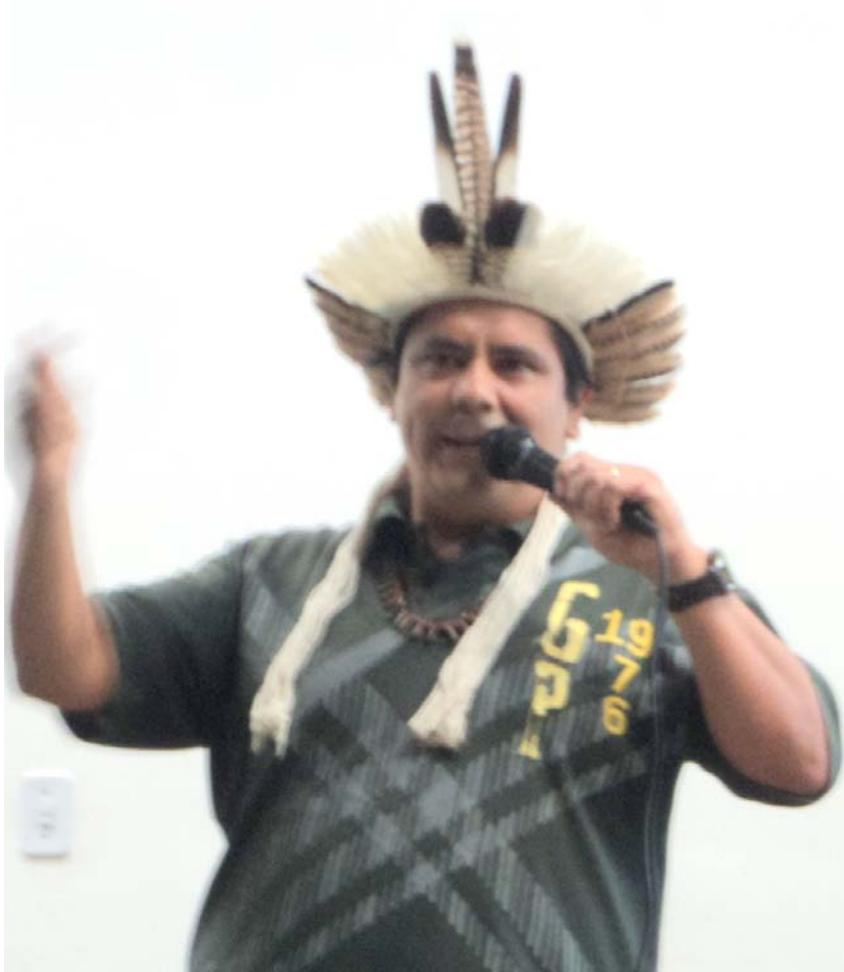
Em 15 de fevereiro de 1991 nasceu a minha primeira filha, Daiana Emiliano, na T.I. Cacique Doble. Pela necessidade de adquirir mais conhecimentos e trabalho fui morar no município de Sertão – RS (outubro de 1991), quando casei com Ider Maria Mattana Emiliano, com a qual tive dois filhos (gêmeos) em 22 de fevereiro de 1994: Massay Nēnkanh Emiliano e Taynan Mĩnká Emiliano. De novembro de 1991 à janeiro de 1995, trabalhei na Companhia de Laticínios e Correlatos - CORLAC. No ano de 1995 ingressei na Escola Agrotécnica Federal de Sertão, através de concurso público, como Técnico Administrativo, portanto, servidor público federal, na função de Vigilante a qual exerço até os dias de hoje.

De 1996 a 2000 estudei na Universidade de Passo Fundo – UPF, onde cursei Licenciatura em Técnicas Agropecuárias. No ano de 2000 a 2002 conclui o curso de Pós-Graduação *Lato-Sensu* em Solos e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Lavras – MG (UFLA). Isto foi me despertando cada vez mais o interesse em desenvolver projetos nas terras indígenas relacionados à temática objeto de análise no presente trabalho.

Mesmo tendo saído da reserva no ano de 1991, sempre mantive vínculo com minha cultura materna, utilizando os conhecimentos adquiridos na academia para melhorar a qualidade de vida dos meus irmãos (*régre*), mantinha contatos com familiares e lideranças indígenas locais e regionais, em busca de promover parcerias, convênios, projetos, visitas e acessos de estudantes indígenas nas Universidades e mais recentemente nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

³ Desde 2008 IFRS.

Imagem 01: Darci Emiliano



Fonte: Arquivo Darci Emiliano

Como relatei, tenho ao longo dos anos buscado aprender novos conhecimentos e contribuir com o meu povo. Mais recentemente, estou na coordenação de um projeto de extensão sobre plantas medicinais na T.I.Ligeiro. Isto, junto com o interesse na minha qualificação na academia, é uma das razões para eu ter buscado cursar o mestrado, onde felizmente e com as orientações prévias do educador Alfredo Guillermo Martin Gentini, consegui ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade de Rio Grande (FURG).

Para mim, este é o significado desta pesquisa, isto é, ela é parte da minha trajetória de vida. Para os meus irmãos Kaingang uma contribuição mais qualificada, para que possamos cada vez mais pensar e agir corretamente. Desta última, há

duas preocupações que hoje se colocam como desafios no sentido de planejarmos o que fazer:

1ª. O que pode ser feito para que os saberes aprendidos e ainda praticados pelos Kaingang mais velhos sobre as plantas medicinais sejam transmitidos e incorporados como prática pelas novas gerações?

2ª. Manter os saberes das plantas medicinais na visão de mundo Kaingang, que ainda tem como epicentro do seu pensamento a floresta, ou seja, há que se problematizar sobre determinados projetos que não favorecem a comunidade e tampouco dialogam com aspectos culturais que devem ser valorizados e que nas relações interculturais com os não indígenas pode ser o que de mais importante os Kaingang podem compartilhar.

1.2 Elementos Básicos da Cultura Kaingang

O povo Kaingang organiza-se socialmente em dois segmentos ou dualidades. De acordo com a tradição, conta-se que no princípio do surgimento do mundo os Kaingang surgiram do solo, por isso a cor da pele do corpo dos índios é semelhante à cor da terra. Logo já com esses dois grupos formados, kamẽ e kanhru, cada qual tinha suas características e habilidades.

Kamẽ, estes eram caracterizados pela força, por serem guerreiros tinham o corpo avantajado, pés e mãos grandes, unhas cumpridas, mas vagarosos.

Kanhru, esses tinham o corpo franzino, as mãos e pés pequenos, unhas curtas, mas tinham agilidade no pensamento e iniciativa, mas de pouca persistência.

A dualidade não está presente só nas pessoas, mas nas plantas, nos animais, nos planetas, no sol e na lua, nos fenômenos meteorológicos que estão permeando todas as redes.

Na natureza tudo se relaciona com as marcas kamẽ e kanhru, há semelhanças nas pinturas corporais, nas peles dos animais, nas folhas e cascas de árvores, o kamẽ, usa as pinturas cumpridas no corpo e também nos artesanatos, é de identidade, até por que outros povos indígenas, também possuem suas características próprias de identidade. O kanhru utiliza traços circulares no corpo e

também nos artesanatos e identificam os animais com suas marcas. Os membros de cada clã podem casar com uma pessoa do outro clã que não seja o seu, digo kamẽ com kanhru. Neste contexto entendo que a Educação Ambiental está também caracterizada por conservar e preservar valores sociais, organização, mitologias e crenças, na coletividade de um povo.

Imagem 02: marcas de kamẽ e kanhru no artesanato



Fonte: Arquivo Darci Emiliano

Para nós, Kaingang, a figura do pai é o que define a perpetuação de seu clã, conseqüentemente filho de kanhru sendo homem ou mulher será kanhu, já filhos de pai kamẽ serão kamẽ. Como para o povo Kaingang a figura masculina define descendência, existem casos em que não é aconselhado o casamento de uma mulher Kaingang com um homem não-Kaingang, pois se acredita que desse relacionamento nasceriam crianças não-Kaingang enquanto que o homem Kaingang pode casar com a mulher não-Kaingang - originando desse casamento filhos Kaingang.

Mas o que é muito observado ou levado em conta é que se a “mulher” Kaingang casar com um homem não-Kaingang (branco), esta não deve permanecer dentro da Terra indígena, ela deve sim sair para morar com seu esposo na nova morada. O homem branco não deve utilizar, nem se apropriar das terras por

ganância ao capitalismo. Já o homem Kaingang casando com uma mulher não Kaingang (*fóg fi*), pode trazer a mesma morar junto na Terra Indígena, acreditando que essa união não trará problemas.

Lembro-me numa dessas minhas pesquisas de campo, dia 05 de março de 2014, na terra indígena de Nonoai- RS, conversando com o *kujà* Jorge Garcia, este me auxilia a identificar a minha metade a que pertencço.

Digo a ele *meu nome é Darci Kaféj Emiliano, de que marca que sou?*

Diz ele, “*você deve se informar sobre seu “jóg”, pai, se ele for Kanhru os seus descendentes serão todos Kanhru e se for Kamê, seus descendentes serão todos Kamê*”.

Eu: “*Se meu pai não souber a sua marca como procedo?*”

Jorge Garcia: “*Nesse caso um kujà poderá te dar ou ajudar a descobrir sua marca, podendo ser através do batizado com madeira e dando o nome desta madeira a quem for batizado (neste caso eu)*”, *Kaféj - folha*.

Eu: *Há caso em que também é notado nos traços do corpo, por exemplo, nos dedos as unhas terem aquela parte branca sendo grande ou pequena isto tem fundamento?*

Jorge Garcia respondeu-me que sim e perguntei se ele poderia ver as minhas unhas.

Jorge Garcia: *Sim, as unhas são curtas e redondas*.

No mesmo momento se encontrava a filha do *kujà* Jorge que mostrou as unhas dela para comparar com as minhas. As mãos e os dedos dela são compridos, o *kujà* diz que ela é *kamê*, então com os dedos e unhas curtas das minhas mãos, entendemos que sou *kanhru*.

Portanto para casar é necessário ser de metades, marcas diferentes, mas estão acontecendo casos em que as mesmas metades estão se casando, portanto para nós índios é considerado incesto, parente com parente, podendo em alguns casos nascerem crianças com deficiências. O casal perante a autoridade não tem vez de nada, por exemplo, ser policial, ser cabo, ser membro da liderança política local, mas podendo sim ficar com a esposa, caso o casal se desentender não procurar lideranças para registrar queixas, pois serão punidos os dois (conforme leis internas de cada terra indígena).

São estes epicentros do pensamento Kaingang, mas atualmente, quando se chega a algumas Terras Indígenas, os jovens indígenas dizem que isso é coisa de velho, que não existe mais, etc, e isto é bastante recorrente no interior das T.I. A questão do kamẽ e do kanhru é apenas uma porta de entrada e devemos ter o cuidado de não folclorizarmos isto, pois é toda uma concepção do mundo norteada pela floresta, é necessário se dizer que ela é a própria universidade Kaingang.

Se você conversar com os velhos, e conseguir ascender um pensamento muito antigo dos Kaingang, você vai se deparar com o saber de que a floresta é quem ensinava os Kaingang. Nós somos povos da floresta e observando na floresta os movimentos dos seres visíveis e invisíveis que a habitam, aprendemos os conceitos mais fundamentais da vida.

De acordo com a colocação do Professor e Antropólogo Rogério Réus Gonçalves da Rosa, em minha banca de qualificação (30 de maio de 2014), derrubar uma floresta para um Kaingang é como derrubar uma Universidade ou uma Igreja Católica, para os brancos.

Se nós chegássemos hoje e botássemos abaixo a FURG, UFRGS, UFPEL e outras Universidades, vocês, brancos, ficariam desmontados - ainda mais se os proibissem de pensar da forma como aprenderam, pois foi isso que implicou as derrubadas das florestas pelas madeiras e, atualmente, pelo plantio da soja e do milho. Estes últimos competem diretamente com a floresta e por mais que alguns jovens Kaingang neguem estas questões, o conhecimento adquirido na floresta ainda é uma construção milenar, que não se perde em cem ou cento e cinquenta anos. A floresta ainda é o epicentro do pensamento Kaingang, então por mais que o jovem diga que é coisa do passado, o modo como ele pensa ainda está profundamente orientado por esta conexão com a floresta.

-Palavras do Professor Rogerio Réus Gonçalves da Rosa, na arguição na Banca de Qualificação do dia 30 de maio de 2014.

É necessário que os novos antropólogos que venham a trabalhar com a questão indígena, apresentem os desafios do trabalho de preservação das florestas, pois o motivo da derrubada da floresta não é só referente ao agronegócio (de tirar floresta e colocar somente soja), mas também da ordem do patrimônio, criando estatutos para tentar preservá-la. Neste sentido, conectam-se uma série de conceitos para que não seja feito o derrubamento da floresta, e seria importante a criação e aplicação de políticas públicas para coibir estas derrubadas, com o argumento de que a floresta é o epicentro da cultura Kaingang.

Imagem 03: Antigo Cemitério na Terra Indígena Ligeiro



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

Imagem 04: Atual Cemitério na Terra Indígena Ligeiro



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

1.3 Aspectos míticos

Conta o índio José Cirilo⁴, morador da Lomba do Pinheiro em Porto Alegre, karaí (líder) guarani Mbyás tronco linguístico tupi, referente aos indígenas de sua tribo, os quais ainda se alimentam do “bodiapé”, O pão dos Guarani, semelhante ao “êmĩ” O pão dos Kaingang tronco linguístico jê: quando estão vendendo artesanato e pedindo esmolas no centro de Porto Alegre, naquele lugar havia árvores de fruta chamada (aguai) nativas dos quais os índios se alimentavam, mas que com a colonização e construção da cidade, os não indígenas afastaram cada vez mais os guaranis daquele local e cortaram aquelas árvores frutíferas.

Através das histórias passadas oralmente de geração em geração pelos índios, esses retornam constantemente na esperança de reencontrar esses frutos. Como não encontram, esses índios acham que o não indígena deve de alguma forma ou de outra, pagar essa dívida com os índios, retribuindo com um pedaço de pão, troco, esmolas e que, para o guarani, isto não é mendigar, sim cobrar uma dívida históricas dos brancos para com a comunidade indígena.

Mito guarani da origem do milho, do feijão e das morangas, que pode ser verificado na dissertação de Moacir Haverhoot (apud Telemaco Borba 1908, p. 23):

“Os antepassados indígenas viviam das frutas e do mel para a sua alimentação, quando estes faltavam a tribo passava por necessidades e fome. Um certo dia um índio velho, chamado “nhara”, sentindo pena de seu povo com o sofrimento pela fome, ordenou que seus filhos e parentes fizessem um roçado com cacetes, estes atenderam o pedido. O velho pede que busquem cipós grossos. Levaram o velho para ver o roçado, estando lá o velho disse ao povo que o amarrassem em seu pescoço e o puxassem pelo roçado todo e que retornassem somente três luas após para ver a lavoura, a princípio ninguém concordou, uns ficaram tristes, outros choravam, mas o velho disse que já tinha vivido o suficiente na terra e que era momento de sua partida para a morada com “NHANDERÚ” (Deus para os Guarani, ou “Tope” Deus para os Kaingang). mas que antes deixasse algo para seu povo, logo continuou: me arrastem por toda as partes da lavoura e quando eu estiver morto, me enterrem no meio da lavoura e vão para o mato sobreviverem de frutos por três luas, estes atenderam seu pedido e retornaram após as três luas e viram a roça coberta de milho, feijão e morangas, quando esses no ponto de colheita chamaram o povo e repartiram as sementes. Dizem que o milho é daqui e não foi trazido pelos colonizadores, ainda deram o nome de “nhara” ao milho em homenagem ao nome do índio, pelo seu sacrifício em benefício a seu povo.”

⁴ Narrativa coletada em uma palestra de José Cirilo, em novembro de 2012, em um evento do NEABI, em Bento Gonçalves.

Imagem 05: Preparo de chás



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

O mito de origem kaingang- kanhgag

Em tempos imemoráveis, deu-se um dilúvio que cobriu a terra inteira, habitada de nossos antepassados. Somente o cume da serra krinjinjimbé (Serra do Mar) sobressaía das águas diluviais. Os kaingang, kaiurukré e kamé nadavam na direção dela, cada um com um luminoso tição entre os dentes. Os kaiurukré e os kamé cansaram, afundaram-se e pereceram; suas almas foram habitar o interior da montanha. Os kaingang e uns poucos Curutons atingiram com dificuldade o cume da serra, onde permaneceram uns no chão, outros nos ramos das árvores porque não acharam mais lugar. Lá passaram uns dias sem alimento e sem que as águas baixassem. Já esperavam a morte, quando ouviram o canto das saracuras que traziam cestinhos de terra, que deitavam nas águas. Assim, as águas foram recuando de vagar. Os kaingang clamavam às saracuras que se apressassem. Estas redobram suas vozes e pediram aos patos que as ajudassem. Em pouco tempo conseguiram formar uma planície espaçosa no monte, que dava bastante campo aos kaingang, com exceção daqueles que se refugiaram nas árvores. Estes foram transformados em macacos e os curutons em macacos urradores. Desaparecida a inundação, os kaingang estabeleceram-se nas proximidades da serra do mar. Os kaiurukré e os kamé, cujas almas moravam no interior da serra, começaram a abrir caminhos. Depois de muitos trabalhos e fadigas, uns puderam sair de

um lado, os outros do outro. Na abertura de onde saíram os kaiurukrés, teve sua nascente um belo arroio e lá não havia pedras; daí veio que eles têm os pés pequenos. Pelo contrário o caminho dos kamé levava sobre terreno pedregoso, daí eles terem os pés compridos. Na noite em que tinham saído da abertura da serra, acenderam fogo e kaiurukré formou de cinzas e carvão tigres e lhes disse: ide e devorai homens e animais! E os tigres se foram rugindo. Não tendo mais carvão para pintar, fez de cinza as antas e disse-lhes: ide e comei folhas e ramos! Kaiurukré estava outra vez a formar um animal; faltavam a estes ainda os dentes, a língua e umas garras quando apontou o dia. Não tendo mais forças de dia, pôs-lhe uma vara na boca e disse-lhe: não tendo dentes, vive de formigas! Isto é a razão por que o tamanduá é um animal não acabado e imperfeito. Na noite seguinte continuou e formou outros animais, entre eles as abelhas boas. Kamé também fez animais, porém diversos, para combater aqueles. Assim ele fez os leões americanos, as cobras venenosas e as vespas. Acabado este trabalho, marcharam e foram se unir aos kaingang. [...] Depois de terem chegado a uma grande planície, reuniram-se e aconselharam-se como deviam casar os filhos. Casaram primeiro os kaiurukré com as filhas do kamé, e vice versa. Quando porém, restavam ainda muitos jovens, casaram-nos com as filhas dos kaingang. E daí veio que os kaiurukré, os kaingang e os kamé são parentes e amigos.

**Narrado pelo Cacique Araxô a Telemaco Borba, em 1908*

JAHN, Livia Petry; TETTEMANZY, Ana Lúcia; FREITAS, A. E. C. O papel do mito nas narrativas orais dos kaingang na bacia do lago Guaíba, Porto Alegre, RS. Organon(UFRGS), v. 20, p. 159-171, 2007.

1.4 Perspectivas de natureza

Por si só nós indígenas somos conhecidos como preservadores do meio em que vivemos que é a natureza, terra, matas e rios. Existe uma relação recíproca de trocas, cuidados e respeito. Para nós o fato do rio ser sagrado, ainda quando os kujà falam com o espírito das águas para que conduzam certas doenças para longe das aldeias, fonte de alimentos, tais como peixes, e que sabemos que em breve ela esta sendo motivo de guerra entre nações (por exemplo,entre Israel e Palestina...), e está sendo comercializada a preço de ouro, e mesmo assim o não indígena acha que é uma fonte inesgotável, conseqüentemente não valorizando e poluindo.

Em relação às matas, estas são fontes de alimentos e fontes de ervas e plantas medicinais, para cuidar da saúde física e mental do povo. O índio vive para manter a biodiversidade, e este povo da floresta, no entanto não quer abandonar sua

forma tradicional de sustentabilidade, utilizando essas fontes para subsistência e não com objetivo de ganância.

Imagem 06: Pinheiros na Terra Indígena Ligeiro



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

Desses pinheirais os índios se alimentam dos frutos, pinhão, os quais são colhidos nos meses de março à junho. São consumidos de várias formas: cozidos na água e sapecados nas próprias grimpas, do pinheiro eram também uma das principais fontes de alimentação das quais sobreviviam.

*INVERNO KAINGANG,
Tempo do pinhão*

FÁG FY é o termo, na língua kaingang, para dizer “pinhão” (lit.semente do pinheiro). Os pinheirais e seus frutos, os pinhões se confundem com a história do povo kaingang, que construiu a sua cultura à sombra deles, alimentando-se dos seus saborosos e abundantes frutos (e, não menos importantes, também dos animais de caça que acorriam para alimentar-se, e engordavam de pinhões). O SPI, nas décadas de 1950 e 1960, e a FUNAI, nas décadas de 1960 a 1980, não titubearam em saquear vorazmente os pinheirais ainda existentes em terras kaingang (como Nonoai, Guarita, Cacique Doble, Votouro, Ligeiro, Xapecó, Mangueirinha, Guarapuava, Apucarantina etc.). Até hoje ninguém foi responsabilizado pelos crimes ambientais cometidos nas terras dos kaingang.

Fonte: <http://www.portalkaingang.org>

1.5 Importância da Terra

A definição de meio ambiente é muito ampla, podendo ser designada de várias formas, podendo ser vista como sendo junção de todos os elementos que nos rodeiam (naturais, artificiais e culturais) e que nos propiciam uma sadia qualidade de vida, prevalecendo aqui, a proteção à saúde e ao bem-estar da sociedade.

Inicialmente, para que haja uma simples e breve explicação, cabe destacar que a expressão “meio ambiente” é totalmente redundante, uma vez que, as palavras “meio” e “ambiente”, pretendem expressar praticamente a mesma ideia. Meio, é o que está no centro de alguma coisa, enquanto ambiente significa círculo, o que está ao nosso redor. Dessa forma, passa-se a conceituar, através da norma jurídica, a expressão “meio ambiente”, que, conforme as palavras de Schonardie (2005, p. 28) podem ser caracterizadas da seguinte forma: “[...] conceitua-se, normativamente, “meio ambiente” como o conjunto de condições, leis, influências, alterações e interações de ordem física, química e biológica que permitem, abrigam e regem a vida em todas as suas formas.” Tais palavras estão inseridas no texto da Lei n. 6.938/81, em seu art. 3, inciso I.

Ainda, por meio desse conceito, pode-se classificar o meio ambiente em: natural, artificial, cultural e do trabalho. Aqui cabe apenas uma referência ao meio ambiente natural, que tem relação com a pesquisa. Ele é composto pelo solo, água, ar atmosférico, flora e fauna. O meio ambiente natural, anteriormente a Constituição Federal de 1988, era considerado um bem inesgotável. Ocorre que, com o advento da CF/88, tal pensamento tomou outro rumo, uma vez que se trata de um bem não renovável, ou seja, que pode se acabar, além de ser um bem de uso da coletividade, conforme explicita o art. 225 da Constituição Federal:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, *bem de uso comum do povo* e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.(CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1988).

De acordo com os ensinamentos de Freitas (2006, p. 18), o meio ambiente natural ou físico, entendido aqui o solo, a água, o ar, a flora e a fauna, ainda é composto pela “interação dos seres vivos e seu meio, onde se dá a correção recíproca entre as espécies e as relações destas com o ambiente físico que ocupam”. Isso significa que os seres vivos devem usufruir do seu meio de forma integrada, mas sempre com vistas a sua preservação.

Terra e floresta

De acordo com a Constituição Federal de 1988 as T.I. são territórios de ocupação tradicional, são bens da união, sendo reconhecido aos índios a posse permanente e o uso fruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. As T.I. regularizadas pelo poder público devem ser :

- habitadas de formas permanentes;
- importantes para suas atividades produtivas;
- imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao seu bem e estar;
- necessárias as sua reprodução física e cultural.

O Decreto 1775/1996, do Ministério da Justiça, estabelece que o processo de Demarcação de T.I. deve ser conduzido pelo Poder Executivo, no âmbito do Órgão Indigenista, a Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

Este processo é constituído por diversas fases:

- 1 - Estudo de identificação;
- 2 - Aprovação da FUNAI;
- 3 - Contestações
- 4 - Declaração dos limites da T.I.
- 5 - Demarcação Física;
- 6 - Homologação;
- 7 - Registro.

(Fonte: ti.socioambiental.org/pt-br)

As lutas históricas pelas terras não são movimentos recentes já faz muito tempo, se vamos analisar, vem desde quando os portugueses vieram a invadir nossas terras.

Consideravam-nos xucros, selvagens e canibais, e não como pessoas humanas, daí que começa também a prática do genocídio, éramos caçados como animais.

Com a vinda dos imigrantes a colonização foi fundamental e decisiva a mediação do estado neste processo de colonização. Nota-se que os aldeamentos ocorrem não somente pelo interesse do estado, mas pela resistência do povo Kaingang a partir de então começam os conflitos entre índios e colonizadores o que ainda acontecem nos dias de hoje. Esses conflitos ocorrem principalmente pelo desmatamento, quando os índios notam que a fonte de vida destes está sendo ameaçada, digo não só humana mais dos animais que ali habitavam, por isso reafirmo sobre a ótica do índio em relação a natureza, não se altera com o tempo.

Entendo que o que acontece nos dias de hoje em relação à convivência ela é harmoniosa mas que a visão do descendente europeu é ainda com o interesse de tomar o resto de terra que os índios têm, e ou tirar algum proveito como arrendamento e parceria.

Na década de 1950 e 1960 o governo do estado começou a distribuir, doar e vender terra para os colonizadores, fazendo a reforma agrária com as terras dos índios, tornando menores as áreas ocupadas pelos índios, nessa época é também iniciado o processo de demarcações das terras indígenas.

É principalmente sobre estas terras tomadas para reforma agraria que ocorrem as lutas de retomada por parte dos índios Kaingang, os quais já tiveram êxito em parte.

Os Transgênicos

Dentro da T.I. Ligeiro a princípio havia sido proibido a implantação de transgênico, mas que em pouco tempo foi possibilitado o plantio de soja e milho. Essa prática foi proibida porque os transgênicos são organismos geneticamente

modificados, ou seja, tiveram genes de outros seres vivos inseridos ao seu código genético, assim é feita a transferência do gene de um organismo para outro, afim de incorporar a característica desejada.

Entende-se que com a introdução de plantas geneticamente modificadas no ambiente há riscos de perder em biodiversidades, pois estes ameaçam a população das plantas nativas, já ocorria esse risco de perda com as sementes crioulas as quais eram plantadas pelos índios, isso acontece por que o transgênico produz mais e ser mais resistente às pragas, mas que ainda faltam estudos nesta área que comprovem o que este ocasiona para a saúde e a natureza, mas acredita-se que acontecem sim danos. Isto esta tendo impacto muito grande em termo de miserabilidade de parte da população.

Sentimos a necessidade de produzirmos alimentos com qualidade e quantidades para suprir a exigência alimentar da comunidade, o fato de estarem vulneráveis e dependentes de cestas básicas os quais são insuficientes em qualidades e quantidades, digo isso por que poucas famílias conseguem com regularidade.

Imagem 07: Plantação de soja T.I. Ligeiro



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2015)

O Arrendamento de áreas produtivas

O que a Constituição Federal de 1988 deixa bem claro de que as T.I.pertencem a União, portanto não podem ser vendidas, arrendadas, ou alugadas pelos índios para outros não indígenas. Mas em se tratando de arrendamento ou parcerias ainda há resquícios, digo, ainda acontece em algumas terras indígenas, por mais que tenham sido proibidos, arrendamentos em terras demarcadas. Quando isso acontece, e é descoberto através de denúncias, o arrendatário perde tudo o que investiu em lavouras e conseqüentemente, não colhe o produto plantado, causando prejuízo, e ainda tem que responder a um processo perante a justiça. Entretanto, o maior prejudicado é o indígena, tanto do ponto de vista financeiro, da cultura e subsistência.

Todavia, para os contrários as demarcações das Terras Indígenas, os casos de arrendamento são utilizados contra os próprios indígenas, mesmo que revestido por um discurso de “preocupação e proteção”. Um exemplo é o discurso do Presidente da Frente Parlamentar Agropecuária, Luis Carlos Heinze (PP-RS), que denunciou que existem arrendamentos por parte de agricultores em Terras Indígenas, principalmente no norte do estado do Rio Grande do Sul, pela estimativa em torno de 35% das terras serem arrendadas ilegalmente. Ele alega que essas informações são de agricultores, e diz que eles pagam aluguel aos índios para plantarem. Ainda diz que a FUNAI é conivente com essas situações, nas quais, muitos índios passam necessidades, recebendo bolsa-família e alguns caciques ganhando dinheiro. Inclusive cita várias reservas indígenas do estado.

Os órgãos fiscalizadores são a FUNAI, Polícia Federal e Ministério Público Federal, os quais intensificam a fiscalização, quando existem denúncias. Acredito que deva haver investigação das denúncias pelas instâncias responsáveis, mas também sabemos que a bancada ruralista cria vários obstáculos para poder evitar que processos de demarcação sigam adiante. Tenho esperanças que o arrendamento esta acabando nas Terras Indígenas.

Em algumas T.I. o que está acontecendo, é o fato de divisão de terras por famílias, como por exemplo, na T.I. Ligeiro - Charrua- RS. Cada família ficou com em torno de 4 hectare (ha). E o pior é que posteriormente as famílias indígenas, negociam entre si, no sentido de compra e venda da terra, inclusive lideranças políticas e alguns funcionários públicos, com um poder aquisitivo diferenciado e abuso de poder, acabam adquirindo a terra dos demais, conseqüentemente se beneficiando com maior quantidade de terras. Existem denúncias acerca disto, e que o Ministério Público Federal está tomando providências cabíveis.

Há situações em que indígenas que moram dentro da aldeia não têm terras para plantar para sua subsistência, principalmente aqueles:

- com menos conhecimentos (analfabetos);
- ingênuos;
- inocentes;
- para que seus familiares não sofram represálias.

O que está acontecendo é que alguns indígenas foram contaminados pelo pensamento do não índio, conseqüentemente se adequando ao sistema dominante “capitalista”, que aí está, pensando em tirar proveito, se beneficiar, cercar suas dependências, o qual para nós indígenas é novidade, pois não somos povos de viver em locais delimitados, ou cercados, num sentido de propriedade, e sim coletivos.

Com dificuldades em conseguir financiamentos e ou recursos para o plantio, os indígenas estão criando Associações para facilitar as parcerias e tornar legalmente perante a legislação, uma empresa se encarrega de preparar a terra, plantar, fazer tratamentos culturais adequados e colheita, com a venda do produto paga as despesas de produção o excedente paga em porcentagem para a Associação, posteriormente repassado as famílias conforme a sua área de terra.

Mas mesmo assim o que se tem notado é a disparidade de quantidade de terras em hectares por alguns índios, uns têm terras demais de 100 a 200 hectares e outros pouco de 5 a 10 hectares enquanto que outros nem terra para plantar têm. Diante disso poderemos buscar apoio a esse órgão fiscalizador do Governo Federal.

A Proposta de Emenda à Constituição PEC 215

Os povos indígenas do Brasil estão indignados com mais um dos ataques a seus direitos, orquestrados pela bancada ruralista do Congresso Nacional. Estes trabalham com interesses particulares e privados, contra os nossos direitos sagrados a terra, territórios, garantidos pela Constituição, com o apoio do atual governo, da Presidente Dilma. Essa Proposta da Emenda da Constituição (PEC) foi denunciada na mídia nacional e internacional, pelos indígenas. Pois caso essa emenda da Constituição for aprovada, transfere do executivo para o congresso, “legislativo”, a decisão final sobre as demarcações de terras indígenas, abrindo prerrogativa para a revisão de processos já homologados.

Também apontamos que as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), são de grandes ameaças as Terras Indígenas e não deixar de mencionar a paralização das demarcações de Terras Indígenas aqui no Sul e no Brasil.

Os Políticos Ruralistas, aliados do governo querem aprovar para suspender as demarcações que ainda faltam, e ainda roubar as terras que já estão demarcadas, nós vamos continuar resistindo para termos uma parte das terras de volta, nossas terras são minúsculas e nós somos muitos.

Nós, povos indígenas, fomos enganados mais uma vez, quando votamos no governo Lula e Dilma, que diziam ser governo de minorias, inclusive indígenas. Nestes governos, foram demarcados menos terras do que na gestão do governo passado, e ainda, teve mais indígenas mortos, devido à luta pelas terras.

Desta forma, questiono, sendo estes deputados os donos das grandes áreas de terras, como eles irão aprovar as próximas demarcações em favor dos indígenas?

Preocupo-me com o resultado recente das eleições de 2014, pois muitos Representantes do Agronegócio e bancada ruralista se elegeram, mas certamente estaremos pronto para continuar a defender a mãe natureza se necessário com nosso sangue da ganância de exploradores. Sabemos que os detentores a maior parte da terra no Brasil são os políticos e empresários e que não estão contentes e querem retirar o restante das terras que sobraram para os índios.

1.6As Dificuldades da Economia

Percebe a necessidade de cursos básicos de economia, digo na lida com questões financeiras e ou como lidar com o próprio dinheiro, pois temos muitos indígenas aposentados e pensionistas que não conhece, o valor do dinheiro, portanto a mercê e dependente de outros, há casos em que os comerciantes principalmente Mercados ficam com o Cartão e Senha destes aposentados fazendo todas as transações necessárias e comprometendo sempre a relação de endividamento destes para com o estabelecimento do comerciante, fazendo inclusive financiamentos com estes cartões. Estes casos já foram inclusive denunciados, a mais ou menos 10 anos atrás, foi quando a Polícia Federal realizou algumas prisões de comerciantes, mas que ainda hoje continua acontecendo casos semelhantes.

Os jovens e adultos estão alienados, não estão sabendo em que direção tomar, se questiona o que estou fazendo aqui? Para onde vou? Quem sou eu? Não tendo em quem se espelhar e ou a liderança política “autoridades” local, vivendo praticamente em conflitos internos, desviando todo o foco das suas funções, apoiar, incentivar, buscar e direcionar este povo para um caminho próspero.

Não tendo uma resposta ou mesmo um rumo a seguir, desde muito cedo o índio começa a ingerir bebidas alcoólicas, esse índice esta em torno de 47% (dados do Administrador da FUNAI local), da população indígena do T.I. Ligeiro, prostituição infantil, estupros e alguns casos de suicídio. A necessidade de uma educação ambiental no âmbito geral, como exemplo a coleta e trato de lixo doméstico e saneamento básico, por que entendo, que quando se fala em praticar educação ambiental não necessariamente saber ler e escrever.

Neste ano no processo seletivo do IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Sertão, participaram quatro alunos e deste somente uma foi provada para o curso de Engenheiro em Agronomia, pois ainda não teve nenhum índio da T.I. Ligeiro com esta formação isto esta sendo possível pois o governo atual no ano de 2012, baixou uma portaria, possibilitando ingresso de indígenas e negros nos

IFES – Institutos Federais de Ensino do Brasil, através de Sistemas de Cotas Raciais e Sociais.

Do ingresso desses eles deveriam ter assessoramento especial, não pelo fato de ser melhor ou pior, mas a circunstância que é posta para eles: nós tiramos eles da rotina que não tem horário para dormir, come quando sente fome, tem suas amizades, as suas brincadeiras etc. de repente a gente tira ele para vir para cá, cumprir horários, rotinas diferentes, com normas e regras, ir devagar dando motivação, conscientizando inclusive com os pais a liderança indígena, os parentes próximos, tios pois são familiares importantes para os indígenas, o convencimento de que no fim da caminhada da estudos o que revertera em seu benefício e aos seus irmãos de etnia. O nosso índio do Ligeiro é imediatista pois quando necessitava por exemplo carne, ia atrás da caça e coleta de frutos, ele sabia onde encontrar, então ele está sendo inserido ao sistema e que se dê a ele uma educação o de pensar como poupar para o amanhã, pois para nós índios o que interessa é o agora, para amanhã se dá um jeito e ou outro parente dá um jeito de suprir ou buscar suas necessidades, é uma alternativa de agir no sistema, o índio vai estudar, e não vai perder a cultura e sim fortalecer a sua identidade étnica indígena, ter noção do meu passado, valorizar, estudar a história de meu povo na academia me fortalece cada vez mais me dou conta de que sou importante para história, as pessoas podem pensar que não tem jeito mas digo que sim a possibilidade de um índio passar por tudo essas etapas acadêmicas e chegar a concluir cursos, mas para que isso ocorra é necessário levar a sério a política pública de inclusão, e poder garantir o acesso permanência e êxito destes.

Ainda em se falando de economia, estamos podendo ter opção de serviços ou trabalho, na região digo o trabalho braçal, por exemplo, temos indígenas trabalhando em empresas como: Agrodanieli, no município de Tapejara - RS, Perdigão no município de Marau - RS e Aurora de Erechim - RS, essas três empresas no ramo de abate de frango de corte. Além dessas empresas há épocas de colheitas de maçã na cidade de Vacaria - RS e Lagoa Vermelha - RS. Para se deslocarem até essas empresas de abatedouros existe meio de transportes específico diariamente com ônibus, já para a colheita de maçã os trabalhadores indígenas permanecem por semanas e até por um mês no local só então para

retornarem à terra de origem rever seus familiares na sequência retornam ao trabalho de colheitas.

1.7 O Artesanato

Na comunidade da Terra indígena do Ligeiro, uma das formas de recursos econômicos vem da produção de artesanato, cito alguns dos quais: balaio, cestos, flechas, cocar, filtro dos sonhos trançados em canetas, braceletes etc. O artesanato pode ser comercializado entre os mesmos e também nas cidades próximas e distantes da aldeia.

Imagem 08: Artesanato indígena.



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2015)

Há uma divisão de trabalho na fabricação desses artesanatos, alguns são feitos pelos homens, dos quais: cestos, cabos e flechas, geralmente esse trabalho requer mais força e destreza, pois também há uso de equipamentos pesados na coleta da matéria prima.

Geralmente os artesanatos fabricados pelas mulheres são: balaios, cestas, trançados em canetas, filtro dos sonhos, braceletes etc., mas nada impede que essa divisão de trabalho seja compartilhada e ou seguido à risca, podendo se inverter as atividades, por tanto não sendo uma regra.

Imagem 09 – Artesanato indígena - taquara - Marina Ferreira



Fonte – Darci Emiliano (2014)

A coleta das matérias primas especialmente a taquara obedecem a uma época específica, este sendo no período da lua nova, pelo fato de ser fácil o manuseio, caso não coletado nesta época, por exemplo, a taquara, que é a mais utilizada, corre o risco de ser extinta e ou não regenerar com facilidade. Quanto à coleta do cipó existe uma época que também é respeitado pelo fato de facilidade do manuseio que ocorre na época da primavera.

Do cipó, “mrür” são feitas varias formas e formatos de artesanatos tais como: bandejas, casinhas, bolinhas, ninhos, sinos de natal, pequenos animais etc. Na coleta da taquara é necessário cortar mais o menos quinze centímetros da terra, e cortar logo abaixo do nó da taquara, deixando um formato de um cone, possibilitando o deposito de água das chuvas e conseqüentemente a fácil brotação, alguns materiais utilizados na coleta das matérias prima: foice, facão, faca etc.

Imagem 10 – Artesanato indígena de cipó



Fonte: www.radiotapejara.com.br (03.04.2015)

O que tenho notado também é que as mulheres trabalhando com seus artesanatos não estão sendo valorizadas, são esquecidas, não têm apoio das lideranças políticas em partes. Estes estão preocupados com a agricultura, para plantar soja, a soja para eles é o que dá dinheiro.

Eles estão sendo pressionados pelas sociedades brancas, do comerciante, das cooperativas, dos vendedores de insumos e cereais. Então vocês analisam a situação dos índios não é fácil, isso está ocorrendo num período de quinze anos atrás no processo de monocultura. O indígena vê as plantações nos limites da terra, que são as do branco, o índio pensa, por que não posso também?

Fora isso ainda tem o preconceito do latifundiário, porque índio quer terras? Se não plantam, o índio é vadio, bêbado etc... Para que este indígena comece a plantar semelhante ao agricultor não indígena, deveria ter cursos ligados à questão de terras, cursos de pouca duração e ainda um financiamento por parte de Bancos e ou uma política específica de agricultura autossustentável.

Acredito ser necessário fazer uma relação das famílias que praticam de fato para suprir economicamente o dia a dia da família, e poder oferecer algo a estes,

promover reuniões e saber deles o que eles estão necessitando, ouvi-los em saber quais as dificuldades e ou planos deles. Então eles nos falam, e aí então podemos com os pensamentos deles ajudar e não colocar ou impor algo.

A matéria prima está escassa tanto é que os índios compram taquara em outros locais (terras dos brancos), então nesse sentido também se faz necessária a revitalização da taquara.

Imagem 11: Taquara - matéria prima do artesanato



Fonte – Darci Emiliano (2014)

Falando com a índia Olinda Caetano Nunes, houve época em que os índios Kaingang se baseavam na taquara - *vãn* para contar tempo, no ciclo de vida da taquara, quando esta cresce naturalmente, se regenerando a cada corte, porém depois de 30 anos aproximadamente floresce e frutifica, e acaba secando, quando surge o dito popular “*quanta taquara seca você tem*” então cada taquara seca é de 30 em 30 anos, servindo também como ideia de calendário na visão deste povo, e ainda que na crença Kaingang significa três anos de seca e miséria.

Toda sua importância na identidade, sua dualidade *kamẽ* e *kanhru*, perpetuação de suas tradições, é uma forma de cultivar arte.

Geralmente quem pratica a confecção do artesanato são os indígenas que não têm outra profissão, como não ser estudado e também desempregado, e é uma forma de sobrevivência, a forma de negociação é através de troca ou venda, mas que ainda ocorrem à exploração por parte dos que compram estas artes, caso eles não vendam todo o artesanato, para que não tragam de volta para casa, trocam por galinha, ovos, frutas e até por bebidas alcoólicas.

Vai-se analisar o preço que os índios querem pela venda é baixo, por mais que seja árduo e trabalhoso. A coleta e a confecção é difícil poderiam ser conscientizadas e o comprador observar pelo valor histórico, à arte e a identidade impregnada neste artesanato, e ainda há concorrências com artesanatos plásticos.

A vida dos Kaingang funciona com base na espiritualidade, que permeia aspectos culturais, dentre esses podemos citar o artesanato, pois o uso e presença de artesanatos faz parte dos rituais espirituais e cerimoniais, não deixando de ser parte integrante da cultura.

Houve uma época em que o povo indígena utilizava artesanatos como armas (arcos e flechas), meios de transportar produtos e colheitas (cestos, balaios) e descanso (redes), adornos, etc.

Sempre é utilizado como meio de angariar recursos de subsistência de um povo, passado de gerações a gerações, através da sua comercialização. Quando nos deparamos com o artesanato pronto, pensamos que aquele processo de construção tenha sido fácil a sua confecção, mas digo que não é fácil, e para demonstrá-lo tento a seguir descrever alguns passos:

- Em um belo dia pela manhã se encontram um grupo de índios composto de homens, mulheres e crianças, para se deslocarem distante da aldeia e coletar matéria prima (taquara, cipó, taquaruçu, madeira, fibras, palhas, sementes e penas) dentre a enorme diversidade de culturas indígenas, cada povo tem seu universo de concepção e de uso de matérias primas (o Guarani acrescenta o artesanato de figuras animais na madeira, em relação diferente ao Kaingang);
- Pelo fato de ser distante, uma das mulheres fica encarregada de fazer a alimentação, lá no local da coleta, enquanto os outros realizam o trabalho braçal;

- Algumas ferramentas utilizadas nesta tarefa são: foice, faca e facão;
- Também é necessário cuidado, pois consta que houve casos de acidentes com animais peçonhentos, tais como cobras, escorpião e aranha; assim como os próprios espinhos da taquara;
- No retorno as suas casas, geralmente à tardinha ou ao anoitecer, já cansados, pelo fato de terem transportado a matéria prima, deixam para a manhã seguinte, para raspar com a faca e tirar a casca e a destalar as taquaras.

A taquara estalada com tintas é então cozida, para destacar e dar aquele contraste no artesanato, além de identificar as duas metades, kamẽ e kanhru, a identidade étnica do grupo. Quando é um artesanato rústico, como no caso do cesto para transportar colheitas, não é necessário pintura, nem raspar a taquara.

A produção e comercialização do artesanato são durante o ano todo, mas há épocas em que se tornam mais intensas, como por exemplo, tempos de férias escolares, dezembro à fevereiro, e na páscoa, quando vemos com mais intensidade nas cidades grandes e também no litoral.

Imagem 12: Comercialização de Artesanato Indígena



Fonte: www.radiotapejara.com.br (03.04.2015)

Um dos problemas enfrentados pelos artesãos indígenas ainda é a discriminação, preconceito e falta de local adequado para permanecer, enquanto

comercializam seu artesanato. Porém, já existem várias cidades que proporcionam estes espaços para a estadia como, por exemplo, as cidades do Rio Grande do Sul: Santa Maria, Rio Grande, Cruz Alta e Balneário Camboriú em Santa Catarina.

Imagem 13: Venda de artesanato indígena na cidade



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

1.8 Organização Social das Aldeias, liderança e gestão

Liderança Indígena: A Função do Cacique

Existe uma organização social dentro da T.I. assim como na sociedade em geral. Nesta organização uma das autoridades mais importantes é o Cacique, este representa os membros da T.I. e busca:

- mediação de conflitos em busca de uma solução ou alternativa;
- lutar pelo bem de seu povo;
- organizar festas e reuniões;
- recepcionar visitantes;
- incentivar a preservação da cultura de seu povo;
- zelar pelas normas e regras internas.

A escolha do Cacique é feita por indígenas acima de 16 anos de idades, cada candidato é representado por sementes (milho, feijão, soja), o candidato que fizer maior número de votos, digo sementes é considerado eleito. A eleição ocorre de quatro em quatro ano em algumas T.I e outras são vitalícia.

Problemas que o Cacique enfrenta e que muitas vezes o impede de cumprir com suas obrigações:

- O risco de vida que corre, só sabe que esta saindo na busca de recursos, mas não sabe se volta, pois vários líderes foram e ainda são mortos, também pelo fato do processo de discriminação e preconceito ser acirrado, principalmente pelas tentativas de retomadas de terras tradicionalmente ocupadas pelos nossos ancestrais, porem todos esses processos de discriminação e preconceitos sirva de fortalecimento para as nossas lutas.
- Passar experiência de suas funções, doutrinar índios novos de idade para aprender a lida como ser Cacique, para que não se perca a continuidade de luta pelos direitos do nosso povo;
- Dificuldade financeira em se deslocar para cidades e estados na busca de recursos, para a questão de saúde, educação, moradias e demarcações etc.
- Usufruir da terra em beneficio de todos na Terra Indígenas, mas sempre dando continuidade de autos sustentabilidade, pensando em preservar para nossos descendentes, e não aprender a ter ganância (lucros).

Uma possibilidade seria se pudesse ser instituída pelo governo federal a possibilidade de assalariar os nossos caciques de nossas terras, pois o trabalho que desenvolvem em prol das comunidades, quase não fica tendo tempo para seus afazeres, e assim evitariam atos ilegais desses com parcerias, arrendamentos e outros contratos.

Depoimento do Administrador atual da FUNAI

No dia 20 de novembro de 2014, obtive depoimento do Administrador da FUNAI, responsável pela T.I. Ligeiro, conforme relato de Lourinaldo Velozo, atual

administrador chegou ainda criança na década de 1960 na T.I. Ligeiro, seu pai trabalhava com os índios, na época haviam duas serrarias as quais não era dos índios nem do SPI – Serviço de Proteção ao Índio, e sim dos madeireiros, os irmãos Iospel os quais cerravam madeiras noite e dia, vendo aquele desmatamento de pinheiros e madeira de lei, foi feito um movimento pelos indígenas para tirar as serrarias do local.

Os índios na época aprenderam a trabalhar em marcenaria, carpintaria desses as famílias de: Candinhos, Manoelzinhos, Cabo Vicente, Laurentino Felix, esses faziam móveis, armários etc...estaria faltando isso novamente para capacitar nossos indígenas, os órgãos governamentais poderiam investir nesses cursos, pessoas que se identifiquem com questões indígenas.

Atualmente os servidores da FUNAI, saíram das T.I. e se localizam nas cidades próximas, uma saída brusca em 2009 no governo do LULA, essa ruptura foi grande, então o agente da FUNAI se retira de dentro e estão em CTL – Coordenação Técnica Local na cidade de Tapejara- RS. Em Ligeiro só tem um concursado Administrador, um Técnico Agrícola e uma estagiária. Foi perdido as pessoas que tinham experiências com índios, uns se aposentaram outros por óbito e que precisa com urgência repor servidores através de Concursos Públicos.

Este depoimento foi coletado no mês de dezembro de 2014, no CTL em Tapejara RS, por se tratar de um administrativo antigo da FUNAI e que conhece muito bem essa comunidade de TI de Ligeiro.

Imagem14: Administrador Representante da FUNAI - Lorinaldo Veloso



Fonte – Darci Emiliano (2014)

O Panelão

Mais uma vez como de costume chego numa manhã de sol após alguns dias de chuva nesta sexta-feira dia 30 de janeiro de 2015, na residência de Dona Terezinha Kasĩ Lima, de 63 anos de idade e do Sr, Domingos Rosa de 69 anos de idade, converso naturalmente com estes, pois quando se está dentro da T.I. Ligeiro ou em qualquer outra T.I. tentamos sempre a fala no idioma mãe Kaingang, como é de costume indígena tomar chimarrão, eu chego com um pacote de erva-mate de 1 kg, para podermos chamarrear enquanto conversamos, propôs a este casal se poderiam falar sobre o “panelão” ou “turma”, expressão utilizada para designar ao trabalho escravo de meus parentes.

Contaram que isso aconteceu no início da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, década de 1960, tentaram fazer com que os índios do estado do Rio Grande do Sul, trabalhassem obrigados nas lavouras, que na época eram coordenadas pelos administradores da FUNAI e lideranças políticas indígenas daquela época, só que os índios não usufruíam dos resultados obtidos de plantio e colheita, somente alimentação, participava desse trabalho índios a partir de 9 a 10 anos de idade, era

um grupo de 60 a 80 indivíduos, viviam em regime nômade, trabalhavam em lavouras, da implantação a colheita, roçavam matas com auxílio de machado e foice, posterior queimava e plantava feijão, milho e trigo com auxílio de enxadas e paus com pontas, não utilizavam adubação tampouco agrotóxicos, então limpavam as roças com capina.

O horário de trabalho iniciava das 06hs às 12hs e das 13hs às 17hs e quando da colheita ficavam durante uma parte da noite, levantavam cedo, frequentavam filas para tomarem café, diariamente era servido farofa de farinha de milho e café e ao meio dia no almoço feijão com farofa e a noite no jantar feijão com farofa, carne era servida uma vez por mês de caça.

Quem não quisesse trabalhar naquele sistema escravo eram punidos e castigados, então diante dessa situação alguns índios fugiam e iam morar para outras terras indígenas ou em cidades, mas eram buscados e levados de volta pelas lideranças políticas indígenas.

As roupas utilizadas eram de tecido volta ao mundo e riscado e não tinham calçados, a casa no acampamento eram fabricadas de guarana *prê*, vegetal usado na cobertura e de laterais das casas e algumas feitas de taquara *vãn*.

Imagem 15: Guarana - *prê*



Fonte – Darci Emiliano (2015)

Com protestos de alguns índios diretamente em Brasília, esse sistema trabalho foi extinto no ano de 1970.

Daí surge a história do panelão, pois eram feitos os alimentos para aproximadamente 80 a 100 pessoas homens, mulheres e adolescentes, em grandes panelas de ferro. Este ainda sendo utilizado pelo Kaingang na T.I. Ligeiro, de uso coletivo.

Imagem 16 - Panelão



Fonte – Darci Emiliano

O Serviço de Proteção Indígena - SPI

Criada em 1910, dentre as diversas funções do Serviço de Proteção Indígena SPI podemos destacar algumas:

- Prestar assistência aos índios;
- Civilizar os indígenas;
- Contatos com índios isolados;
- Transformar em trabalhadores rurais;

- Pacificação de índios;
- Assistência educacional;
- Assistência à saúde;
- Aldeamentos indígenas.

Não condizentes com sua função, e as pessoas que atuavam geralmente eram militares, e não possuem qualquer preparação, interesse e não se identificavam com a causa para a qual foi proposta ou criada.

Casos de fome, doenças, genocídios e escravização eram permanentemente denunciados, no início da década de 1960 sob acusação das denúncias o SPI foi investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquéritos. O processo levou a demissão e suspensão de vários funcionários de todo escalão. Então em 1967 em meio toda essa crise institucionais e com o início da ditadura O SPI foi extinto e substituído pela FUNAI.

FUNAI

Esta nasce com a extinção da SPI, através da Lei nº 5.371 de 05 de dezembro de 1967, com a finalidade das quais cito algumas:

- Proteger dar suporte aos índios;
- Contatos com índios isolados;
- Demarcação de terras;
- Desenvolvimento sustentável;
- Garantir saúde e educação;
- Divulgação cultural;
- Pesquisa e dados da população indígena;
- Promover e proteger os direitos;
- Evitar ações de madeireiros, garimpeiros e arrendamentos das terras, etc.

Em 1998 as questões da saúde indígena passaram para a responsabilidade da FUNASA e na sequência atualmente SESAI.

A questão da Educação indígena esta sob a Coordenação do governo Estadual e Municipal, desde o ano 1990, portanto, restando para a FUNAI a função de assistência com benefícios sociais, auxilio doença, auxilio maternidade, aposentadorias, implantação de políticas públicas, demarcações de terras, etc.

A Tutela

Isso vem da Lei nº 5.484 de 27 de junho de 1929, que estabeleceu sua relativa incapacidade jurídica e o poder de tutela ao SPI, e também a FUNAI, estes dispositivos, entretanto partia de uma noção genérica de índios, por um lado visavam proteger as terras e as culturas indígenas por outro a transferência territorial dos nativos para liberar áreas destinadas colonização e imposição de alteração de seus modos de vida.

Os índios eram considerados menores e incapacitados de responder pelos seus atos perante a justiça, isso quer dizer quando um índio cometia algum crime, o órgão responsável respondia por ele, não somente na justiça, mas como todos os setores da sociedade como, por exemplo: educação, benefícios, documentação, etc.

Com a Constituição de 1988 o índio perdeu esta tutela principalmente na parte jurídica, por tanto o índio tem que responder pelos seus atos, perante a Lei e a sociedade. Que para nós índios Kaingang, se encontra enraizado, pois o processo é recente, então quero dizer que ainda estamos dependentes ainda em grande parte da população, acredito que vai demorar mais tempo para então sermos totalmente independentes isso não ocorre da noite para o dia.

1.9 A Problemática da Pesquisa

Questões que norteiam o trabalho de pesquisa:

- 1 - Por que deixamos de utilizar nossos alimentos e ervas medicinais?
- 2 - Os mais jovens não tem interesse acerca do saber tradicional de seu povo por quê?
- 3 - De que forma resgatar os saberes tradicionais ancestrais ligadas com alimentação e saúde?

Respostas:

- 1 - Facilidade de aquisição de remédios industrializados que são entregues gratuitamente nos postos de saúde; por causadas políticas públicas especificamente a doação de cestas básicas; pelo uso intensivo de agrotóxicos.
- 2 - Por vergonha da identidade indígena; desejo de ser moderno e ser aceito na sociedade branca; pela miscigenação; por falta de incentivo e persistência por parte dos indígenas adultos em repassar os saberes; por acreditar por não ter vantagem econômica; falta de kujà; ausência de trabalho de um educador ambiental; a influencia progressiva da transmissão da cultura branca por meio de audiovisuais e pela educação formal nas escolas, em detrimento de transmissão oral e tradicional.
- 3 - Através das entrevistas com kujà; realizando micro intervenções com educador ambiental tanto nas escolas como em outras atividades; através das práticas esportivas; através de trilhas ecológicas, fazendo reconhecimento de plantas, nome e usos; práticas educativas e implantações de mudas frutíferas nativas e exóticas.

Respostas provisórias das problemáticas:

- 1 - Redução geográfica das T.I.;
- 2 - Contato e convivência com o não índios;
- 3 - Histórico de contato e relação desigual;

4 - Eram proibidos de falar no idioma.

5 - Conflitos internos;

6 - Miscigenação;

Definição de Educação Ambiental

Para um Kaingang tudo que está ligado com a proteção da terra, água, matas e animais tem relação com o convívio harmonioso e a prática de uso coletivo. Quando falamos disso é em benefício de todos com racionalidade, ética, sustentabilidade; visando a qualidade de vida; é a consciência crítica despertada em nós para enfrentar todas as ações contrárias a conservação do meio ambiente; é a resistência ao sistema dominante capitalista, é o “não” para o desmatamento, agrotóxicos e não somente usufruir da natureza, mas também conservar.

É a causa indígena, seus conhecimentos tradicionais aliados aos conhecimentos científicos com meio natural, é não trocar o homem pela máquina.

Quero dizer que a sobrevivência do meu povo depende do saber patrimonial acumulado por milhares de anos, esse saber patrimonial é o saber local, é um conhecimento profundo de manejo do rio e da floresta, então quando desmata e polui você ameaça este saber, e invalidando este saber do qual depende a sobrevivência de uma comunidade indígena, imagine as consequências disso? Certamente trágicas. Já no Brasil a lei 9795 de 27 de abril de 1999, sobre Educação Ambiental decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pela Presidência da República, dispõe no artigo 1º, entende por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimento atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial a sua qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Quando se pensa Educação Ambiental não é somente esperar pelos órgãos públicos, mas com ou sem eles fazer a nossa parte, é o trabalho na escola com

crianças, é a iniciativa de plantar árvores, não utilizar somente veículo de transporte é reciclar e separar lixo.

Tenho observado que existe uma concorrência entre os governos mundiais, para ver quem destrói mais em nome do progresso. E principalmente o governo brasileiro sendo conivente com a destruição do meio ambiente, com desmatamentos, uso intensivo de agrotóxicos nas lavouras, energia nuclear ao invés das renováveis. As consequências disso são os animais não tendo onde viver e estão em extinção, a destruição da camada de ozônio a poluição e o pior a falta de água, que se nota na conjuntura atual.

Por isso e outras mais a necessidade de repensar o conceito de Educação Ambiental, ainda há tempo, vamos pensar em nossos filhos e netos para que estes herdem um ambiente melhor, como afirma Felix Guattari começar por nós através de micro intervenções.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo que empreendemos com o objetivo de pesquisar o uso das plantas medicinais tradicionalmente utilizadas pelos Kaingang da T.I Ligeiro, vinculando estes saberes às discussões da educação ambiental se caracteriza como uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, do tipo estudo de caso. O estudo de caso – aqui tratado em nossa investigação visa analisar as como os saberes e práticas relacionados com o meio ambiente e com a comunidade indígena estão sendo valorizados.

Para Yin (2001), um estudo de caso é uma investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real. O estudo sobre esse contexto referido é muito oportuno porque serão ouvidos os atores que efetivamente convivem e conduzem o processo de preservação de valores, crenças e práticas Kaingang na comunidade T.I. Ligeiro.

Para Minayo (2004)

a abordagem qualitativa não pode pretender o alcance da verdade, com o que é certo ou errado; deve ter como preocupação primeira a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade. Preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Significado como conceito central. Fenômeno entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos (p.57).

Nesse sentido, as orientações da pesquisa qualitativa nos levam ao pensamento flexível sobre o tema, sem a intenção de definir uma metodologia de modificar o ambiente hoje na comunidade indígena, mas investigar e conscientizar sobre esses valores que precisam ser mantidos e aperfeiçoados.

Para a coleta de dados a que se propõe a pesquisa, foi realizada a aplicação de questionário a indígenas idosos, lideranças, kujà, alunos e alguns depoimentos importantes de quem administra, como é o caso do administrador da FUNAI.

O questionário terá algumas questões bem claras que permitam atender ao cumprimento dos objetivos a que se propôs na introdução do presente estudo.

Todas as questões são definidas previamente e constam de um formulário com fácil compreensão no Anexo 1.

Outro instrumento importante de coleta de dados está a entrevista que visa colher de forma bem espontânea as informações dos indígenas sobre crenças, práticas relacionadas com a preservação dos costumes, da saúde física e espiritual da comunidade indígena, além das práticas de sobrevivência e de vida da comunidade. A perspectiva é de que a análise dos dados contribua para compreensão de como estão sendo vistos esses saberes e como ocorre na prática os costumes e valores da cultura indígena.

A pesquisa trata de investigar a realidade indígena através da participação de crianças, adultos, lideranças da comunidade, porém, todos os participantes das informações e envolvidos no processo de informações manifestaram claro consentimento e concordância tanto em preenchimento de questionário, realização de entrevistas e de fotos.

2.1 Implantação do Horto

Em julho de 2013 entrei em contato com lideranças políticas, direção, professores e pais da Terra Indígena Ligeiro, para falar sobre a possibilidade de implantarmos um Horto Medicinal naquela terra, neste encontro também participou Rodrigo Beatrice, servidor do Instituto Federal Rio Grande do Sul – Campus Sertão. Nesta reunião foi comunicado o projeto de pesquisa em questão e as lideranças políticas autorizaram que as atividades fossem desenvolvidas.

Em setembro do mesmo ano, a comunidade indígena cedeu uma área de aproximadamente 600 m² cercado com tela. Para este projeto, dois alunos indígenas do IFRS – Sertão – RS, foram contemplados com bolsa de estudos para atuarem na implantação deste Horto. Além deles, alunos indígenas, da Escola Estadual Indígena

de Ensino Médio Fág Mag, se propuseram a colaborar no turno inverso ao estudo em sala de aula.

Imagem 17. Alunos indígenas atentos a uma explicação técnica do autor



Fonte – Darci Emiliano (2014)

Este trabalho durou cerca de 3 a 4 dias, nos quais foram construídos os canteiros, pois a terra já havia sido preparada com auxílio de máquinas agrícola pelos próprios índios do local. A seguir, relação de algumas mudas inseridas no horto, procurando identificar as que tradicionalmente foram e são utilizadas pelos Kaingang (nativas) e as mudas que atualmente podem ou são utilizadas, porém não propriamente inseridas na cultura desse povo, aqui designadas como exógenas.

Plantas medicinais utilizadas no horto

Nº	Planta	Nativa ou exógena?	Nº	Planta	Nativa ou exógena?
01	Abóbora	Nativa	17	Guaco	Nativa
02	Abobrinha	Exógena	18	Hortelã	Nativa
03	Alcachofra	Exógena	19	Guaco	Nativa
04	Alecrim	Exógena	20	Hortelã	Nativa
05	Alface	Exógena	21	Linhaça	Exógena
06	Alho porró	Nativa	22	Malva	Exógena
07	Bálsamo	Exógena	23	Mandioca	Nativa
08	Batata doce	Nativa	24	Manjerona	Exógena

09	Boldo	Exógena	25	Mil ramas	Exógena
10	Carqueja	Nativa	26	Moranga	Nativa
11	Cavalinha	Exógena	27	Ora-pro-nóbis	Exógena
12	Cenoura	Exógena	28	Pariparoba	Exógena
13	Cidreira	Nativa	29	Girassol	Exógena
14	Confrei	Exógena	30	Pepino	Exógena
15	Dente de leão	Nativa	31	Pulmonária	Exógena
16	Estévia	Exógena	32	Violeta de jardim	Exógena

Fonte: Darci Emiliano

Imagem 18: Confeção do horto T.I. Ligeiro



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2013)

No local do horto eu comentava da importância do processo de revitalização no uso de ervas medicinais, utilizada pelos nossos antepassados. Explicava de como era feito a preparação dos canteiros e o plantio das mudas, e posterior colocávamos em prática. Paralelo a essa implantação era proporcionada visita destes alunos e adultos indígenas ao IFRS – Campus Sertão – RS e ao Instituto Educar Pontão – RS com objetivo de conhecer as pratica lá implantada e incentivaros indígenas a cultivar um horto na T.I. Ligeiro. Com o projeto em andamento os alunos se interessavam mais a cada encontro, pois viam o resultado das micro intervenções realizadas por eles.

Como incentivo a estes, todas as vezes que ia trabalhar no horto, levava junto frutas e ainda fazia lanche com suco natural, pão, linguiça assada no próprio local. Como era importante este processo, pois me sentia realizado com aqueles olhares atentos a uma simples explanação, digo as minhas palavras e ações na prática, a qual eles assimilavam tão bem, proporcionei aos alunos, mudas frutíferas nativas e de ervas medicinais para que estes implantassem em suas casas e graças a Deus pude constatar que em varias residências isto teve êxito.

É importante salientar que o hortofoi realizado sem o uso de agrotóxicos e aditivos químicos, sendo utilizado somente adubo orgânico, assim incentivando os alunos na prevenção do meio ambiente.

Tínhamos o interesse em reproduzir um dicionário bilíngue, entrar em sala de aula e dar material por escrito, mas infelizmente não tivemos tempo hábil, pois tinha que trabalhar no IFRS – Campus Rio Grande, estudar na FURG e sem acesso a bolsa de estudo ou outros meios financeiro de apoio ao projeto, ao mesmo tempo, durante esse processo, houve o conflito interno, diante disso todos os projetos em andamento, saúde e educação paralisam suas atividades.

Na Escola Estadual Indígena Fãg mág da T. I. Ligeiro possui 380 alunos matriculados da primeira a oitava série, e seu quadro de funcionários de 8 professores não indígena, 8 professores indígena e 3 servidores.

Imagem 19: Escola Estadual Indígena Fãg mág



Fonte: Darci Emiliano (2015)

Imagem 20: Pinheiro Grande -Fág Mag



Fonte: Darci Emiliano (2015)

Imagem 21: Visita dos indígenas ao Instituto Educar– Pontão - RS



Fonte: Darci Emiliano (2014)

Atualmente já foram realizadas colheitas da Horta e distribuídas entre alguns moradores da comunidade.

Além disso, foi implantado nesta Reserva, em torno de 200 mudas de plantas frutíferas nativas, como por exemplo: sete capotes, ovaia, pitanga, guamirim, guabiroba, guabiju, araticum, etc.

Fundamento estas atividades, através da perspectiva de três ecologias de Félix Guattari. As ecologias ambiental, social e mental estão no contexto e desenvolvimento deste projeto, da seguinte forma:

- Ecologia ambiental, através do contato e manuseio que é realizado com a terra, as sementes, a água, o clima;
- Ecologia social, devido às instituições envolvidas e organização de oficinas, e o trabalho em grupo com os alunos sobre a transmissão dos saberes tradicionais;
- Ecologia mental pelo trabalho da espécie, o indivíduo, no seu inconsciente e da cultura e cosmologia Kaingang.

Nesse sentido cabe um registro sobre a importância da educação ambiental entre os indígenas. Independentemente de nossas origens, se indígena, afro ou branco há movimentos que são universais no sentido de preservação da natureza e do meio ambiente. Lembramos aqui Lopez Velasco (2008, p.40) quando faz referência à educação ambiental:

“Cada ser humano está chamado a ser um educador ambiental. Em especial, mas sem perder a condição de educandos na relação dialógica que deles se espera, esse papel é exigido dos pais, dos integrantes das organizações ambientais, dos professores de todos os níveis, dos jornalistas e comunicadores em geral, dos sindicalistas e ativistas sociais e políticos, das lideranças comunitárias e, quando despertarem para tal, das lideranças religiosas e dos administradores.”

É importante nessa referência, o papel dos educadores e lideranças da comunidade indígena, para que as crianças, em idade escolar possam ser conscientizadas dessa responsabilidade com o meio ambiente.

CAPÍTULO 3 - A TERRA INDÍGENALIGEIRO

Delimitou-se em 1911 pela comissão de Terras de Passo Fundo, demarcada em 1990 e homologada em março de 1991. Faz limite com os municípios de Sananduva, Ibiaçá, Tapejara, distante da capital do estado 320 km.

Imagem22: Vista parcial da T.I. Ligeiro



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

A Terra Indígena Ligeiro (ponto 27 do mapa apresentado abaixo, na figura 1) localiza-se no município de Charrua, RS. A área atual é de 4.565,8 hectares e nela residem aproximadamente 1.500 indígenas, a maioria Kaingang e alguns guaranis.

Figura 1.

Mapa das terras indígenas Kaingang.

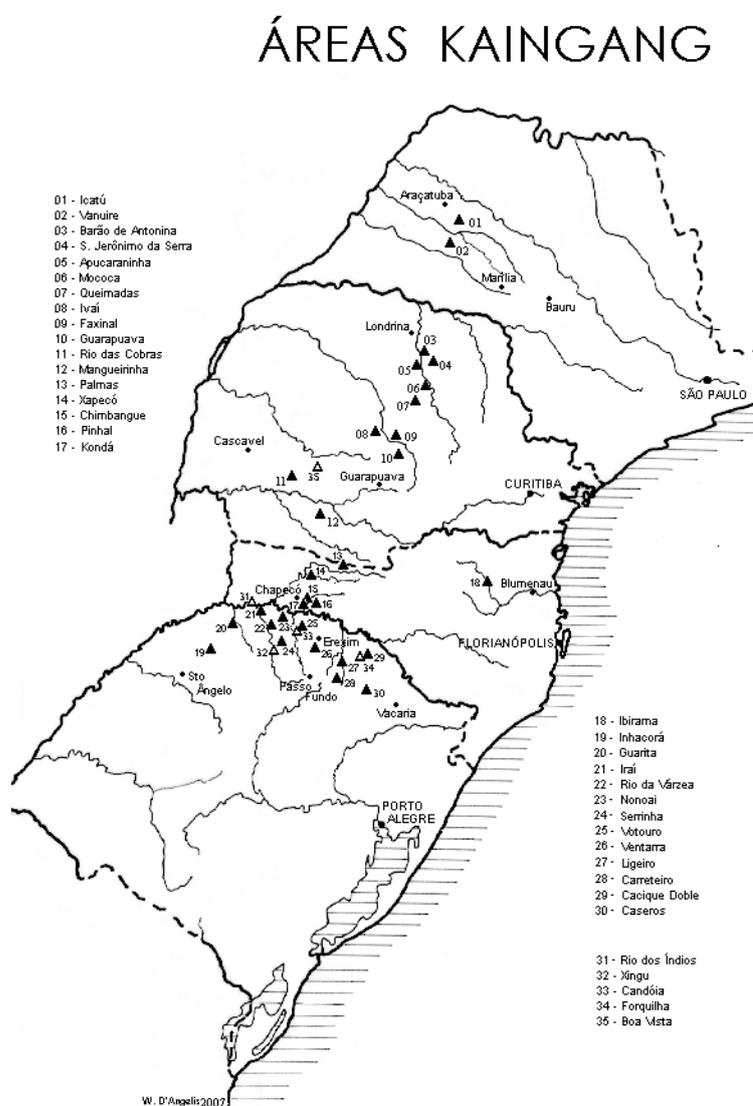


Figura 2. Mapa da Terra Indígena de Ligeiro. (Fonte: INÁCIO, 2005)

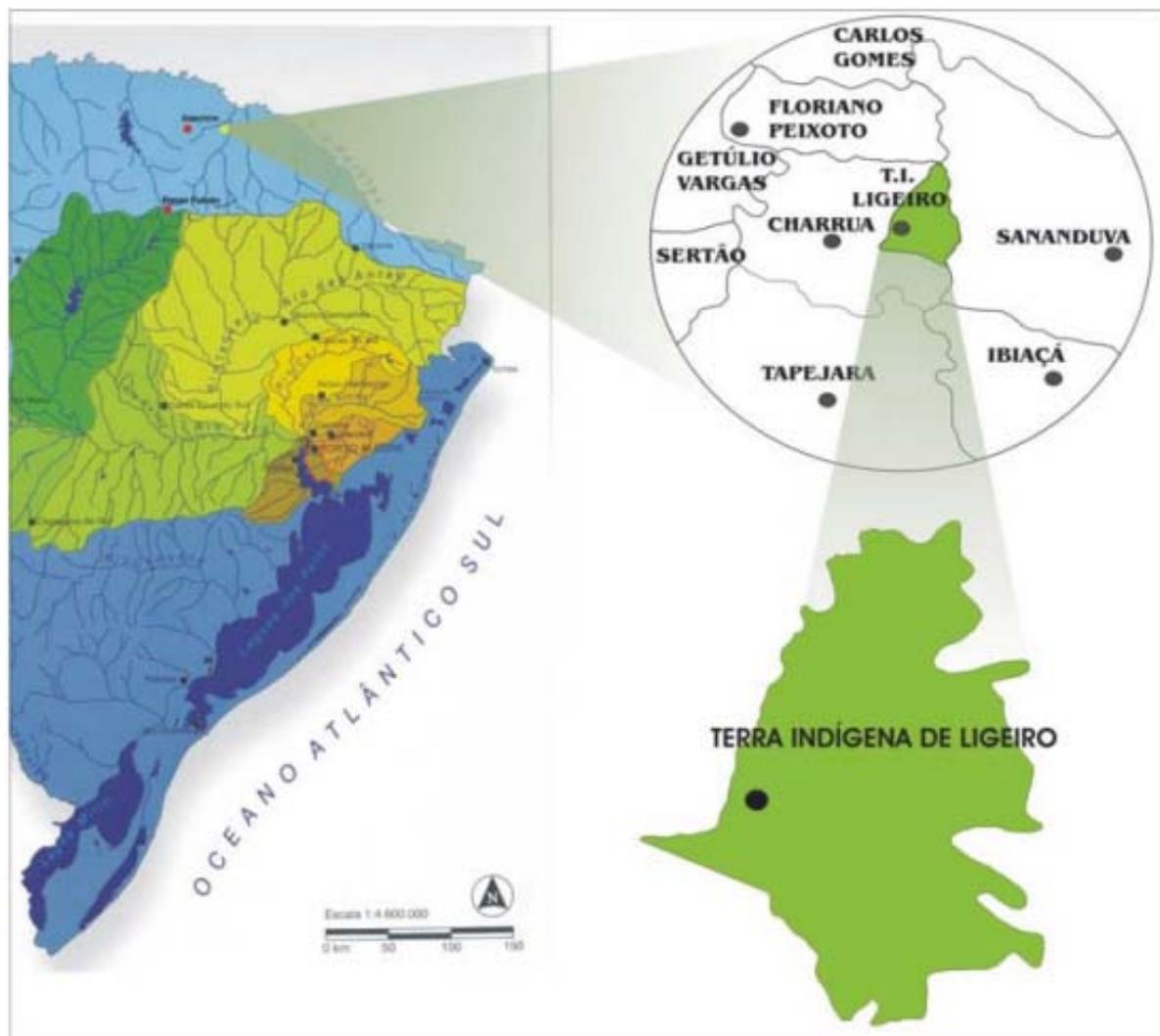


Figura 3: Mapa da Terra Indígena Ligeiro. (Fonte: INÁCIO, 2005)



Há que se destacar no mapa em destaque a existência de terras férteis, portanto, de alta produtividade, mas especialmente uma marca evidente de

preservação de mata nativa, ou seja, de cobertura arbórea. Predomina a preservação ambiental e com baixa área de culturais anuais. Essa realidade está retratada em outras regiões do Brasil também em outras comunidades indígenas. Parece que onde está o branco está o solo descoberto e onde estão os indígenas estão as áreas preservadas e verdes.

3.1 Dados populacionais

População

População total	100%	1.524 habitantes
Mulheres:	50.2%	760 habitantes
Homens:	49.8%	754 habitantes

Pessoas residentes na comunidade de Ligeiro, Charrua – RS, por grupo de idade:

IDADE	HOMENS	MULHERES
50 anos ou mais	68	72
25 a 49 anos	205	218
15 a 24 anos	160	145
10 a 14 anos	125	111
5 a 9 anos	123	136
0 a 4 anos	73	78

Indígenas acima de cinco anos de idade que falam o idioma no domicílio

KAINGANG E GUARANI:	
98% Falam	1.494 habitantes
2% Não falam	30 habitantes

Obs: Destes indígenas 3 habitantes são da etnia guarani, meu padrasto, meu irmão e minha sobrinha.

3.2 Alfabetização

Alfabetizados	856 habitantes
Não alfabetizados	248 habitantes

3.3 Dados econômicos

Sem rendimentos	428 habitantes
Até ½ salário mínimo	254 habitantes
De ½ a 1 salário mínimo	303 habitantes
De 1 a 2 salários mínimos	105 habitantes
De 2 a 5 salários mínimos	12 habitantes
Acima de cinco salários mínimos	-

3.4 Energia elétrica

Domicílios		286 casas
Com energia elétrica	90.6%	259 casas
Sem energia elétrica	9.4%	27 casas

3.5 Domicílios particulares permanentes, por condição de ocupação:

Cedidas	92%	264 casas
Própria	7.3%	21 casas
Outra condição	0.3%	1 casa

3.6 Domicílios particulares permanentes por forma de abastecimento de água:

Carro-pipa	61 casas
Poço ou nascente	224 casas

3.7 Domicílios particulares permanentes por existência de banheiro ou sanitário:

Banheiro de uso exclusivo ou sanitário	285 casas
Banheiro de uso exclusivo ou sanitário vala	245 casas
Banheiro de uso exclusivo ou sanitário fossa séptica	36 casas
Banheiro de uso exclusivo ou sanitário fossa rudimentar	4 casas

3.8 Domicílios particulares permanentes por destino de lixo:

Queimado (na propriedade)	169 casas
Coletado	112 casas
Jogado em terreno baldio ou logradouro	3 casas
Enterrado (na propriedade)	2 casas

Fonte: Dados do IBGE, 2010.

3.9 Posto de Saúde

Na T.I. Ligeiro, na atualidade contamos com um local que chamamos de posto de saúde, postinho ou enfermaria, é o local onde a comunidade indígena, fazem tratamentos dentários, consultas e adquirem remédios industrializados.

Imagem 23 – Posto de Saúde



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

As doenças físicas mais comuns os quais são atendidos são: gripe, dor de cabeça, desidratação, vermes e dor de barriga, muitos desses pacientes são crianças.

Há também um grande número de adultos com problemas de saúde bucal tais como: dentes cariados, placas, gengivites, falta de escovação dos dentes conseqüentemente ausência de dentes, doenças mais comuns são: cirrose, ocasionada pelo consumo de bebidas alcoólicas, colesterol, diabetes, pressão alta, alguns casos ataque cardíaco, enfarte e derrame cerebral.

Em se falando de saúde, a alimentação andou sendo industrializada e com produtos químicos como conservantes, até na década de 1980 para nós a alimentação ainda não estava no ponto de atualidade e sim mais qualidade, pois a consequência é a fragilidade a doenças, obesidade etc.

Com a derrubada das matas também está acabando a nossa farmácia, nossas ervas, nossos remédios, inclusive nossa saúde, a necessidade urgente em formular e provar leis para evitar toda devastação que vem acontecendo na atualidade, as consequências já está ai, enchentes, deslizamentos, temporais etc.

Alguns moradores da T.I. acham que o órgão responsável pela saúde não está cumprindo com suas obrigações, pois faltam medicamentos, plantão médico nos finais de semana e feriados. É necessária a busca constante de uma melhora da saúde, articular outros órgãos municipais, estaduais e federais, não somente esperar pela SESAI - Secretaria de Saúde Indígena, pois este não cumpre com suas obrigações, por isso também o processo de revitalizar saberes tradicionais destes.

Os profissionais contratados pela Secretaria de Saúde Indígena-SESAI que trabalham neste local são:

- Um médico Clínico Geral -Cubano
- Uma médica ginecologista (uma vez por mês)
- Um dentista
- Um auxiliar de dentista
- Três técnicos de enfermagem
- Dois agentes indígenas de saneamento básico
- Dois enfermeiros padrão

- Cinco agentes de saúde
- Quatro motoristas
- Uma viatura oficial do SESAI

3.10 Eventos e Comemorações

Destaco a importância da escola em passar conhecimentos e culturas, mas principalmente a liderança política dando apoio, pois sem este apoio nada é fácil.

Imagem24 - Dança do kamê e kanhiru



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2015)

Existem várias formas de entretenimento na T.I. Ligeiro, a prática dos esportes, principalmente jogo de futebol e anualmente realizam-se campeonatos entre as T.I. também participamos de campeonato municipal de futebol e futsal nas modalidades feminino e masculino.

No ano de 2014 aconteceu a 3ª edição dos Jogos dos Povos Indígenas do Rio Grande do Sul, no dia 02 a 06 de abril na T.I. de Guarita, Km 10, município de Tenente Portela, esses eventos saem com auxílio da Fundação do Esporte e Lazer

do Rio Grande do Sul - FUNDERGS e apoio do município local onde se realiza o evento.

O evento visa promover e resgatar a tradição e cultura indígena no estado, através da prática de esportes e de manifestações culturais tradicionais. Nesse evento participaram 16 Comunidades dos Povos Kaingang e Guarani, que durante esses quatro dias promovendo a celebração através das suas expressões culturais, fomentando o resgate a revitalização e principalmente a valorização de sua cultura por meio de conagraçamento entre povos indígenas.

Nestas atividades se praticam esportes tradicionais e não tradicionais, os jogos tradicionais compreende: arco e flecha, lutas corporais, arremesso de lança, cabo de força, pesca e corridas.

Imagem 25: Modalidade Cabo de guerra.



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

Imagem 26: Modalidade Pesca



Fonte: radiomunicipalam@gmail.com - Tenente Portela - RS

Os jogos não tradicionais praticados são: futebol, futebol sete, natação, vôlei, corridas curtas e longas.

Imagem 27: Modalidade corrida



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

Imagem 28: Modalidade futebol de campo



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

Além dos esportes a programação inclui a realização de Oficinas de pintura corporal, mostra de artesanato e culinária indígena e a realização de fórum de discussões sobre a importância da preservação das manifestações esportivas e culturais e sua relação com o meio ambiente. É escolhida a rainha dos Povos Indígenas, onde jovens de grupos participantes concorrem e é escolhida rainha que mais se destaca.

Dia 19 de abril de 2015, foi comemorado o Dia do Índio, nós índios do Brasil de todas as etnias, temos esta data para comemorar o nosso dia.

Esta data foi definida pelo Presidente Getúlio Vargas em 1943, através do Decreto Lei 5.540. é que no ano de 1940, no México foi realizado o primeiro congresso indigenista interamericano, além de contar com a participação de diversas autoridade governamentais dos países da América, vários líderes indígenas deste continente foram convidados para participarem das reuniões e decisões. Porém, os índios não compareceram nos primeiros dias do evento, pois estavam preocupados e temerosos. Este comportamento era compreensível, pois os índios há séculos estavam sendo perseguidos, agredidos e dizimados pelos homens brancos.

No entanto, após algumas reuniões e reflexões, diversos líderes indígenas resolveram participar, após entenderem a importância daquele momento histórico. Esta participação ocorreu no dia 19 de abril, que depois foi escolhido, no continente americano, como o Dia do Índio.

Fonte: www.acemprol.com/historia-do-dia-do-indio

Porém na conjuntura, não temos muito que comemorar, diante da retirada dos direitos por partes dos governos federais, estaduais e municipais e principalmente pela não demarcação das terras indígenas beneficiando o espírito capitalista, da destruição e da morte...

É um dia em que todos os índios da T.I. Ligeiro, município de Charrua - RS, confraternizam, demonstram e revitalizam seus costumes e tradições culturais. E ainda é proporcionado almoço com carne de gado e suíno, pão e refrigerante para cada família indígena e visitante, gratuitamente.

Imagem 29: Distribuição de churrasco



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2015)

Imagem 30: Organização para retirada do churrasco



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2015)

Finalmente podemos nos referir às propostas iniciais de nossa investigação e efetivamente dizer que as hipóteses referidas no início desse trabalho foram confirmadas. O estudo proporcionou o conhecimento mais específico sobre a vida indígena e as relações dos indígenas com a natureza, especialmente o trato com as plantas medicinais. Os valores da preservação da cultura indígena e o uso intensivo de ervas e frutas para promover a saúde estão em fase de esquecimento. Há muitos fatores que interferem e prejudicam a preservação desses costumes. Há claro, algumas iniciativas de retomar nas escolas e nos projetos da comunidade indígena o uso de plantas medicinais e de frutas, mas infelizmente muitos desses hábitos estão se perdendo na comunidade.

3.11 Conflitos internos

Um dos últimos desentendimentos entre os índios da terra indígena do Ligeiro ocorreu no dia 17 de dezembro de 2012. Este feito ocorreu devido ao resultado da eleição realizada dentro da aldeia. Nesta eleição se candidataram 3 candidatos, um era o cacique eleito Vilácio Candinho, seus concorrentes eram Valdir Paiano e Jacir

Rosa, quando eleito o cacique compõe seu grupo de trabalho nós índios chamamos de liderança política, este composto de: Cacique, Vice Cacique, Capitão, Tenente, Cabo e policiais, cada um desses líderes têm suas funções. Em se falando da liderança acredito que seja na forma de organização herdada pelo militarismo.

Quando posterior à eleição e a liderança formada, acontece descontentamento, perseguição, desavenças, resquícios da campanha política, alguns grupos querendo que os derrotados da eleição se sintam pressionados, algumas vezes realmente perseguidos e sujeitos a cumprir rigorosamente as leis internas.

Diante disso no dia 29 de setembro de 2014, ocorreu mais uma revolta interna dentro da Terra Indígena do Ligeiro, quando o grupo contrário ao cacique botou fogo nas casas do cacique e do vice-cacique em represália a alguma forma de punição cometida a um índio daquele grupo. Com isso o cacique e seu grupo se acamparam fora da T.I., distante mais ou menos trezentos metros na terra de um vizinho não indígena, até que buscasse um consenso e solução deste conflito.

Imagem 31: Casas indígenas incendiadas



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

Ficaram acampados durante mais ou menos 40 dias, fora da T.I. Mas o problema maior é que nesse espaço de tempo para tudo dentro dessa T.I., não há atendimento na saúde, nas escolas, se há algum convênio, parcerias, visitas, tudo é cancelado e evitado em se deslocarem a T.I., pois as pessoas primam pela

segurança pessoal e de seu patrimônio como já ocorreu algum tempo atrás servidores serem ameaçados e depredação de veículos.

Se a situação já é difícil com a atuação normal desses profissionais, pensem sem eles? Há perda de ano na educação, projetos de pesquisas abandonados, pelos parceiros municipais, estaduais e federais, inclusive o meu caso, pois mesmo eu sendo Indígena tive que evitar ir nesse período de tempo do conflito interno, pois um dos grupos poderia considerar ou pensar que eu estivesse apoiando esse ou outro grupo.

A forma de eleição é realizada há mais ou menos 20 anos, até então, havia um índio cacique vitalício e hereditário, e com menos desentendimento. Essa forma de eleição da atualidade também tem semelhança com a realizada fora da aldeia, democrático, de quatro em quatro anos, é eleito o candidato mais votado, quem vota são indígenas a partir de 16 anos de idade sem necessidade de documento específico, título de eleitor.

As nossas leis internas são rígidas, costume dizer que se um índio tomar algo de outro e ou roubar uma agulha, este é punido, esta punição pode resultar em trabalho de, por exemplo, capina, roçadas nas proximidades dos prédios públicos tais como escola, posto de saúde, clube, igreja etc, além, claro, do castigo da cadeia onde o indivíduo fica preso temporariamente ou vários dias, às vezes há caso de transferência, estas acontecem em caso de cometerem alguns crimes considerados graves.

Mas deste caso de desentendimento um grupo de mais ou menos 200 índios do candidato perdedor alegaram todos esses problemas de perseguição e resolveram se acampar em frente ao CTL – Coordenação Técnica Local, órgão que representa a FUNAI, situada no município de Tapejara - RS, para que a FUNAI e outros órgãos competentes tomassem algumas providências imediatas, pois estes grupos alegam que já haviam denunciado varias vezes este procedimento do novo cacique ao Ministério Público e Polícia Federal e estes não teriam se manifestado.

Em alguns instantes percebo que as falas das autoridades não indígenas, eram de que se desse mais tempo antes de interferir, até o momento em que os próprios indígenas se entendessem, conforme a sua forma de autoridade e ou respeitassem a organização das leis das terras indígenas, para depois agir.

Neste sentido discordo das autoridades não indígenas, pois na legislação indígena existem falhas, leis mesquinhas e o abuso da autoridade cometida por lideranças indígenas, e que os fatos denunciados fossem logo apurados por uma organização de outros caciques de terras indígenas diferentes, digo, não da mesma localidade, lógico também por órgãos não indígenas.

Nestes casos de desentendimento ocorrem diversas formas de agressões: verbal, física, emocional, queima de casas, depredação de veículos, tiros de armas de fogo, pedradas, pauladas etc.. Acontecem estupros os quais não são punidos severamente e, às vezes, acobertados. Sofrem todos os índios, tanto quanto os que estão no poder “lideranças políticas” quanto os demais.

Quando acontecem casos nessas situações, umas das formas de punir o índio quando ele comete algo errado é a transferência para outras terras indígenas. No tempo do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), era o chefe do “posto” (representante da FUNAI, dentro da terra indígena) quem fazia a transferência, na atualidade esse procedimento é realizado pela liderança indígena. Essa forma de punição acredito ser errada pois tira uma família de sua terra natal, e carrega num caminhão e larga numa outra terra indígena sem conhecer quase nada daquele local sem parentela próxima, sem trabalho etc. Mas a mesma etnia com o ambiente diferente faz com que se sintam isolados da sua comunidade. Quando essa família sai a liderança se apropria de seus bens (casa, plantações), que é sistema dos primórdios dos Kaingang os quais já praticavam isso. Qualquer indígena que questione a atitude da liderança do grupo era motivo de transferência ou punição dos mesmos.

O que ocorreu recentemente em conflito interno, foi que o Cacique Vilacio queria expulsar as 20 famílias contrárias a sua administração, e essas famílias não queriam sair, “saímos daqui somente mortos”, um dos atritos maiores em decorrência de questionamento político, econômico e familiar.

No Ligeiro existe muito desentendimento entre as famílias tradicionais em razão de casamento mal resolvido, muita ociosidade entre as próprias mulheres, por mais que houve uma época em que as mulheres tinham e têm um papel importante na economia familiar, pois fabricavam e comercializavam artesanatos, mas que com o tempo elas foram perdendo essa liderança, identidade como tal, e quase não

tendo mais iniciativa de criar a família, está faltando alguma coisa para elas se ocuparem “afazer doméstico” ou fazer uma horta, ou lidar com ervas.

Se você passar na Terra Indígena pelas 10h, 12h ou 14h, elas estão sentadas numa sombra tomando chimarrão entre as vizinhas, parentes e fofocando da vida alheia e ou das lideranças, (*fulana me disse isso ou a sicrana aquilo*), vão a algum evento em campo de futebol assistir a jogo ou salão de festa (baile) tomam bebida alcoólica, e nesses eventos afloram esses desentendimentos.

Os nossos índios de hoje estão vivendo como urbanizados, as casas são uma do lado da outra, formando vilas, havia necessidade de se espalharem essas moradias dentro dessa Terra Indígena para terem espaço de implantar pequenas lavouras, criação de pequenos, médios e grandes animais para sua subsistência.

Houve uma época na década de 60 ainda tempo do SPI – Serviço de Proteção indígena, cada família de índio tinha escola de aprendizado, escolas técnicas, onde os índios aprendiam a trabalhar com juntas de bois, criação de galinhas e porcos e no final do curso recebiam uma junta de bois, um cavalo encilhado, duas porcas parideiras com cachaço e uma encerra (espaço para criar suíno).

Esse tipo de trabalho deveria ter tido continuidade, pois o nosso índio vive em outra temporariedade, menos de 1% dos índios da Terra Indígena Ligeiro tem ou utilizam relógio, o tempo para o indígena é outro, eles pouco se fixam nas horas, semanas, meses trata-se de uma perspectiva de tempo diferente.

Varias razões podem ajudar a compreender isto: a reduzida longevidade indígena atual (mais o menos 50 anos) devido as doenças, alcoolismo, alimentação industrializada, etc. em contrapartida com a tradicional (maios o menos 100 anos). Então quem trabalha com os índios deveria entender desse modo de vida e trabalhar nesse tempo, o nosso índio de hoje está indeciso (entre continuar com a agricultura tradicional ou adequar-se com a agricultura industrializada com desmatamento e sementes transgênicos). Esperando oportunidade, ele quer melhorar, mas essa melhora precisa de estímulos, e como nós aqui fora da Terra Indígena, vivemos sem estímulos? O meu estímulo é o meu trabalho, cumprir com o meu dever de ser assalariado. Está faltando este estímulo para os indígenas, vivem de uma maneira diferente.

O homem precisa de estímulo, lutar pela vida e pela sua dignidade, pois isso nós fazíamos, saíamos para caçar, colher frutos nativos, pescar, tendo noção do tempo de que quando era inverno necessitávamos de abrigos em casas de chão batido de onde eram feito fogo de chão e de casas subterrâneas como eram chamadas as cavernas, com mais dificuldades de sobreviver, e com a chegada do verão ou primavera tinha mais facilidades de sair em busca a sua subsistência, vivíamos esse circulo.

3.12Religião

Historicamente o índio da T.I. Ligeiro, tinha sua religião ligada à mata, pois deste encontrava suas curas espirituais e físicas. Os espíritos das florestas, das ervas medicinais, com a ideia de que os espíritos maus serem apaziguados e os espíritos bons devem ser convencidos a ajuda-los.O momento em que uma grande parte do povo se consideravam católicos, pois tem em memória o trabalho com Missionários ainda no século passado, mas que essas duas formas de religião tanto católica e a ligada as matas estão deixadas de lado ou não sendo praticadas pelo povo local.

Na T.I. Ligeiro tem uma igreja Católica construída no ano de 2000 em alvenaria, que no momento esta abandonada depredada e que não acontece mais missas ou celebrações.

Imagem 32: Igreja Católica



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

O que se tem em fase de proliferação de igrejas evangélicas tais como: Assembleia de Deus, Deus é Amor, Só o Senhor é Deus, Quadrangular, Mundial e outras, com essas inúmeras igrejas nota-se que geram facção entre esses índios da mesma terra, pois cada igreja tem seus credos ou normas, gerando inclusive conflitos entre famílias, também há perda de práticas tradicionais como o não uso de remédio do mato, o ritual do kiki, ritual de chuva e ritual de colheita.

A influência da cultura do branco *fóg*, e da religião, ditam suas crenças e costumes na maioria de forma não semelhante ao índio, levando muitos índios a perderem sua identidade.

A dualidade Kamé e Kayrú ser criticado pelos kaingang pentecostais que vão remeter isso para ordem inclusive do demônio, aqui não estou fazendo crítica aos kaingang pentecostais até por que os antropólogos estão encontrando muitos aspectos comuns entre a ordem do xamanismo e dos pentecostais e católicos, na verdade são apenas digamos assim, embora haja crítica muita das praticas dos pastores pentecostais vai acabar se aproximando da pratica dos católicos. Então por exemplo o remédio do mato que em primeiro momento pode ser vir a criticado pelos kaingang pentecostais, mas enfim quando a doença bate a porta, vai ao mato pega um remédio, trás enfim então sempre acaba em ponto de conexão entre ordens que dentro de uma visão de mundo ocidental, visão do branco estão separados, na visão do kaingang isso acaba tendo ponto de conexão.

-Palavras do Professor Rogerio Réus Gonçalves da Rosa, na arguição na Banca de Qualificação do dia 30 de maio de 2014.

No entanto entendo que a doutrina pregada por essas religiões é uma forma de regradar a convivência e praticas do “pecado”, em fazer o errado, e inclusive alguns momentos, membros de determinadas igrejas, se libertam do alcoolismo, o fortalecimento da união familiar, enfim deixar os vícios considerados ruins.

CAPÍTULO 4– ALIMENTOS QUE CURAM E PLANTAS MEDICINAIS - SABERES TRADICIONAIS DA COSMOLOGIA KAINGANG

No Brasil, a utilização de plantas medicinais para o tratamento de enfermidades está arraigada às culturas indígena, negra e dos imigrantes europeus. Por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura, especialmente entre a população indígena. Entretanto, com o processo de urbanização e o desenvolvimento da indústria química, os medicamentos artificiais passaram a predominar na terapia moderna.

Atualmente, observa-se uma crescente redescoberta do valor das plantas medicinais em decorrência não só de certos efeitos colaterais imprevistos de muitos remédios artificiais, embora o uso incorreto daquelas também possa causá-los, como também do seu elevado preço, visto que está atrelado a poderosos interesses capitalistas transnacionais.

Devido à situação em que as comunidades indígenas encontram-se (em relação às condições alimentares e sanitárias), sinto a necessidade de ajudar meu povo a encontrar saídas para solucionar, em parte, os seus problemas enfrentados na conjuntura. Por este motivo busquei uma formação acadêmica, primeiramente em Institutos Federais e, então, na Universidade, com o objetivo de trabalhar com a questão das ervas, plantas medicinais e alimentos tradicionais, pois o acesso aos medicamentos e alimentação adequados são aspectos essenciais para a inclusão social na busca de equidade.

Desta forma, saliento que minha pesquisa refere-se à revitalização dos saberes tradicionais do povo Kaingang, acerca das ervas medicinais e alimentos que curam. Para isto, estou implantando um horto medicinal (*venh-kagta*) na Terra Indígena do Ligeiro - município de Charrua, com parceria da Emater, IFRS - Campus Sertão, SESAI, FUNAI, Escola Estadual Fág Man, direção, professores, alunos e familiares.

O objetivo é que a comunidade possa revitalizar este conhecimento e utilizar as sementes das plantas tradicionais em benefício da sua saúde e alimentação, visando o início de pequenas agriculturas familiares. Para realizar este trabalho, estou fazendo

revisões bibliográficas, entrevistas de campo com *kujà*, *pajés*, curandeiros e membros das terras indígenas de Água Santa, Cacique Doble, Ventara, Mato Preto (Erebango-RS), Ligeiro (Charrua/RS), Votouro (Benjamim Constant do Sul), Nonoai, todas áreas indígenas do norte do Rio Grande do Sul. Os indígenas que, hoje, integram a Terra Indígena Ligeiro, durante séculos, viveram da caça, da pesca, da coleta e pequenos roçados. As plantas medicinais e as sementes crioulas são parte da cultura desse povo. Muito dos conhecimentos sobre as plantas medicinais, por exemplo, foi aprendido com os ancestrais dos povos indígenas.

Aqui uma referência à transferência de conhecimentos de geração para geração e a necessidade de que as escolas apoiem essa prática. Por isso mesmo, aqui está o papel do professor e da escola na valorização desses saberes e experiências de vida já consagrados nas famílias e nas comunidades.

Como sou profissional de uma instituição de ensino e também busco qualificação em uma universidade é oportuno que se faça uma referência aos saberes do cotidiano, neste estudo. Ao despertar a utopia de um mundo melhor, os alunos se entusiasma e se abrem para a interlocução com o novo. Como diz Morin (2001)

uma das finalidades da educação é permitir a cada um ter consciência de sua condição humana, situando-a em seu mundo físico, em seu mundo biológico, em seu mundo histórico, em seu mundo social, a fim de que tal condição possa ser assumida (p. 200).

Dessa forma, os mais jovens precisam ser motivados em preservar os costumes, as crenças e os valores de seus pais e avós. Na educação precisa-se trazer para a sala de aula esse princípio de valorização dos saberes de casa.

Os docentes ou agentes de motivação são fundamentais nessa motivação. Nesse contexto, Tardif (2002) aponta a importância de levar em conta três saberes como constituintes da docência e que precisam ser percebidos pelos alunos: saberes da disciplina, saberes curriculares e saberes da experiência. Por isso nosso papel de utilizar práticas pedagógicas em sala de aula para fomentar hábitos de preservação de costumes, hábitos e práticas de preservação de valores da sociedade e dos saberes da escolar.

Aliás, ao se falar na tarefa docente quando se refere às práticas pedagógicas, Nóvoa defende que:

“a ação educativa sempre se revestiu de uma grande complexidade e de margens significativas de imprevisibilidade. (...) Hoje há a presença de crianças na escola de todas as origens sociais e culturais, democratização do acesso às mais variadas tecnologias de informação e comunicação. (...) O reforço de práticas pedagógicas inovadoras, construídas pelos professores a partir de uma reflexão sobre a experiência, parece ser a única saída possível”. (1999, p.18)

O autor menciona o associativismo docente quando justifica as práticas como dimensão coletiva, ideia de partilha, cooperação, equipes de trabalho, ensino por equipes, investigação-ação colaborativa e regulação coletiva das práticas. Nóvoa ressalta:

“O trabalho de equipe não pode ser visto como uma conquista individual, mas como uma faceta de uma nova cultura profissional, uma cultura de cooperação ou colaborativa. (...) Num certo sentido, trata-se de inscrever a dimensão coletiva do *habitus* profissional dos professores”. (p.19)

Defende a valorização da experiência do aluno, aluno-mestre, do estagiário, do professor principiante, professor titular e até como professor reformado.

No contexto das comunidades indígenas é muito oportuno se fazer essa reflexão. No entanto, ao longo de vários anos, diversas ações foram planejadas e executadas em nome de um projeto desenvolvimentista, onde prevaleceu uma tendência denominada multiculturalismo conservador ou monoculturalismo (MARCON, 2009), portanto, sem considerar a história e a cultura dos Kaingang.

Como diz o indigenista Sidnei Possuelo:

“Nós estamos junto a povos cuja organização social é feita com visões de milênios passados, a linha está estabelecida, a divisão de trabalho e a forma de estar. De repente nós pegamos esta gente, nós atravessamos milênios, vagarosamente, aprendendo, sofrendo, passando e de repente voltamos ao passado, por que estar na presença dele é estar na presença do nosso passado. Em algum momento do nosso passado, em algum momento da nossa história nós estivemos como ele, então voltamos ao passado e estamos na presença dele, e pegamos ele e trazemos rapidamente para o tempo atual. O nosso homem branco, levanta de manhã e precisa produzir de 8 a 10 hrs/dia sucessivamente dentro de sistemas regulares de contratos que está aí, mas o índio não, o índio está construindo a sua casa, passa outro índio e o convida para ir pescar, ele para tudo e vai pescar, da mesma forma que ele paralisa a construção da casa dele, ele está digamos com a máquina de plantar manual, passa um outro índio e o convida para pescar, caçar ou fazer outra coisa, ele larga o que está fazendo, máquina e tudo. Por que não? é uma atividade tradicional, tão decente e talvez mais importante que estar aí com uma maquininha

plantando. Essas diferenças são importantíssimas no sentido deles integrarem o nosso universo “branco”, é muito difícil, é a parte mais difícil, são os caminhos que ele deve percorrer para encontrar o seu lugar econômico na nossa sociedade”.

Fonte: POSSUELO, SIDNEI. Acessado em março 2014

Assim algumas experiências e atividades pedagógicas foram importantes em nosso estudo, principalmente sobre as formas de vida tradicionais, a estrutura dual (kamẽ e kanhru) da sociedade Kaingang, a relação com territorialidade e o cuidado pelo meio ambiente, assim como a retomada dos valores tradicionais das lideranças.

Uma dessas atividades realizadas pedagógicas diz respeito à implantação do horto de ervas medicinais com a participação da comunidade. Principalmente um grupo de alunos, a quem fizemos referência recentemente como os responsáveis por continuar e dar sentido aos saberes instituídos pela comunidade. Participaram também os adultos numa forma cooperativa de se sentirem envolvidos no processo.

Outra ação importante e pedagógica em sala de aula foi a participação que tivemos de orientação sobre os objetivos do trabalho e das atividades sobre plantas medicinais. Participaram alunos da Escola Estadual Indígena que abriga os alunos oportunizando-os ao acesso à educação básica. Foram alunos de 1ª a 8ª série e a atividade teve como objetivo conscientizá-los sobre a importância do resgate do uso de plantas medicinais nas terras indígenas, a importância disso e a responsabilidade que se estabelece sobre crianças, jovens e adultos nessa tarefa.

Imagem 33: Mata com plantas medicinais



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

Em relação aos aspectos de defesa da saúde e dos valores da comunidade, o acesso aos medicamentos é um componente essencial de inclusão social, de busca de equidade e de fortalecimento do Sistema Único de Saúde, que nos últimos anos tem se engrandecido com a participação popular em busca da máxima constitucional, ou seja: “saúde é um direito universal de todos os brasileiros”. Para assegurar tal direito é necessário aumentar o acesso da população aos serviços de saúde e aos insumos terapêuticos. Então, fica evidente a necessidade da formulação de políticas públicas que assegurem esses direitos constitucionais.

No Brasil existem milhões de pessoas que não têm como comprar os medicamentos em farmácias e, a única alternativa, são os medicamentos fornecidos pelo Sistema Único de Saúde – SUS.

As camadas de maior poder aquisitivo apresentam padrões de consumo similares aos dos países desenvolvidos, enquanto os mais pobres possuem dificuldade de acesso mesmo aos medicamentos básicos.

Evidentemente, o não acesso ao medicamento é um fator de exclusão e de vulnerabilidade social, pois por falta de tratamento ocorre o agravamento do quadro patológico, impedindo, progressivamente, de exercer sua cidadania livremente.

O conhecimento das propriedades medicinais das plantas, dos minerais e de certos produtos de origem animal é uma das maiores riquezas da cultura indígena, uma sabedoria tradicional que passa de geração em geração.

Vivendo em permanente contato com a natureza, os índios estão habituados a estabelecer relações de semelhança entre as características de certas substâncias naturais e seu próprio corpo.

As práticas curativas das tribos indígenas estão profundamente relacionadas com a maneira que o índio percebe a doença e suas causas. Tanto as medidas curativas como as preventivas são realizadas pelos xamãs (kujà – Kaingang), sendo estes rituais carregados de elementos mágicos e místicos que refletem o modo de ser do índio e o relacionamento deste com o mundo, na filosofia indígena as plantas são responsáveis pela cura devido à presença de um espírito inteligente.

O que os índios denominavam de espírito inteligente, graças aos estudos farmacológicos atuais, na filosofia Kaingang em tudo há espírito:

Kanhkã tónh = espírito do céu;

Rã tónh = espírito do sol;

Kysã tónh = espírito da lua;

Krĩn tónh = espírito das estrelas;

Gój tónh = espírito da água;

Gá tónh = espírito da terra;

Nén tónh = espírito das matas.

A evolução e o uso de plantas medicinais pelo homem estão associados a sua evolução antropológica, da época em que era um simples nômade⁵ até tornar-se um

⁵ Eles eram nômades pelo fato de se locomoverem dentro do mesmo território, de épocas em épocas. Utilizavam uma área para o plantio e, quando esta terra não apresentava-se mais fértil, eles mudavam-se para outro lugar com terra fértil, deixando aquele lugar para que a terra se regenerasse. Atualmente eles são sedentários porque a área de terras foi reduzida, assim, não se locomovem

espécime sedentário. Com a fixação de moradia, surgiram as mais variadas necessidades e outras se acentuaram. Assim, o uso ficou comprovado através da experimentação, observação e necessidade, através de erros e acertos.

Imagem 34: Kujà Luiza Pedrozo



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

maisAlém disso, houve um aumento da população indígena – o que reduz ainda mais o espaço. Os Guaranis ainda são nômades no sentido de se locomoverem entre territórios estaduais e territórios nacionais, tanto no Brasil, como no Paraguai, Uruguai e Argentina.

4.1 OS KUJÀ

O respeito que devemos ter com a cultura, a forma tradicional no uso das ervas medicinais, não somente valorizar a medicina aprendida na Universidade, achar que isso predomina sobre conhecimentos milenares, sim compartilhar conhecimentos.

A resistência, a sua marca, sua força, coragem em organizar eventos de fortalecimentos, revitalização da medicina tradicional indígena, através de parcerias com outros órgãos estaduais, municipais, federais e se possível com empresas privadas.

Esses eventos quero dizer e reafirmar é com a esperança de que essas crianças tenha direcionamento, uma base, e uma raiz.

Como dizia o kujà Augusto Opé da Silva:

de que, são 514 anos de colonização e que durante esse tempo os colonizadores vinham cortando, arrancando e devastando tudo e nós kaingang somos como uma árvore, dessas árvore os invasores cortaram folhas, galhos, troncos mas esqueceram de cortar nossas raízes, são essas raízes que aqui estão brotando e gerando novas vidas verdes e fortes.

Fonte: IV Encontro dos Kujà - Morro do Osso – 2012

Imagem 35: Kujà Augusto Opé da Silva



Fonte: ser.ufrgs.br

Ainda existe valorização do kujà, sabedoria, nos conselhos e lutas pelas retomadas de terras.

Em se falando de kujà eles não gostam que seu paciente procure outro kujà ou curandeira, pois existe e envolve todo um segredo no xamanismo Kaingang e

não tornando público para outro kujà principalmente se é um Kaingang em situação de doença e tratamento.

Pessoas com poder de entrar em contato com espíritos guias (jygrẽ) e através destes obter informações de que maneira agir no tratamento do paciente que se encontra doente. Através do sonho o seu espírito guia lhe dá a informação de que ervas medicinais, como usar para com seu paciente, como conseguir ser curado. Este também é respeitado, pois tem conhecimentos sobrenaturais.

Tenham a capacidade nesta sociedade de pensar na vida, preservar a vida, preservar as culturas e assegurar que as gerações possam conviver neste mundo e conviver com alegria com o bem viver Kaingang.

As árvores, as águas e os animais falam, mas na tribo quem entende essas falas é o kujà.

A formação dos kujà compreende em duas grandes etapas: a primeira delas é com os velhos no espaço da aldeia, são os velhos kujà que repassam os saberes aos jovens, digo para os futuros kujà, que pode ser menino ou menina.

Tem a outra etapa a principal e decisiva é quando este jovem menino ou menina vai ter que ir sozinho para o matão e lá vai encontrar com o seu guia pela primeira vez, é nesta fase crucial que muitos jovens ou aqueles kujà em formação travam, trancam e não conseguem ir sozinho quando chega este momento, e se sentem frustrados, pois estes devem passar a noite nu, e são os espíritos guias que escolhem os kujà e não o kujà escolher o guia.

4.1.1 V ENCONTRO DOS KUJÀ

No Rio Grande do Sul, nos temos aldeias urbanas como é o caso da T.I. Morro do Osso, localizada na Zona Sul de Porto Alegre - RS. Nesta T.I. foram realizada nos dias 21,22,e 23 de novembro de 2014 o V encontro dos kujà, quando estes contam através de suas memórias a importância da figura do kujà na sociedade indígena Kaingang. Estes encontros emergem na atualidade como um contra ponto as simetrias em relação aos direitos existenciais desse povo.

Como forma de identidade e resistência as mais de dezenas de T.I. presentes, dançavam, cantavam, com pinturas corporais identificando sua dualidade kamẽ e kanhru, comidas típicas consumidas tais como: komi, ãmĩ, peixe assado e ensopado, fuva etc... Em dado momento sendo como resgate de sua cultura e do grupo das terras indígenas, cada grupo confecciona sua alimentação e na sequência compartilha, é assim que simplifica a existência e bravura desse povo que sobrevive a milhares de anos, até mesmo anterior a presença do “visitante” indesejado. Com a chegada desse visitante nos obrigaram a sobreviver em diminutas aldeias, ou a totalidade de extermínio, como ocorreu e ainda ocorrem com as tribos irmãs, estes viram suas casas virarem cinzas, suas historias e narrativas ridicularizadas e ainda o preconceito “vem da superioridade, desprezo da origem racial, bêbado, preguiçoso e atrasado” e discriminação “julgar o outro pela sua posição social, maneira de pensar, de se vestir, pela raça, classe econômica ou ate pela posição sexual”.

Imagem36: Apresentação de dança– Morro do Osso



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 11/2014

Imagem 37: Coleta dos alimentos tradicionais – Morro do Osso



Fonte: Arquivo Darci Emiliano 11/2014

Notamos diariamente o caos se manifestar da maneira mais cruel com ele a morte dos nossos guerreiros líderes, dos anciões, das nossas mulheres muitas inclusive violadas, nem mesmos as nossas crianças se escapam das garras de quem se dizia “civilizado”.

O kujà sempre exerceu esse trânsito entre as duas metades e na medicina tradicional, tradutor das falas das águas, floresta, pássaros, do céu, cantor e contador de histórias do nosso povo e símbolo de resistência, em extinção, e conseqüentemente nas terras onde não tem kujà acontecem conflitos internos frequentes. Nesse encontro do kujà também se fizeram presentes as parteiras e curandeiras.

Formaram-se filas para consulta com o kujà Jorge Kagnãg Garcia e sua esposa a kujà Maria Constante.

Houve discussão sobre processo de demarcação de terras, saúde, educação, conflitos pelas retomadas, não cumprimento da Constituição Federal de 1988 pelos governos e a injustiça pela morte de nossos líderes.

Em especial nesse encontro dos kujà foi a homenagem ao kujà Augusto Opê da Silva, que faleceu no ano de 2014, recordou a sua trajetória de vida, seus

ensinamentos e o seu exemplo à ser seguido na busca de uma justiça que reconheçam os povos indígenas. A exigência de reconhecimentos pelos órgãos competentes dos nossos kujà, curandeiras e parteiras. Mais do que nunca a FUNAI, Ministério da Justiça e o Ministério Público Federal reconhecem os territórios, sua identificação, delimitação, demarcação e homologação nos termos do art. 231 da Constituição Federal Brasileira de 1988, Decreto 1775/96 e Portaria 14/96.

Não seria possível aqui dimensionar a cultura Kaingang latente nas atuais gerações, como já existiu e continua a existir, que na busca do passado os motivos da existência a resposta para constituir um bem viver indígena. Este que repousa na demarcação de terras indígenas

Eu me consultando com uma kujà, esta solicita meu nome no idioma indígena, e eu lhe digo que é Kaféj, então ela fala:

“Esse meu filho que se chama Kaféj e está a sua procura Kanhkó-tanh “Deus” meu pai, você que toma conta de tudo, ai meu filho Kaféj, este será massageado com o seu Kaféj “folhas” Pai manda seu filho entrar no coração do Kaféj, para que este continue sua briga e fale por seu povo e que tenha força, que as más falas, as doenças, os espíritos maus, não o contagem, fortalecendo sua luta, Amém.

Fonte: Tradução da fala da Kujà Maria Constante, esposa do Kujà Jorge Garcia.

Imagem 38: V Encontro dos Kujà- T.I. Morro do Osso



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - Iracema Gaté, Jorge Kagnãg Garcia, Maria Constante e Angelina Silva

4.2A Saúde e as curas tradicionais dos kujà

Há necessidade de se buscar as diferenças e as aproximações conceituais entre a biomedicina ocidental e as práticas e representações ligadas à saúde em sociedades tradicionais também chamadas não ocidentais, onde podemos incluir a sociedade indígena.

Atualmente nas comunidades Kaingang as doenças físicas são tratadas prioritariamente nos postos de saúde, hospitais e ou farmácias, portanto, onde predomina a medicina ocidental. Por sua vez, as doenças espirituais, tais como feitiçaria, macumbaria, prioritariamente são tratadas pelo kujà. Esta é uma das aproximações feitas pelos Kaingang em relação às doenças físicas, isto não anula a necessidade de um trabalho de saúde preventiva realizada pelos próprios indígenas através de plantas medicinais.

Imagem 39: Kujà Jorge Garcia realizando atendimento com ervas naturais.



Fonte: Arquivo Darci Emiliano (2014)

Muito embora os registros teóricos até aqui apresentados no presente trabalho, passamos a coleta de dados das entrevistas que foram realizadas conforme definidos na metodologia da pesquisa.

Conforme relato da Sr.^a Maria Helena Domingos, que reside na T.I. Ligeiro efaz remédios e benze:

Darci: Quais as doenças mais comuns que tem na T.I. Ligeiro?

M^a Helena: infecção na bexiga, no útero, diabetes, pressão alta e cirrose.

Darci: Que remédio faz para a diabete?

M^a Helena: Chás com folhas de pata de boi, pata de vaca, pitanga, pariparoba e de guabiroba, um punhado de cada ferve tudo.

Darci: vendo que havia uma panela no fogão, ai eu perguntei o que tem ai na panela?

M^a Helena: Estou fazendo remédio com sete capote, samambainha, tansagem, guavirova e malva, pode cozinhar em panela e é coado e tomar como chimarrão e chá. Esses chás deveria ser utilizados todos os dias, para então prevenir as doenças.

Darci: Além de remédios, o que mais você faz para auxiliar na prevenção de doença?

M^a Helena: Faço os chás e benzo para rendidura (ruptura de musculo ou nervos)

Darci: Quanto ao interesse dos jovens em aprender a prática de fazer remédios e benzedura?

M^a Helena: Eles não tem esse interesse, mas eu gostaria de ensinar a minha filha, para não serem dependente do postinho, lugar onde dão remédios industrializados.

Darci: E quanto as plantas alimentícias, faz uso delas?

M^a Helena: Sim, fuva, caruru, serraia, fynh, pênhofěj, pyrfě, broto de abóbora ou moranga. Nós índios, ao invés de utilizar nossos remédios, não, acontece alguma coisinha, quer ir para o hospital e farmácia, corta um dedinho já vai para o postinho, eu não, eu tenho babosa, o qual é cicatrizante, lavo e corto e passo no machucado.

Fonte: Entrevista no dia 30.07.2014

Já a Sr^a Olinda, mora na T.I. Ligeiro, tem aproximadamente 75 anos de idade, faz remédios caseiros e orações, diz:

Sr^a Olinda, mora na T.I. Ligeiro, tem aproximadamente 75 anos de idade, faz remédios caseiros e orações.

Darci: Para pessoa alcoólatra tem remédios do mato?

Olinda: Para você tirar a cachaça ou bebida alcoólica do viciado existem remédios do mato que pode ser usado;

Darci: Insisto, tem remédio do mato para bebida alcoólica?

Olinda: Sim

Darci: O que?

Olinda: Mug - Umbu

Darci: Eem português que nome tem esse mug?

Olinda: Não sei

Darci: De que forma eu procedo com essa erva?

Olinda: Você pega as folhas e coloca no forminho e deixa secar, na sequencia você tritura ou esmaga bem, coloca num pano e inspira, pra aquele que gosta muito ou esta perdido na bebida alcoólica dai coloca na garrafa com cachaça e deixa que ele toma, mas ali pela meia noite pra madrugada, ele começa despacha tudo o que tinha tomado de cachaça através de vomito, depois disso ele não volta tomar nenhum tipo de bebida alcoólica. Ela continua aqui T.I. Ligeiro já morreu muito rapaz novo, gente nova, só por caso de cachaça, não come só bebe ai vai um tempo e morre.

Darci: A pessoa alcoólatra é considerada doente?

Olinda: Sim

Darci: Mas tem bastante gente que vem procurar a Sr.^a pra fazer remédio?

Olinda: Pouco, aqueles que sofre de câncer, feridas....

Darci: Eles ainda acreditam no remédio do mato?

Olinda: Sim, mas primeiro vão em farmácias, hospitais ao invés de ser o contrário, se prevenindo com remédios do mato.

Darci: Como tem sido teus trabalhos?

Olinda: Tem noite que vem 3 ou 4 pessoas pra mim atender, uns vem pedi oração, nas minhas orações falo com Deus, para que aquela criança que esta em baixo de mim que está mal, que já havia ido no hospital 2 ou 3 vezes e não tem jeito cura, nas minhas mãos ele sai curado, na manhã seguinte ele vem faceiro, dorme bem, se alimenta bem, não deu mais diarreias, não deu mais febre, não deu mais ânsia de vomito.

Darci: Faz remédios só pra índios?

Olinda: Para índios e não índios de outras localidades também.

Darci: Pela idade avançada dela questiono como procede com a coleta das ervas?

Olinda: Meus filhos ou netos me levam e me acompanham pela mata.

Darci: Pergunto se ela é kujã?

Olinda: Não sou, mas faço alguns trabalhos semelhantes, ela relata que uma indígena que estava mal e já havia ido ao hospital, e nada fora diagnosticado, então para ver se é problema com espírito da mulher ela coloca o dedo no pulso para sentir a pulsação, não tendo pulsação, questiona do sonhos da paciente que pode ser sonho com seus parentes falecidos como: mãe, pai e ou filhos, então naquela hora a curandeira entrega pra Jesus, devolve o espírito a essa pessoa.

Darci: Como menciona várias vezes em Jesus, pergunto que religião ela é?

Olinda: Fui Católica e que agora fui batizada na Igreja Mundial, mas mesmo assim continua seus trabalhos, os remédios de ervas geralmente ela cobra, mas as orações não, e sim o que as pessoas quiserem dar, por exemplo algum presente, e se o paciente não tem condições não dá nada. Mas ela diz que os presentes que as pessoas oferecer ela não pode deixar de receber. Quando ela começa a preparar os remédios, já fala com Deus, é para que Jesus ajuda a alcançar a mão naquele remédio, a pessoa que tomar vai ser curado. Ainda conta que todas as noites ela dobra os joelhos, se ajoelha para orar por todos, sua família, seu povo, tem um neto com aproximadamente 13 anos que já esta aprendendo, para que quando ela não estiver entre nós esse poderá continuar seus trabalhos.

Darci: Pergunto se ela usa a pratica ou costumes dos ancestrais na alimentação? E quais?

Olinda: Sim, gra= taraguatá do banhado; pyrfê= urtigão, serralha, caruru, cambuquira= brotos da ponta da abóbora ou moranga e radiche.

Fonte: Entrevista no dia 30.07.2014.

A aparição da doença, assim como o advento de um infortúnio, individual ou coletivo, que não constituem categorias separadas do ponto de vista da causalidade, inscreve-se num dispositivo de explicação que se remete ao conjunto de representações do homem de suas atividades em sociedade e de seu meio natural.

A doença não é, neste caso, pensada – e nem pode ser analisada – fora de seu suporte (o indivíduo, na sua singularidade pessoal e social) e fora de seu contexto, ou seja, não somente as conjunturas específicas (pessoais, históricas, etc.), que presidem a aparição de uma doença, como também as representações da pessoa e, por fim, as modalidades da relação entre o mundo humano, mundo natural e mundo sobrenatural. Toda interpretação da doença é, assim, imediatamente inscrita na totalidade do seu quadro sociocultural de referencia. (ROSA, 2005).

A noção de doença é algo muito mais amplo que apenas sintomas físicos, a própria categorização das doenças da uma ideia da concepção diferenciada e própria. O itinerário terapêutico de um doente vai depender do agravamento ou não da doença e das respostas que obtiver de cada um dos recursos terapêuticos utilizados.

O primeiro diagnóstico geralmente é feito pelo próprio doente e/ou pela sua família ou vizinhos, procurando atendimento imediato e próximo, não dando resultado esperado ou aparecendo mais complicações, procura-se um especialista, o kujà. Muitas vezes, os indígenas procuram ambos os recursos (com relação a “esfera de causas” como sendo um papel para o xamanismo, e com relação a “esfera dos efeitos” na qual atua a medicina oficial), como meio de tratamento de seus sintomas ou doenças.

Os Kujà podem ser de ambos os sexos, mas para tornarem-se devem ter o acompanhamento de outro indígena mais velho, pois este tem o poder de entrar em contato com os espíritos-guias (jygrê) e através deles obter informações sobre como proceder no tratamento de uma determinada pessoa que se encontra com alguma doença (kaga). (ROSA, 2005).

Através do sonho, o seu espírito guia lhe mostra onde esta o remédio que deverá usar, como usar, e indica os procedimentos que devem seguir na cura do doente. Cada kujà possui um ou mais guias próprio, o qual é sempre um espírito de um animal, podendo ser uma onça (mĩg), um passarinho ou outro bicho. O segredo

da sua relação com seu guia e dos remédios que conhece está diretamente relacionado com seu poder de cura, é uma pessoa respeitada e tida como detentora de poderes ligados ao sobrenatural. O espírito guia para dar o poder ao kujà faz exigências, e há casos que o espírito guia tem ciúmes da esposa do kujà. Sem o espírito guia o kujà é uma pessoa comum. Outrora, na T.I. Ligeiro, havia vários kujà (ROSA, 2005, p. 151). No entanto, atualmente, e pelos motivos a seguir citados, não foi encontrado nenhum kujà nessa T.I. A ausência de kujà se deve aos falecimentos, a mudança de Terra Indígena, aos conflitos internos por questão de liderança política, os indígenas também não possuem interesse em desenvolver esse dom. Essa atividade exige dos indígenas uma capacitação, eles precisam passar por situações de isolamento no mato e sozinhos, há momentos de desvinculação da família etc. Isso inibe os indígenas de procurarem essa espécie de capacitação para serem kujà.

As doenças nas comunidades indígenas compreendem “doenças da alma”, a qual seria a doença ocasionada pelo plano espiritual ou pela feitiçaria e a doença física tais como hipertensão, cirrose, obesidade, etc. Nesta situação se faz necessário o trabalho do xamã, como afirma o antropólogo Rogério Réus Gonçalves da Rosa, “as principais atribuições dessa pessoa são o equilíbrio de forças no cosmos e o controle do bemestar dos indivíduos, através do combate as doenças e a feitiçaria” (2005, p. 98) Porém, devido a falta de interesse dos membros da comunidade, do ingresso de outras religiões e igrejas, da comodidade em obter medicamentos fornecidos pela FUNASA e pela SESAI, tem sido cada vez mais difícil encontrarmos xamã/kujã nas reservas.

Assim sendo, busquei kujà em outras terras indígenas que foram visitadas posteriormente, pois existiam curandeiras e benzedeiras que atendiam em suas próprias residências. Nelas, a mesa é composta uma série de imagens de entidades católicas, flores, fitas coloridas, quadros, velas que são acesas durante as seções. As garrafas contendo os remédios são colocadas na mesa, onde recebem a unção ou benção. Os remédios são na sua quase totalidade preparados a partir de plantas. Geralmente são fervidos e depois colocados nos recipientes trazidos pelo respectivo doente a quem se destina aquele remédio. O tratamento nunca se reduz ao ato de tomar o remédio. A pessoa com alguma desordem que procura uma curandeira

participa integralmente das atividades realizadas por esta, o remédio em si constitui-se, dessa forma, um elemento a mais dentro do processo de cura como um todo, como troca de seus serviços eles não cobram nada, aceitam presentes o que as pessoas tiverem condições para dar.

No entanto, um dos principais problemas indígenas, hoje, é o da perda da identidade cultural, ou seja, alguns grupos estão perdendo os costumes e as tradições. Esse processo está ocorrendo também na área da Terra Indígena Ligeiro (Charrua – RS), onde os índios de tribo Kaingang, vêm sofrendo pela falta de interesse dos mais novos em aprenderem os costumes com os mais antigos.

Para explicar melhor, essa perda da cultura ou identidade indígena, tem relação com os conflitos pela liderança política, ou seja, os indígenas se voltam para outro foco de sua atenção e de envolvimento. Há a necessidade de que a manutenção dos saberes e práticas indígenas se constituam uma referência e haja o envolvimento deles na preservação dessa cultura. Quando ocorrem conflitos, há um envolvimento grande da comunidade na resolução dessas tensões, inclusive com instigação de pessoas não indígenas.

Além disso, outro fator que também tem contribuído é a morte dos índios mais velhos, uma vez que não existem acervos bibliográficos ou registros escritos, se restringindo muito às informações orais, depoimentos pessoais. Somos uma comunidade que tínhamos nossa qualidade de vida garantida pela relação harmônica com a natureza, mas que, atualmente sofre com a escassez de recursos e de alimentos; com a poluição e com a invasão de pragas e doenças que historicamente não tínhamos.

Nossos territórios estão sendo invadidos para o corte de madeiras, grandes áreas são desmatadas, o lixo é abandonado, as margens desmatadas; não há rede de esgoto ou água encanada, assim como inexistente o serviço de coleta de lixo. Acredita-se que a regularização da cadeia produtiva de plantas e ervas medicinais propiciará o acesso aos medicamentos e o respeito ao direito do cidadão de terapia na promoção da saúde, além de auxiliar na manutenção da identidade da própria tribo através do resgate dessa cultura ancestral. Trata-se de uma hipótese significativa no contexto de explicação da perda de alguns valores culturais da comunidade.

Para nós índios da tribo Kaingang o que nos aflige demais é a doença do espírito -*vénh kuprig korén* (espírito mau) e doenças físicas, entende pela doença do espírito quando há por exemplo a perda da alma ou essa é roubada, geralmente esse roubo acontece por parentes próximos já mortos como: mãe, pai, tios e irmãos, Como sintomas a pessoa fica acamada, sem forças para reagir e debilitada.

Para resolver esse problema de saúde somente um kujà tem esse poder para salvar e resgatar a alma do doente. O kujà em primeiro momento envia seu *kygrê*, que é seu guia, viaja para o mundo dos mortos, para fazer uma análise e vistoriar o local, na sequencia é que o kujà vai até lá para resgatar a alma novamente.

Transcrição Parcial da entrevista de Luiza Pedroso, T.I. Votouro, município de Benjamim Constant do Sul.

LP: *Está cantando o Canto as canções dos antigos), aí se você esta fazendo o correto tudo bem,*

ai,aiaiaiai... (resmungo), aiaiaiaiaiaiaiai, anta, anta vem, vem anta vem para nos cantar,para nos cantar para nos cantarmos e se comunicar com os antigos, e cantar com os antigos, eu estou aqui meu nome é Luiza Pedroso, me encontro dentro deste galpão e as autoridades ainda não providenciaram outra residência ainda, mas mesmo assim continuo falando dos antepassados e contando o que falavam,anta, anta, anta, anta, anta, antaai ai ai ai ai ai ai ai, palmas com as mãos e resmungos.... (risos).

Darci: Eu a elogio dizendo:, você canta bem? Ainda você canta bem, pergunto quantos anos você tem?

LP: *Nos meus papeis acredito que estou velha quem segura os meus documentos é a vizinha Lucidía que é minha comadre, que toma conta de mim e me auxilia.*

Darci: acho que você deve ter mais ou menos oitenta anos.

LP: *Me esforço pelas ervas, por causa das doenças, eu não estou por acaso neste lugar, quero divulgar o que os indígenas kaingang entendem de ervas além disso faço a queima de ervas para as crianças.*

Darci: Qual o tipo de erva? Para que tipo de doença?

LP: *Inhkogkrâng (erva) para doença de crianças e mal feito.*

Darci: E de que forma utilizado.

LP: *Na forma de banho, outra erva é o sassafrás que para as dores de peito, joelho, quadril, costas e doenças ruins do corpo.*

Darci: Eu tomo ou como que faço?

LP: *Esse sassafrás poderá ser usado no chimarrão, coloca dentro da cuia com erva; amanhã estarei indo atrás de medicamento e vou buscar ervas, mas é distante e meus familiares me levam de veículo.*

Darci: Pergunto Lá no mato?

LP: *Sim.*

Darci: E o cipó mil homens, serve para que?

LP: *Há mrürger;(cipó mil homens) pra que há o que o cipó, é para coisa ruim, doenças vivas.*

Darci: O que é doenças vivas?

LP: *Em Porto Alegre tem uma índia da reserva do Ligeiro, que também banhou-se para ser Kujà, Jorge Garcia e a sua mulher, são da reserva indígena de Nonoai. Essa índia do Ligeiro nos disse que gostaria de ser Kujà, por não existir Kujà na sua aldeia, ta então se posiciona no meio para que possamos te lavar, então ela já é uma kujà no Ligeiro.*

Darci: Quem é ela, do Ligeiro?

LP: *Não me lembro, o nosso aqui é diferente, aqui ela se posiciona de pé, e colocado um pratinho com ervas embaixo dela e a água fica descendo, jorrando, é pego uma gamela e colocado ervas depois lava crianças pessoas, embaixo desse santo ela se lava então se transformou em kujà, e hoje é em Ligeiro, lá em Ventara existe um kujà também.*

Darci: Eu não encontrei ninguém que fosse kujà, nem em Ventara e nem Ligeiro! Você conhece o nome delas?

LP: *Não.*

Darci: La em Ventara falamos com uma mulher chamada Luiza Caetano?

LP: *O o meu nome é Luiza Pedroso*

Darci: Essa índia diz que somente faz remédios, mas ela alega não ser kujà.

LP: *Agora a pouco acaba de sair o irmão dela da Lucidia, ele esta com tratamento comigo, mas hoje esta indo embora, mora em Porto Alegre, leva remédio, mas dei ervas para ele levar, mas a mulher dele não pode fazer para ele e sim jamré (cunhado) para que fosse fazer efeito, com esse erva você se lava tudo.*

Darci: Que tipo de erva ele esta levando?

LP: *Ano que esta vindo, vamos voltar trabalha com o nosso curso em Porto Alegre (kujà).*

Darci: É necessário, fazem o encontro aqui que é centralizado no qual participa mais aldeias: Cacique Doble, Ventara, Nonoai, Condoía.

LP: *Mas você faz o seguinte, comente com a Lucidia, ela pode organizar, ela me cuida, ela é minha comadre, podemos fazer a queima de ervas e ao mesmo tempo o curso, mas é bom que eu e ela saibamos,*

Darci: Vocês duas e o cacique?

LP: *O Cacique é crente...* (risos)

Darci: Falei com ele, antes de vir aqui.

LP: *Aleluia meu Deus*

Darci: Amém

LP: *Aqui na frente na casa da comadre, nos já fizemos encontros, queima de ervas e cantigas, nesse encontro veio o companheiro Jorge Garcia e sua mulher, eles também participam e também o velho Tiago.*

Darci: Nós podemos assistir quando acontecer esse evento?

LP: *Nesse encontro, enquanto a gente mexe com ervas, tem outras pessoas fazendo alimentos, uns cortam outros assam para no meio dia podemos nos alimentar, depois do almoço a gente retorna para os trabalhos, assim que acontece nós não paramos.*

Na sequencia deste trabalho, é colocando ervas e remédios moídos num coxo e esparramado, um garrafão de pinga tem que colocar junto com o remédio, aqueles que sabem bebem, após o banho e terem se lavado, é assim que funciona, os Kaingan antigos faziam isso, mas lá na minha terra de nascimento lá na Bananeira em Nonoai, meu avó me lavava com ervas para que eu pudesse trabalhar com ervas e com doenças, daí eu aprendi tudo, eu sei tudo.

Darci: E nesses coxos o que vocês colocam?

LP: *Cachaça ervas, mel e água.*

Darci: Qual o tipo de ervas?

LP: *Bassorim, batinga bem moída mistura tudo e deixa tapado, logo após a refeição as pessoas começam a beber, já também lavados com as ervas.*

Darci: Bebem muitos, poucos ou ficam bêbados;

LP: *Eles chegam a ficar bêbados, você vai ver*

Darci: Sim eu vou ver.

Darci: Que religião você pertence?

LP *Católica, [ela afirma que é uma religião dos índios antigos e critica as outras religiões que estão dentro das terras indígenas, pois ela acha eles não permitirem o uso de ervas;*

-LP ainda comenta que por ser índia pura, não sabe falar e entender o português.

LP tenta passar conhecimento aos jovens, mas esses não tem interesse em aprender sobre as culturas das ervas.

- Seguidamente ela se reúne com outros kujà para tratar de assuntos referente as ervas, doenças.

LP diz que os tratamentos com chás deveriam ser feitos diariamente para evitar doenças e que é contra as mães que com qualquer doença já vai direto para o posto ou hospital atrás de medicamento industrializado, e diz que o médico não entende em espirito que muitas vezes é o espirito que esta fazendo com que a criança fica doente.

- Comenta que Deus colocou as ervas e as matas para que possamos curar as nossas doenças].

*A veada tem olhos verdes, olhos verdes,
Ela come broto novo verde,
Por este motivo seus olhos são verdes,
É sobre isto que estou cantando para vocês.*

*Ai ai ai ai ee, pa pa papai,
A ai ai ai ai, pa pa papai,
Pap ap papai, Senhor,
Ai ai ai ai e e e e e
O Deus, ele esta ouvindo minha canção.*

- Questionada se alguma vez ela foi ao médico ela disse que nunca foi.

CAPITULO 5 - RESULTADO DA PESQUISA, DIFICULDADES ENCONTRADAS - AVANÇOS E POSSIBILIDADES

O estudo proporcionou muitas conclusões importantes em função das proposições a que se destinou o estudo em seus objetivos, mas convém destacar alguns aspectos oportunos.

As hipóteses levantadas no início do projeto foram confirmadas na pesquisa, especialmente no sentido de que:

Há efetivamente um abandono na preservação dos saberes e das práticas na cultura indígena, pelas entrevistas realizadas com moradores das T.I.

Faltam ações efetivas de valorização e preservação da saúde física e espiritual, pois não há interesses de formação de kujà.

Existe de maneira evidente a influência do branco na perspectiva de interferir nos hábitos e cultura indígenas, quando há incentivo na implantação de transgênicos, mentalidade do espírito capitalista, da busca da independência econômica e da defesa de interesses pessoais e corporativos, uso de medicamentos industrializados.

Os conflitos internos estão relacionados com a disputa econômica e de concentração privilegiada dos recursos. Os grupos políticos e de lideranças são conduzidos pelo interesse financeiro também.

De forma genérica as hipóteses iniciais na investigação se confirmaram. Como aprendizagem pessoal destaco alguns aspectos:

A importância de preservar a cultura nos seus diversos contextos (idiomas, alimentação, ervas, danças, artesanatos etc). Não trabalhando somente um desses seguimentos, mas dando atenção num todo.

A necessidade da escrita indígena pelos próprios indígenas existe muito pouco material escrito no idioma Kaingang.

Importância de manter contato com outras terras indígenas, possibilitando trabalho em conjunto e troca de informações.

Retomada de valores éticos e o trabalho coletivo, fortalecendo os ensinamentos ancestrais.

Fortalecimento da identidade e pertencimento da etnia, através da busca das praticas culturais.

Dificuldades e problemas encontrados na T.I. Ligeiro - RS

Como o número de habitantes jovens que habitam na T.I. Ligeiro se constitui a maioria, constatou-se vários problemas e necessidades enfrentados, dos quais cito alguns de forma bem pontual.

Falta de livros didáticos com a escrita Kaingang, pouco material didático.

Existe a necessidades de trabalho assalariado em vários seguimentos.

Programas de orientação sexual, prostituição, DST(Doença sexualmentetransmissível), gravidez precoce, penso em palestras, cartilhas, etc

Violência conflitos internos, ação imediata dos órgãos públicos de segurança evitando transtornos maiores, Lei Maria da Penha se faça justiça com as injustiças cometidas contra as mulheres indígenas.

Discriminação e preconceitos, munir nós índios de nossas atitudes frente a esses processos, para denunciar os opressores.

Drogas e Álcool excessivo o mal que estes vícios causam para os próprios consumidores e a família num todo.

Falta de apoio familiar e lideranças políticas, que deem atenção a essa juventude por seus familiares e lideranças politicas no incentivo e na busca de conhecimentos e desafios.

Perda da identidade, propor busca constante de revitalizar identidade num todo.

Capacitação busca de convênios, parcerias, cursos, Universidades e IFES.

Órgãos Públicos responsáveis por estes, não estarem cumprindo com suas obrigações, questionar e denunciar aos órgãos competentes.

Avanços conquistados pelos indígenas da T. I. Ligeiro:

Formação de Professores Bilíngue, interesse e vários indígenas com essa formação.

Formação de Agente de Saúde foi possibilitado aos indígenas que trabalham nas questões de saúde indígena.

Conquista da Autoconfiança, ter sua própria dignidade, sua capacidade de autoestima.

Revitalização dos saberes indígena são os encontros realizados anualmente com objetivo de praticar as culturas, de danças, de kujà, jogos indígenas entre outros.

Cotas nas Universidades e nos Institutos Federais com ingresso de indígenas no ano de 2008 nas Universidades e em 2012 nos IFES.

Com o ingresso na educação foi possibilitado ações afirmativa tais como: bolsa permanência do MEC, monitoria, moradia, alimentação, vale transporte, etc.

Jogos de integração com outras T.I., das quais participam as T.I. próximasumas das outras.

Acesso a tecnologia, na conjuntura a possibilidade dos indígenas terem computador, telefone celular e televisão.

Alfabetização de crianças indígenas, possibilitando escolas de primeiro a segundo grau dentro de algumas T.I.

Possibilidades de enfrentamentos dos problemas:

Ensino médio que está sendo implantado facilitando a formação do aluno indígena e a permanecer na sua T.I.

Para facilitar o conhecimento, proporcionar salas de aulas, laboratórios, biblioteca e banheiros.

Projetos de oficinas de resgate cultural, no uso de ervas medicinais, cantos, danças, artesanatos, idiomas etc.

Cursos Profissionalizantes de pouca duração, ministrado por órgãos competentes.

Palestras e ou cursos sobre drogas, álcool, cigarros, DST, gravidez precoce e Lei Maria da Penha.

Grupos de jovens, mulheres, associações e sindicatos.

Licenciaturas ligadas a questões indígenas, para haver melhor entendimento entre aluno e professor.

Construção de quadras para práticas esportivas tais como: futebol de salão, vôlei, basquete, etc.

Instrutor em informática para proporcionar formação de indígena nesta área, pois o estado doou aparelho de microcomputador e não há pessoas capacitadas.

Tratamento psicológico para viciados e posterior acompanhamento.

Construir uma estufa para ervas medicinais, proporcionando melhor aproveitamento de suas propriedades.

Governo indenize os agricultores, pelas suas terras e benfeitorias para demarcação de T.I., evitando conflitos.

Parcerias entre órgãos públicos Federais, Estaduais, Municipais e iniciativa privada, para que haja sucesso nos projetos implantados dentro de uma T.I.

Essas são constatações e encaminhamentos pontuais que precisam ser registrados no final do estudo. Não definimos como proposta apenas o levantamento de dados, mas também proposições que possam contribuir para que essa primeira investigação tenha resultados de iniciativas que possam contribuir para melhorar as condições de vida da comunidade T.I. de Ligeiro RS.

Minhas dificuldades para ser Educador Ambiental.

No decorrer do projeto do princípio ao final foram constatadas varias dificuldades, dentre as quais cito as seguintes:

Pela distancia geográfica do Instituto Federal, da Universidade Federal de T.I., para se fazer o acompanhamento semanal ou quinzenal.

A paralisação de atividades quando em momentos de conflitos interno, nesse período nada funciona internamente, isso ocorre pela segurança pessoal e patrimonial.

Por falta de material pedagógico específico bilíngue ligado com temas ambientais, saúde etc., organizar um manual de Educação Ambiental.

Dificuldades de financiamento para as atividades educativas.

Dificuldade de escrita no idioma, dos nomes das ervas medicinais como por exemplo, os indígenas entrevistados sabem dos nomes indígenas mas não dos nomes em português.

Falta de pessoas capacitadas para dar continuidade ao projeto na ausência do instrutor.

Ser brasileiro é uma identidade

Vocês não indígenas também são brasileiros por terem nascido no Brasil, mas eu sou o legítimo brasileiro. Analisem comigo e vejam onde está a raiz, a árvore genealógica de vocês, chega um determinado ponto que irão concordar comigo, mas não é só isso o que quero de vocês não indígenas; eu gostaria que fosse respeitada a minha cultura, minha forma de viver com a natureza, minhas rezas, minhas falas com as matas, rios e animais e principalmente o espaço a terra o suficiente para poder praticar a minha sobrevivência, pelo bem da cultura e preservação.

O que está acontecendo é que estão vendendo o Brasil para outros países, através das multinacionais. Ocorre uma devastação com o resto que ainda existe de matas, rios, lagos sendo dizimados. Devemos preservar, pois o nosso espaço está

cada vez menor, noto nas escolas nas terras indígenas, nós índios deixando de praticar a nossa cultura. O avanço no sentido de preservar a cultura indígena está diretamente relacionado com as discussões e orientações que devem ser oportunizadas aos indígenas ainda na escola.

Toda ação que exige comprometimento coletivo tem uma referência importante quando implementada nas salas de aula e extensiva às famílias.

Análise das Entrevistas

Durante o trabalho de pesquisa, estive com 17 pessoas indígenas do sexo masculino e feminino, das etnias Kaingang e Guarani.

Tento analisar e trazer algumas falas que vieram a caracterizar esta investigação. O conteúdo na íntegra está nas gravações feitas e registradas no DVD anexo.

Na entrevista com o guarani Joel Pereira Kuaray, Cacique da T.I. Ventara - RS, formado em Magistério, professor nas séries iniciais, esse fala que “na sua cultura” guarani acredita que após a morte existe vida nova.

Quanto à medicina tradicional o fato de entender a sua pureza, nos orienta que o consumo de medicamentos industrializados em parte é rápido o efeito, por exemplo, a pessoa sente dor de cabeça, imediatamente pensa em usar dipirona e que este até pode fazer efeito rápido, mas pode estar se prejudicando, enquanto que na cultura dele, evita-se esse procedimento, priorizando as ervas, por mais que elas demorem a fazer efeito, ao menos não prejudicam a saúde de quem faz uso.

Então a necessidade de revitalizar e incentivar o uso de ervas medicinais.

Já na fala do índio Kaingang Francisco Manoel Antônio, morador da T.I. Cacique Doble - RS, ele fala da importância dessa iniciativa e projeto de revitalização. A cultura da medicina tradicional é pouco trabalhada, poucas pessoas praticam esses trabalhos, somente restrito aos índios mais velhos. As gerações atuais, acreditam contato com o não indígena faz com que os nossos índios deixem

dos valores culturais que nos identificam como povo diferente, principalmente na questão da medicina tradicional.

Ainda parabeniza-me porque estou desenvolvendo esse estudo, e se tratar de um trabalho nas comunidades indígenas, com lideranças, com instituição do estado brasileiro. É importante que a juventude possa ver isso como referencia na busca do ensino técnico, ensino superior e especializações para que, com o conhecimento adquirido, se possa manter, fortalecer e revitalizar a cultura da medicina tradicional como também as outras culturas que pertencem a nós Kaingang.

Ainda ele vê com bons olhos o fato de nossos parentes indígenas estarem nas universidades estudando medicina ocidental. Ele sabe das dificuldades que estes alunos indígenas passam, mas há também o compromisso de retomarem e revitalizarem o uso da medicina tradicional com a ocidental. Ressalta o papel da comunidade em apoiar e dar espaço para que estes jovens desenvolvam seus trabalhos, para proporcionar saúde de qualidade à comunidade indígena, com isso chegando à qualidade de vida conseqüentemente a educação vai ter avanço tendo mais interesse dos jovens.

Outros campos da cultura também estão sendo deixados de lado como, por exemplo, na fala do kujà Jorge Kanã Garcia, morador da T.I. Nonoai - RS quando me revela que certa feita foi em uma sala de aula para dialogar com alunos e este se entristece quando essas crianças não sabem falar o idioma Kaingang e também não se interessam pelas ervas medicinais.

As crianças acham que o velho está falando bobagem, o kujà também fala de revitalização na busca de suas marcas kamẽ e kanhru, quando este me auxilia a me identificar a que dualidade pertenço através das unhas da mão, no meu caso unhas curtas e dedos curtos, portanto sendo da dualidade kanhru.

Márcio Katánh Manoel Antônio, professor na escola da T.I. Cacique Doble - RS esclarece que doença do ponto de vista cultural seria quando uma pessoa fica impossibilitada e na seqüência sente fraqueza, não tendo energia de ação.

Diante disso com a vinda dos imigrantes já existia alguma forma de doenças, e que na época os índios tinham qualidade de vida e maior longevidade, mas que pelo contato com não indígena começa então a surgir mais formas de doenças e que em alguns casos dizimou povos.

Lourivan Manoel Antônio mora na T.I. Ligeiro - RS tem curso específico de Auxiliar em Enfermagem indígena, no ano de 1993 foi promovido com praticas na lida com ervas medicinais utilizadas pelos índios, atualmente trabalha como Agente de Saúde na T.I. Ligeiro. Então nota-se a necessidade de constantemente estar promovendo encontros, discussões e cursos, nessa área de atuação.

Moradora da T.I. Ligeiro - RS, Maria Helena Domingos, uma das indígenas mais novas a atuar com ervas medicinais e alimentícias, esta comenta das doenças mais comuns daquela T.I.: infecção na bexiga e útero, diabetes, pressão alta entre outros. Existem formas de consumos dessas ervas medicinais como no chimarrão ou chás. Ela usa seus familiares para testar e ver a eficácia na utilização das ervas e não serem dependentes dos remédios industrializados. Ainda existe o fato de repassar esses conhecimentos a seus familiares, há uma preocupação pelo pouco interesse dos mais jovens em aprender a prática do uso das ervas medicinais.

Olinda Candinho, moradora na T.I. Ligeiro - RS, curandeira e benzedeira, fala do movimento da retomada no uso das ervas. Entende que não é somente o interesse de retomada, mas em capacitar as pessoas a conhecerem determinadas ervas e suas utilidades. O conhecimento que estes detêm não é de uso exclusivo dos indígenas, pois há o interesse dos não indígenas que buscam esses chás e ervas nas terras indígenas.

Estes conhecimentos dos curandeiros, benzedeiros e kujà, não estão sendo baseados em livros, e sim nas memórias destes, então há possibilidade de se escrever e fotografar as erva para facilitar futuras consultas.

Houve uma época em que a nós era imposto e proibido o uso dessas ervas inclusive o idioma, e alguns momentos pelos próprios responsáveis políticos de tutela "SPI e FUNAI". Com o tempo foi se retomando o espaço, digo o uso e a forma de vida diferenciada ser mais respeitada.

Acredito que haja mais processos de educação ambiental a serem discutidos e implantados nesse momento de revitalização, penso porque não há uma Sala Verde semelhante ao que temos na FURG, com bibliotecas, acervos bibliográficos, entrevistas de kujà, curandeiros, parteira, lideranças políticas internas, conquistas, produção de livros, vídeos etc.

Ainda o fato das terras indígenas serem de pequenas áreas, há necessidade de investir em artesanatos, local em turismo, retomar principalmente o trabalho, pensar e agir coletivo.

Pude constatar em todas as falas que tive com adulto e criança a preocupação com os conflitos internos e externos e o avanço das drogas nas terras indígenas, e os pensamentos não indígenas que alguns índios estão aderindo.

Quando surge esse trabalho de pesquisa de revitalização, por nós, para nós “índios” aumenta a esperança de um povo esquecido, oprimido e principalmente não respeitando a sua cultura diferenciada.

5.1 Frutas Nativas da T. I. Ligeiro e suas dualidades

Imagem nº40: kujà Pedro Garcia(E)Jorge Garcia(D)



Fonte: Darci Emiliano 2015

As dualidades das frutas, ervas e plantas alimentícias foram informadas pelos kujà Jorge Garcia e Pedro Garcia. Para se formar uma fruta é necessário que haja as duas dualidades kamě e kanhru, por exemplo: o pinheiro comprido – ténh-kamě e a pinha redonda – rór-kanhru.

Conforme os kujà depende do espírito guia jygrě para auxiliar na identificação destes.

Nome comum	Kaingang	Científico	Dualidade
Amoreira preta	krén	Rubus fruticosus, L.	kanhru
Aritucum	kokrey	Annonaceae	kanhru
Butiá	tãnh màg	Butia SP	kamě
Cereja	kakaně	Eugenia involucrata.DC.	Kanhru
Coqueiro	tãnh	Arecastrum remanzoffianvm	kamě
Goiaba Nativa	kakaně	Feijoa Sellowiana, Berg.	kanhru
Guabiju	kakaně	Eugenia pungens, Berg.	kamě
Guabiroba	pěnva	Campomanesia SP	kamě
Guamirim	fyr kaně	Myrtaceae Myrceugenia SP	kanhru

Jabuticaba	mã	Myrcalaria trunciflora Berg	kanhru
Uvaia	jénjónh	Eugenia pyriformis	kamě
Pinhão	fág	Araraucaria angusdtifolia	kamě
Pitangueira	jymĩ	Eugenia Uniflora	kanhru
Sete Capote	kyrěr	Myrtaceae	kamě
Vacun	kakaně	Sapindaceae	kanhru

Imagem 41: Amora silvestre-kanhru



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2014

Imagem 42: Araticum-kanhru



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2015

Imagem 43 Butiá-kamě



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2015

Imagem 44: Cereja-kamě



Fonte:corpossana.wordpress.com

Imagem 45: Coqueiro-kamě



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2014

Imagem 46: Guabiju-kamě



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2014

Imagem 47: Guamirim-kanhru



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2014

Imagem 48: Jabuticaba-kanhru



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2015

Imagem 49: Pinhão-kamẽ



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2015

Imagem 50: Pitang-kanhru



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2015

Imagem 51 Sete Capote-kamẽ



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2015

Imagem 52: Vacun-kanhru



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2014

Imagem 53: Uvaia-kamě



Fonte:Arquivo Darci Emiliano 2014

Imagem 54: Goiaba nativa-kanhru



Fonte: Arquivo Darci Emiliano 2014

5.2 Plantas Alimentícias da T.I. Ligeiro e suas dualidades

Nome comum	Kaingang	Científico	Dualidade
Abobora	pého, pehu	Cucurbita pepo, L.	kanhru
Alface	ěgòro	Lactuca sativa, L.	kanhru
Batata doce	matata fěj	Ipomoea batata	kamě
Broto de abobora	pého fěj	Idem abobora	kanhru
Caraguatá do banhado	fỹnh	Bromelia antiacantha	kamě
Caruru	ěgòro	Amaranthus SPP	kanhru
Cenoura	ěgòro	Daucus carota, L.	kamě
Erva Moura	fua/fuva	Solanáceas	kanhru
Feijão	rãgrò	Pascolus Vukgaris Leguminosa	kanhru
Mandioca	nin/mãnjóka	Manihot esculenta	kamě
Mandioca braba	kumĩ	Manichhot utilíssima	kamě
Mentruz	mĩ truj	Chenopodium ambrosioides L.	kanhru
Milho	gār	Zea maysh	kamě
Moranga	pèho	Cucurbita SP	kanhru
Pepino	nin	Cucumis sativus, L.	kamě
Seralha	ěgòro	Sonchus oleraceus, L.	kamě
Urtigão	pyrfè	Urera baccifera L	kanhru

Imagem 55: Abobora-kamê



Fonte:Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 56: Batata – doce-kamê



Fonte:Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem57:Broto de abobora-kanhru e milho-kamê



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 58: Caraguatá do banhado-kamê



Fonte:Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 59: Caruru-kanhru



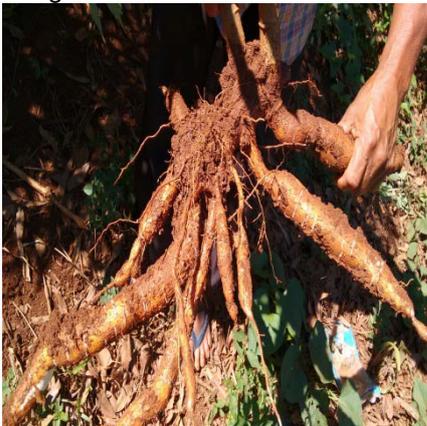
Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 60: Feijão-kanhru



Fonte: Arquivo Darci Emiliano – 2014

Imagem 61: Mandioca-kamê



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 62: Mandioca braba- kamê



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 63: Mastruço/Mentruz-kanhru



Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 64: Moranga-kanhru



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 65: Pepino-kamê



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 66: Serralha-kamê



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 2014

Imagem 67: Urtigão-kanhru



Darci Emiliano - 2014

Imagem 68: Erva moura-kanhru



Fonte: Arquivo

Fonte: Arquivo Darci Emiliano - 2014

5.3 - Ervas e alimentos que curam e suas dualidades



ABÓBORA -kanhru (*Curcubita pepo*): As folhas são usadas em cataplasma em casos de queimaduras e inflamações. É excelente vermífugo, tônico para o fígado, rins e intestinos. Contém grande quantidade de vitamina A, essencial para a saúde da pele e mucosas. Imagem 69



ALHO-kamê (*Alium sativum*): Poderoso depurativo do sangue é considerado expectorante, antisséptico pulmonar, antiinflamatório, antibacteriano, tônico, vermífugo, hipoglicemiante, antiplaquetário, antioxidante, diminui o colesterol e a viscosidade sanguínea. Indicado na diabetes, hipertensão, bronquite, asma e gripes. Imagem 70



ANGICO-kanhru (*Piptadenia rigida*, Benth.) A goma dissolvida em água quente e mel usa-se para asma, bronquite, sinusite, problemas respiratórios. O chá da casca é depurativo do sangue, usado para doenças venéreas; a tintura da casca do angico usa-se em dores no corpo como: reumatismo, artrite, torcicolos e dores musculares. Imagem 71



AROEIRA -kanhru (*Schinus terebinthifolius*): Suas propriedades adstringentes e antimicrobianas, além de sua eficácia na proteção contra úlcera gástrica. Balsâmica, é também empregada nas doenças de vias urinárias, como cistite. Nas bronquites, gripes e resfriados, ajuda a combater febre e secreções. Imagem 72



ARRUDA-kanhru (*Ruta graveoleons*): Usada popularmente contra gases, nevralgias e como vermífugo; além de combater piolhos e coceiras. Ajuda a aumentar a resistência de vasos capilares sanguíneos. Indicada especialmente nos reumatismos, nevralgias, verminoses e problemas respiratórios, sua inalação abre os brônquios. Imagem 73



BABOSA-kamě (*Aloe vera* L.). Usado topicamente sobre inflamações, queimaduras, eczemas, queda de cabelo. A polpa é antioftálmica, vulnerária e vermífuga. A folha serve para renites hemorroidais, entroses, contusões, dores reumáticas e ainda feito pomadas. Imagem 74



BOLDO-kanhru (*Coleus barbatu*, Benth.): O chá das folhas é usado para problemas digestivos, do fígado, do estômago, intestino e azia. Serve para curar ressaca por excesso de bebidas. Imagem 75



CAPIM CIDRÓ-kamě (*Cymbopogon citratus*): Planta sedativa, analgésica e antitérmica, promove uma diminuição da atividade motora e aumenta o tempo de sono. O chá ajuda a controlar as desordens nervosas. O uso é comprovado nas dispepsias, flatulências e cólicas. Imagem 76.



CARQUEJA-kamê (*Baccharis trimera*): A carqueja é usada para ajudar a combater problemas do fígado e vesícula biliar como cálculos (pedras.), para problemas digestivos, úlcera, gastrite, má-digestão e diurético, é conhecida por auxiliar no emagrecimento e no controle da diabetes. Imagem 77



CAVALINHA-kamê (*Equisetum SP.*): Rica em minerais, fortalece o organismo, combate tuberculoses, hemorragias internas, problemas de bexiga, de incontinência urinária, úlceras gástricas e celulite. É cicatrizante, regenerando rapidamente os tecidos. Bom para próstata, osteoporose. Imagem 78



CIPÓ MIL HOMENS-kanhru (*Aristolochia brasiliensis*): Estimulante dos rins, fígado e baço, ajuda a amenizar cólicas intestinais e a febre. Popularmente é usada contra picadas de cobras, aplicando-se a planta moída sobre o ferimento. Imagem 79



CONFREI-kanhru(*Symphytum officinale, L.*) Uso externo para rachaduras na pele, nos seios, no ânus, para lavar feridas varicosas, úlceras, queimaduras, psoríase e outras inflamações. Imagem 80



DENTE DE LEÃO-kamê (*Taraxacum officinale*): Tônico hepático, diurético e depurativo do sangue, age no fígado e nos rins. É indicado também para diabéticos. Consumido em saladas, sucos ou chás é antiescorbútico, antiácido e laxante. Imagem 81



ERVA MATE-kanhru (*Ilex paraguayensis*): Indicada como estimulante dos nervos, digestiva, auxiliar nas afecções dos rins e bexiga, reumatismo e dispepsias, laxativa. Em função da cafeína, é estimulante da atividade cerebral, combate o cansaço. Sua infusão é ótima auxiliar nos regimes de emagrecimento. Imagem 82



ESPINHEIRA SANTA-kamë (*Maytenus ilicifolia*): Combate à úlcera e outros problemas estomacais como gases, má digestão, gastrite crônica e azia, males dos rins e fígado. As folhas, frescas ou secas, são utilizadas no preparo de infusões para uso interno e externo. O efeito cicatrizante também pode ser observado como auxiliar no tratamento de problemas da pele, como acne, feridas e eczemas. Os índios brasileiros a empregavam no tratamento de tumores – o que pode ter dado origem a nomes populares como “erva cancerosa”. Imagem 83



EUCALIPTO-kamë (*Eucalyptus sp.*) O chá com mel serve para asma, bronquites, afecções pulmonares e gripes. Compressas em dores de nevralgias de origem reumática, ciática, nas articulações ou nas costas, fazer nebulização com cozimento das folhas para renite, sinusite e afecções respiratórias, usa-se como desinfetante. Imagem 84



ERVA MOURA-kanhru - fuva: (*Solanum nigrum*, L.) Usam-se externamente as folhas frescas sobre úlceras, dermatoses e pruridos na região anal, o cozimento das folhas serve para banhar partes doloridas ou inflamadas do corpo. Espécie de vegetal de altura média, utilizado na alimentação, cosido, depois temperado com banha, sal e cebola. Imagem 85



FUNCHO-kamê (*Foeniculum vulgare*): Indicado contra a azia, bronquite, cólicas, gases, dispepsias, diarreia, problemas do fígado, estômago e rins. A infusão é útil nos problemas oculares e conjuntivite. Em concentrações elevadas os óleos essenciais do funcho apresentam atividade inseticida. Calmante para espasmos de crianças. Imagem 86



HORTELÃ-kanhru (*Mentha piperita*): Antisséptica, expectorante, indicada para estafa, dores abdominais, alivia nevralgias, ajuda na respiração e auxilia no combate a gripes e tosses. Muito útil na culinária como tempero e aromatizante. Imagem 87



LARANJA- kanhru; flor, folhas e frutos (*Citrus aurantium*):

Flor usada contra espasmos, nervosismo e insônia, as folhas são calmantes e combate a insônia, febres, gripes e resfriados, comer frutos em jejum estimula as funções do fígado e da bÍlis, tem vitamina C e ajuda a assimilação do cálcio. Imagem88



LÍNGUA DE VACA-kamê (*Plantago major*):

Alivia a dor em feridas, combate a inflamação e ajuda na cicatrização. Tem ação tônica e age nos casos de erupções cutâneas, blenorragia e coceiras. Imagem 89



MACELA-kamê (*Achyzocline satureoides*):

Planta aromática com inflorescências usadas em travesseiros com finalidades calmantes. Em chá é indicado para acalmar cólicas abdominais, é usada na medicina popular para tratar problemas gástricos e digestivos, males do pâncreas e da vesícula, colites, inapetência, desinteiuras, distúrbios menstruais, enjoos, náuseas e vômitos. Também são conhecidos seus poderes como sedativa e analgésica. Externamente é usada para acalmar reumatismos e dores musculares. Imagem 90



MARACUJÁ-kanhru (*Passiflora alata*): Conhecido por sua ação tranquilizante, antiespasmódica e diurética. Indicado em dores de cabeça de origem nervosa, ansiedade, perturbações nervosas. Contraindicado em pressão baixa. Imagem 91



MASTRUÇO-kanhru (*Lepidium sativum*): Depurativo muito empregado em doenças pulmonares, como pneumonia, bronquite e raquitismo. Alivia hematomas e feridas. As folhas são usadas em cataplasmas para aliar sinusite. Imagem 92



MIL-EM-RAMA-kamê (*Achillea millefolium, L.*) Indicada para hemorragias externas e internas: uterinas, dos pulmões, de hemorroidas, feridas, úlceras, queimaduras e varizes. É analgésica para cólicas, dores de estomago, de dente e câimbras, anti-inflamatória para bexiga, incontinência urinária, rins, intestinos, para baixar a febre e pressão alta. Imagem 93



PATA-DE-VACA-kanhru (*Bauhinia forticata*, Link.) Usa-se as folhas, flores ou casca para diabete, colesterol, como diurético, cicatrizante, cálculos renais e recuperar o pâncreas, diarreias extremamente para fungos e micróbios.

Imagem 94



PICÃO PRETO-kamě (*Bidens pilosa*): Usada popularmente contra alergias, amidalites, anti-séptico bucal, asma, boca amarga, bronquite, catarros, colesterol, gastrenterite, hepatite, icterícia, indigestão, infecções do estômago e rins, infecções urinária e vaginal, intoxicação alimentar, pâncreas, úlceras gastroduodenais. Imagem 95



PITANGUEIRA-kanhru (*Stenocalys michelli*): Muito utilizada contra diarreia em crianças, bronquite, febre e ainda abaixa a pressão. É calmante infantil e bom para os nervos. Imagem 96



QUEBRA PEDRA-kanhru (*Phyllanthus niruri*): Famoso por sua ação diurética, é conhecida popularmente por auxiliar no controle da glicemia, ser antibactericida. Sua atuação no fígado está sendo estudada largamente para usada contra a hepatite tipo B. Ajuda a dissolver cálculos renais, promover a desobstrução da uretra e a eliminação do ácido úrico. Contra indicado na gravidez. Imagem 97



ROMÃ-kamê (*Punica granatum*): A medicina popular utiliza as cascas da romã como adstringente, contra inflamações de garganta e cólicas. Ajuda a eliminar vermes e lombrigas. Imagem 98



SALSA-kanhru (*Petroselinum sativum*): Usa-se a planta toda por infusão no combate à cistite, nefrite, inflamação da uretra, icterícia, hidropisia, menstruação difícil, cólicas e problemas uterinos. Combate gases intestinais, estimula o apetite, facilita a digestão. O chá é indicado para limpar os brônquios e também como diurético útil especialmente nos casos de gota. Imagem 99



TANSAGEM-kamê (*Plantago major*): Pode agir como bactericida sobre as vias respiratórias em casos de inflamações, destruindo microrganismos e limpando secreções. Indicada também em casos de diarreias e hemorragias pós-parto. O suco das folhas pode ser usado em bochechos para acelerar a cicatrização da gengiva em casos de cirurgia e extrações de dentes.

Imagem 100



UMBU-kanhru (*Phytolacca dioica*, L.): Para dores reumáticas ou artrites. As folhas torradas e moídas servem para inibir o consumo de bebidas alcoólicas. Imagem 101



URTIGA- kanhru (*Urtica dioica*): De ação vasoconstritora e depurativa, a urtiga é revitalizante, hipoglicemiante e tônico capilar. Ajuda a melhorar a circulação sanguínea. Pode provocar irritações na pele ao contato. Não é recomendável utilizar as sementes. Imagem 102

Fontes: As fotos das ervas e alimentos que curam arquivo Darci Emiliano.

CAPITULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho esperança que com essas administrações Federais, Municipais e Estaduais, atuais e vindouras, seja facilitada a vida dos indígenas, demarcando suas terras reivindicadas, pois há pouco apoio nesse sentido. Estamos dependentes de nossos aposentados e estes fazem malabarismo, pois precisam ajudar filhos, netos e outros parentes.

Por parte do governo federal existe a política pública que está chegando com a cesta básica, a qual não é suficiente. Não tenho nada ou quase nada, mas ao mesmo tempo tenho tudo, pois tenho o meu povo, a minha história, o sofrimento, a luta e a garra na tentativa de reorganizar política, econômica e socialmente e principalmente na busca constante de revitalização dos saberes destes.

Com o trabalho de pesquisa realizada na T.I. Ligeiro, pude perceber e confirmar que a cultura está sendo esquecida em partes, e da necessidade urgente de começar o trabalho de revitalização por indígenas, lideranças políticas, lideranças espirituais, professores, acadêmicos e pessoas não indígenas que se identificam com a causa. Inclusive em nós mesmos, pois notei que até eu precisava desse estímulo de busca e agradeço principalmente pelo meu orientador o qual me questionava o tempo todo.

Também chegou o momento em que eu achava que estava tudo perdido, mas não, há ou existem alguns pontos a serem mais trabalhados, e outros nem tanto, mas de maneira geral, buscar a Revitalização que urgentemente necessitamos.

Precisamos com certeza continuar com as nossas ações em preservar o meio ambiente não pensar em ter, mas sim o ser, não na ganância e exploração de nossa mãe terra. Não deixar que o ocidental nos divida, nos contamine com suas ações de destruição, foi o que observei de todos os conflitos internos e externos à Terra Indígena, pois existe o interesse do capitalismo, do agronegócio e principalmente o pior o fornecimento de armas de fogo para que nós mesmos nos extingamos.

Acredito e tenho certeza que nós indígenas sobreviveremos sem a monocultura se voltar a praticar a agricultura diversificada que nossos pais faziam, como a plantação de milho, feijão, mandioca, amendoim, abóbora, etc.

Há dificuldade de fazer uma revitalização, mas não foi o que aconteceu com a minha pesquisa e sua implantação, teve um momento em que ficou abandonado o projeto, foi quando do conflito interno, nesse período paralisam todos os projetos em andamento, inclusive na saúde e educação interna. Quem quer que isso aconteça? São pessoas com mentalidade de capitalista, explorador e não de índios pois o índio entre índio se acertam se entendem, um tem amor pelo próximo e sabe do dia a dia, e das dificuldades de cada um

O que está acontecendo no Ligeiro é que existem brancos morando dentro da terra Indígena que se passam por índios, esses são os que querem que os índios verdadeiros tendam a pensar como eles. Há necessidade de não massacrar a nós mesmos, pois nós já fomos e somos massacrados e exterminados. Sei que anteriormente aos caciques os índios eram liderados pelos seus kujà, motivo pelo qual também acredito estar ocorrendo estes conflitos internos pois certamente não está sendo implantado pelo cacique a forma de ação entendida pelo kujà, pois no Ligeiro não existe um kujà.

Aqui na T.I. Ligeiro o cacique surgiu com o objetivo de organizar os trabalhos do “panelão”, como o governo ou as pessoas responsáveis não sabiam a fala no idioma Kaingang, precisavam ter o domínio destes, mas por estes mesmos. Aí se inicia o massacre do índio em algum momento, pois como era na época do militarismo havia os ditadores e autoritários. Mas há Terra Indígena onde existem kujà, estes trabalham em conjunto com o seu cacique através de conselhos, para que não se perca principalmente o modo de vida e busca incessante de manutenção da cultura com qualidade de vida. Também nesse rumo de ideia acho necessário o governo federal remunerar financeiramente esses caciques e kujà pelo trabalho que exercem com o seu povo, auxiliando o próprio governo.

Pelo meu trabalho de pesquisa agradeço a oportunidade que me foi dado pela PPGEA-FURG Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, de poder

escrever por mim e pelo meu povo, da necessidade que oportunizem mais projeto de pesquisas por esse povo para o seu povo.

Quero e preciso deixar a natureza em condições para meus descendentes, assim como meus antepassados brigaram para que eu pudesse usufruir desse bem.

Busco, através da educação, saídas para podermos também nos munir de ferramentas, conhecimento dos opressores, para lutar pelos nossos direitos, para a conquista de uma forma de vida diferenciada, a cultura, as crenças, um povo que pede socorro para não ser extinto.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, Sérgio; OLIVEIRA, Lúcia; OLIVEIRA, Vagner de. *Uma farmácia no fundo do quintal*. Globo Ciência, São Paulo, ano 6, n. 64. nov. 1996.

BALLIVIÁN, José Manuel Palazuelos. *Tecendo relações além da aldeia: artesãos indígenas em cidades da região sul*. São Leopoldo: Oikos; Comin 2014.

_____. *Guia do Professor – Cultura Ambiente e Biodiversidade*. COMIN/CAPA (Parceria) & Escolas Indígenas da Terra Indígena Guarita. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. *Abelhas Nativas sem ferrão – Myg Pe*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

BENVENUTI, Juçara; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (orgs). *A Educação Indígena sob o ponto de vista de seus protagonistas*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

BRASIL. *Constituição Federal 1988*.

COELHO SILVA, Rozeli. *Levantamento de plantas medicinais em comunidades de Rio Novo do Sul, Iconha, Itapemirim e Cachoeiro de Itapemirim*. In: ENCONTRO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS, 1, 1988, Rio Novo do Sul. Anais Vitória: EMATER-ES/MEPES, 1989.

CLAUDINO, Zaqueu Key. *A formação da pessoa nos pressupostos da tradição educação indígena kaingang*. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Porto Alegre 2013.

CRUZ, Gilberto L. da. *Livro verde das plantas medicinais e industriais no Brasil*. Belo Horizonte: [s.n], 1965.

FERREIRA, Bruno. *Políticas públicas para educação escolar indígena diferenciada*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

FRANCO, Ivacir João (Pe.) *Ervas e Plantas: A Medicina dos Simples/Ivacir João Franco e Vilson Luiz Fontana*. 12ª Ed. Erechim – RS. Editora Livraria Vida Ltda. 2011.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papiurus, 1991.

HAVERROTH, Moacir. *Kaingang um estudo etnobotânico*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis, junho de 1997.

INÁCIO, Júlio César. *Zoneamento Etno-Ambiental da terra indígena de ligeiro: um estudo com base na ecologia da paisagem*. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ecologia, do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ecologia, área de Concentração em Ecologia da Paisagem. Porto Alegre, dezembro de 2005.

Instituto Socioambiental (ISA). *Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

KAINGANG, SUZANA FAKÓJ (Org.) - *Eg Rá: Nossas marcas/ Kaingang* – Joziléia Daniza Jagso, Inácio Jacobsen, Lucia Fernanda Jófej Kaingang.

LOPES VELASCO, Sirio. *Introdução à Educação Ambiental*. Rio Grande: editora da FURG, 2008.

MARCON, Telmo. *Historia e Cultura Kaingang no Sul do Brasil*. Passo Fundo: Graf. Ed. Universidade de Passo Fundo, 1994.

MARKOS, Cledes. *Povo Kaingang: Vida e Sabedoria* – Semana dos Povos Indígenas - COMIN. 2012.

Moradia indígena e seus entornos - Território Kaingang e Guarani - Região Sul. /Organizadores José Manuel Palazuelos Ballivián e Alexandra C.P. Palazuelos . - São Leopoldo: Oikos; Comim, 2014.

Morin, Edgar *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo/Brasília, Cortez/UNESCO, 2000.

_____. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

NÓVOA, Antonio. *Os Professores na Virada do Milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999.

OLIVEIRA, Elvira. *Os Índios do Brasil*. Coleção de Olho no Mundo, Abril Multimídia para Revista Recreio, 2000.

PALAZUELOS BALLIVIÁN José M. (Org.) *Artesanato Kaingang e Guarani: Territórios Indígenas* – Região Sul, 1ª reimpr. – São Leopoldo: Oikos. 2012.

ROSA, Rogério Réus Gonçalves da. *Os kujà são diferentes. Um estudo etnológico do complexo xamânico dos kaingang da terra indígena Votouro*. Tese apresentado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Doutor. 2005.

SCHONARDIE, Elenise Felzke. *Dano ambiental a omissão dos agentes públicos*. 2. Ed. Passo Fundo: UPF, 2005.

SILVA, Luís Freitas da. *Kanhgág ag Venh Kógan kar ag Venhgrén: pintura e dança Kaingang*. Santo Ângelo, RS: Ediuri, 2009.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação de Professores*. 11ª. ed, Petrópolis RS: Vozes, 2002.

V Encontro dos Kujà - Terra Indígena, Morro do Osso - Porto Alegre - RS: 21 a 23 de novembro de 2014.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. *Kaingang-Português Dicionário Bilingue*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Associação Guarani Nhe'ê Porá: www.cultura guarani.art.br/

Conselho Indigenista Missionário: www.cimi.org.br

corpossana.wordpress.com – acessado em 03.05.2015
www.acemprol.com/historia.do.dia.do.indio

Ministério Público Federal – Procuradoria Geral da República: <http://www.mpf.gov.br>

www.videonasaldeias.org.br

www.socioambiental.org.br

ti.socioambiental.org/pt-br

Portal Kaingang: www.portalkaingang.org

radiomunicipalam@gmail.com

www.radiotapejara.com.br - acessado em abril de 2015

www.acemprol.com/historia-do-dia-do-indio

POSSUELO, Sidnei. Vídeo indigenista disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=jhpFd770EME> Acessado em março de 2014.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

No contexto de meus estudos de mestrado estou explorando, como foco de pesquisa, o tema a Revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre plantas medicinais. Para tanto, necessito de sua colaboração, respondendo a este instrumento de pesquisa. Desde já, agradeço profundamente sua colaboração.

Nome do entrevistado:

(opcional) _____

Para a coleta de informações encaminho as seguintes questões:

- O que utilizam e utilizavam como ervas?
- O que é “doença” na sua visão?
- Como agente de saúde, qual o trabalho realizado com os indígenas?
- Os indígenas se interessam pelo saber tradicional de seu povo?
- De que forma incentivar os indígenas a se interessarem pelo resgate do saber tradicional de seu povo?
- É importante resgatar o saber tradicional? Por quê?

(Foram realizadas também algumas entrevistas foram registradas em vídeos transcritas e fotografadas e versavam sobre essas mesmas questões).

ANEXO 2

FOTOSCOLETA DE DADOS

Imagem 103: Visita à Sauri Manuel Antônio na T.I. Ventara– RS, Roberta Cadaval



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - março 2014

Imagem 104: Visita à Danilo Braga na T.I. Ligeiro. Roberta Cadaval



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - março 2014

Imagem 105: Entrevista com Dona Olinda na T.I Ligeiro



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - março 2014

Imagem 106: Plantio de mudas, com os netos do Kujà Jorge Garcia.



Fonte: Arquivo Darci Emiliano - março 2014

ANEXO 3

TERMOS DE CONSENTIMENTO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questiona da pesquisa (*Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades esta enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Danilo Braga, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.
Autorizo (X) Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: Ligeiro, 04 março 2014.

Assinatura do sujeito ou responsável: Danilo Braga

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você esta sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é de sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMACÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam; A revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam; A revitalização dos Saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Jorge K. Garcia, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam; A revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas duvidas e recebi uma copia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo Não autorizo a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.

Autorizo Não autorizo a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: 03/04/2014
Nanocai-RS Kujia

Assinatura do sujeito ou responsável: Jorge Garcia

Assinatura do pesquisador: [Assinatura]





TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades esta enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS)

PARTICIPANTES:

Eu, Joel Pereira Kuaray, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo (X) a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação. Autorizo (X) Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: Mato Preto Ventana Frebango RS 12/09/2013

Assinatura do sujeito ou responsável: Joel Pereira Kuaray
Assinatura do pesquisador: _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Produção e Resgate Cultural no uso de Ervas e Plantas Medicinais como alternativa tratamento de saúde na Reserva Indígena Charrua-RS: em busca da Sustentabilidade Ambiental.

Pesquisador Responsável: Darci Emiliano

Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Produção e resgate cultural no uso de ervas plantas medicinais como alternativa ao tratamento de saúde na Reserva Indígena Charrua-RS: Em busca da Sustentabilidade Ambiental*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades esta enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS)

PARTICIPANTES:

Eu, Lourivan Manoel Andrião, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Produção e resgate cultural no uso de ervas e plantas medicinais como alternativa ao tratamento da saúde na Reserva Indígena Charrua-RS em busca da sustentabilidade ambiental" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.

Autorizo () Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: 06/09/2013
Charrua RS

Assinatura do sujeito ou responsável: Lourivan Manoel Andrião

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você esta sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é de sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMACÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam; A revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam; A revitalização dos Saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Lourenivaldo Veloso, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam; A revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma copia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.
Autorizo (X) Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: 30 de Novembro 2014

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do pesquisador: _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, LUÍZA CAETANO, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação. Autorizo (X) Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: VENIARA - EREBANGO - RS 03/03/2014

Assinatura do sujeito ou responsável: Luíza Caetano

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Produção e Resgate Cultural no uso de Ervas e Plantas Medicinais como alternativa tratamento de saúde na Reserva Indígena Charrua-RS: em busca da Sustentabilidade Ambiental.
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Produção e resgate cultural no uso de ervas plantas medicinais como alternativa ao tratamento de saúde na Reserva Indígena Charrua-RS: Em busca da Sustentabilidade Ambiental*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades esta enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Lurdes Emiliano, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Produção e resgate cultural no uso de ervas e plantas medicinais como alternativa ao tratamento da saúde na Reserva Indígena Charrua-RS em busca da sustentabilidade ambiental" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.
Autorizo () Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: 06/07/2013
Charrua - RS

Assinatura do sujeito ou responsável: Lurdes
Assinatura do pesquisador: Darci

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é de sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Titulo do Projeto: Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Maria Helena Domingos, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS” Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma copia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação. Autorizo () Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: 30/07/2024 ligeiro, charrua-RS
Reserva Indígena:

Assinatura do sujeito ou responsável: Maria Helena Domingos

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é de sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMACÕES SOBRE A PESQUISA:

Titulo do Projeto: Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Marina Ferreira, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS” Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.

Autorizo () Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: 30 de janeiro 2015 Ligeiro

Assinatura do sujeito ou responsável: Marina Ferreira

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você esta sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é de sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: A revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/question da pesquisa (*A revitalização dos Saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2015. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Marcio Katanh Manuel Antonio abaixo assinado, concordo em participar do estudo "A revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.

Autorizo (X) Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: Cacique Joble - RS 06 Março 2015.

Assinatura do sujeito ou responsável: Marcio Katanh Manuel Antonio

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você esta sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é de sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Titulo do Projeto: Alimentos que curam; A revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam; A revitalização dos Saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Marculino Pedrosa, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Alimentos que curam; A revitalização dos saberes e práticas Kaingang sobre as plantas tradicionais como proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS” Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas duvidas e recebi uma copia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.

Autorizo (X) Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: Votoiro Benjamin Contante, 03/04/2014

Assinatura do sujeito ou responsável: Marculino

Assinatura do pesquisador: [Assinatura]





TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas à aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Narciso José Antonio, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação. Autorizo (X) Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva indígena: 24 de Novembro 2014, Terra Indígena Ligeiro -

Município - Charrua - RS

Assinatura do sujeito ou responsável: Narciso J. Antonio

Assinatura do pesquisador: [Assinatura]

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você esta sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é de sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMACÕES SOBRE A PESQUISA:

Titulo do Projeto: Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/question da pesquisa (*Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Olinda Caetano Nunes, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas duvidas e recebi uma copia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso especifico em sua dissertação.
Autorizo () Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

30/07/2014
Local e data: Reserva Indígena: ligeiro.charrua-rs

Assinatura do sujeito ou responsável: Olinda Caetano Nunes

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano





TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questionamento da pesquisa (*Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Sauri Taféj Manoel Antonio, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação. Autorizo () Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: Ventana, município de Erebango RS; 03/03/2014.

Assinatura do sujeito ou responsável: Sauri P.M. Antonio

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você esta sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é de sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Titulo do Projeto: Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Terezinha Lima, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Alimentos que curam: Revitalização de Saberes Tradicionais Kaingang como Proposta de Educação Ambiental na Terra Indígena Ligeiro, município de Charrua-RS” Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas duvidas e recebi uma copia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação. Autorizo () Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: Ligeiro 30 de Janeiro 2015.

Assinatura do sujeito ou responsável: Terezinha Lima

Darci Emiliano

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Produção e Resgate Cultural no uso de Ervas e Plantas Medicinais como alternativa tratamento de saúde na Reserva Indígena Charrua-RS: em busca da Sustentabilidade Ambiental.
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Produção e resgate cultural no uso de ervas plantas medicinais como alternativa ao tratamento de saúde na Reserva Indígena Charrua-RS: Em busca da Sustentabilidade Ambiental*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades esta enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Vitorino Vera da Silva, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Produção e resgate cultural no uso de ervas e plantas medicinais como alternativa ao tratamento da saúde na Reserva Indígena Charrua-RS em busca da sustentabilidade ambiental" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação.
Autorizo Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena 16/07/2013
Charrua-RS

Assinatura do sujeito ou responsável: VITORINO

Assinatura do pesquisador: Darci Emiliano



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades esta enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Valdomiro Verqueiro, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua-RS" Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo Não autorizo a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação. Autorizo Não autorizo a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: Morro do Liso, POA - RS 22/01/2014

Assinatura do sujeito ou responsável: Valdomiro Cacique da Terra Indígena

Assinatura do pesquisador: Darci Emílio



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS
Pesquisador Responsável: Darci Emiliano
Telefone para contato do pesquisador: (54) 96254108

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua- RS*), é pelo desenvolvimento de um dispositivo que será importante para o processo de pesquisa de Mestrado em EA. A pesquisa se justifica no Brasil, a utilização de plantas medicinais para tratamento de enfermidades está enraizada às culturas indígenas, que por muito tempo tal procedimento representou a principal forma de cura. O objetivo desse projeto é promover a valorização das técnicas tradicionais de produção, incentivar o manejo de recursos naturais que possam ser utilizados na saúde e alimentação, gerando qualidade de vida, e promover e incentivar a criação de viveiros, hortas caseiras e farmácias verdes, produção de mudas, cultivo e uso. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: implantação, uso de questionários, produção de vídeo e fotografias, gravação em áudio e vídeo de diálogos durante as visitas a aldeia durante o ano de 2013 e 2014. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELOS(AS) PARTICIPANTES:

Eu, Vilacis Candinho, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Alimentos que curam: Sustentabilidade Ambiental na Reserva Indígena Charrua-RS” Fui informado pelo pesquisador Darci Emiliano dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o pesquisador necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação. Autorizo (X) Não autorizo () a utilização, por parte do pesquisador, do material audiovisual produzido por mim, durante a atividade citada, no documentário que será desenvolvido a partir das imagens produzidas e que compõe a dissertação em questão.

Local e data: Reserva Indígena: 6/07/2014 Terra Indígena Higiena - Cacique

Assinatura do sujeito ou responsável: Vilacis Candinho

Assinatura do pesquisador: [Assinatura]